

Universidade Católica Portuguesa  
Instituto de Estudos Políticos

Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais: Segurança e Defesa



**A DIVERSIDADE DE CONFLITOS INTERNOS NA  
AMÉRICA LATINA: O NARCOTRÁFICO E A  
INSURGÊNCIA**

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O MÉXICO E A COLÔMBIA A  
PARTIR DO SÉCULO XX

*Ricardo Raposo Lopes*

Orientador: Professor Doutor André Azevedo Alves  
Co-Orientador: Professor Doutor Orlando Samões

Lisboa, 2016



## **Agradecimentos**

Aos meus pais, pelos valores que me deram e por serem os modelos do êxito pessoal e profissional que sigo e seguirei sempre,

Ao Migo, o meu irmão, pelos conselhos e constante presença, sobretudo nos momentos mais difíceis, incluindo os que tive durante este projecto,

Aos meus avós, tios, padrinhos, primos e demais família por exaltarem o meu potencial e alimentarem os meus sonhos,

Ao Instituto de Estudos Políticos e ao seu Director, o Professor Doutor João Carlos Espada, por me ter deixado um legado intelectual e moral de qualidade indiscutível durante estes dois anos,

À professora e amiga, Doutora Ivone Moreira, por todo o apoio e carinho que me deu durante o mestrado e por ter acreditado no meu projecto de estudar na Colômbia ao abrigo de um acordo académico,

Ao meu orientador e amigo, professor Doutor André Azevedo Alves, pelos sábios conselhos, rigor e exigência transmitidos desde o início deste projecto, sem os quais nunca teria chegado até aqui,

Ao meu co-orientador e amigo, professor Doutor Orlando Samões, pela energia, entusiasmo e sugestões tão necessários à prossecução de um projecto desta natureza,

À Maria Angelica, pelo apoio incondicional, à sua irmã e aos seus pais, por serem a minha segunda família e me terem amparado a todos os níveis, durante a minha estadia na Colômbia, onde realizei parte desta investigação,

Ao meu professor e amigo da Colômbia, Doutor Mario Aguilera Peña, com quem aprendi tudo sobre a Insurgência a um ritmo alucinante,

Aos meus amigos, em particular à Sofia, ao Vasco, à Vanessa e ao Miguel, por terem surgido, em conversas com eles, grandes ideias agora materializadas neste trabalho, o meu sincero obrigado a todos.



Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas  
Que já têm a forma do nosso corpo.  
E esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos  
mesmos lugares.

É o tempo da travessia.  
E se não ousarmos fazê-la,  
Teremos ficado para sempre  
À margem de nós mesmos.



## **Abstract**

A violência e a insegurança são conceitos cada vez mais populares e os seus actores são mais diversos e difíceis de identificar. A América Latina é um dos principais e tradicionais focos de violência no mundo, por vários motivos, de entre os quais se destacam os movimentos armados com objectivos políticos, as guerrilhas, e de poderosas redes de produção e tráfico de drogas à escala global. No entanto, estas ameaças, com que os Estados se debatem diariamente pela manutenção da paz nos seus territórios, assumem formas e comportamentos inesperados que podem conduzir a acções políticas ineficazes.

Neste contexto, este trabalho seleccionou os dois conflitos mais prementes das sociedades latino-americanas, organizações de narcotráfico e movimentos guerrilheiros, frequentemente confundidos, com o objectivo de os distinguir, partindo das suas origens até aos nossos dias. Tal não seria possível sem uma personificação dos fenómenos, pelo que escolhemos os famosos cartéis mexicanos e a mais antiga guerrilha da América Latina, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia. Assim, este trabalho procura tirar partido de uma perspectiva comparativa entre os dois fenómenos, expondo pontos de convergência e divergência em vários domínios: relações com o Estado e com a sociedade civil, objectivos, recursos, entre outros, explicando, não só o porquê de serem confundidos, mas também propondo vários caminhos possíveis no sentido de os resolver.

Assim, a investigação realizada procura demonstrar as várias facetas do fenómeno da violência, evidenciando que estes dois fenómenos, embora se comportem de forma, por vezes, similar, são distintos na sua origem e propósitos. Além disso, este trabalho promove um debate sobre as possíveis acções políticas no sentido de resolver estes conflitos, à luz da sua orgânica, historial e, sobretudo, à luz dos resultados positivos e negativos de políticas anteriores.



## **Siglas e Acrónimos**

AUC – Autodefensas Unidas de Colombia

BACRIM – Bandas Criminales Emergentes

DEA – Drug Enforcement Agency

DFS – Dirección Federal de Seguridad

DTO – Drug Trafficking Organisation

ELN – Ejército de Liberación Nacional

EPL – Ejército Popular de Liberación

EUA – Estados Unidos da América

EZLN – Ejército Zapatista de Liberación Nacional

FA – Forças Armadas

FARC – Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia

LFM – La Familia Michoacana

M-19 – Movimiento 19 de abril

NAFTA – North American Free Trade Association

OBL – Organização Beltrán Leyva

OEA – Organização dos Estados Americanos

PAN – Partido Acción Nacional

PCC – Partido Comunista Colombiano

PGR – Procuraduría General de la República

PNR – Partido Nacional Revolucionario

PRD – Partido de la Revolución Democrática

PRI – Partido Revolucionario Institucional

SEDENA – Secretaría de la Defensa Nacional

SEMAR – Secretaría de Marina

UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México

UNASUR – Unión de Naciones Suramericanas

UP – Unión Patriótica

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## **Índice**

I – Introdução .....	15
II – Origens do Narcotráfico no México .....	21
III – A Orgânica do Narcotráfico no México .....	37
IV – A Resposta do Estado Mexicano .....	53
V – Introdução aos Conflitos Internos na Colômbia .....	61
VI – A Ideologia nas FARC .....	73
VII – A História das FARC.....	81
VIII – Análise Comparada .....	95
IX – Considerações Finais .....	105



## Lista de Figuras

<i>Figura 1</i> - Actual Mapa Político dos Estados Unidos Mexicanos .....	21
<i>Figura 2</i> - Estrutura em Rede Centralizada, Descentralizada, Distribuída.....	40
<i>Figura 3</i> - Estruturas conectadas por um agente.....	41
<i>Figura 4</i> - <i>Heartland</i> .....	43
<i>Figura 5</i> - <i>Rimland</i> .....	44
<i>Figura 6</i> - <i>Periphery</i> .....	45
<i>Figura 7</i> – Distribuição Geográfica dos Cartéis Mexicanos em 2012.....	46
<i>Figura 8</i> - Evolução do número de mortes a partir do sexénio de Felipe Calderón (2006).....	56
<i>Figura 9</i> - Relação entre a evolução do nº de mortes e a captura de líderes da OBL.....	57
<i>Figura 10</i> - Actual Mapa Político da República da Colômbia .....	61
<i>Figura 11</i> - Distribuição do valor acrescentado nos diferentes escalões da cadeia de produção e tráfico de cocaína na Colômbia (2008) .....	69
<i>Figura 12</i> – Fases de Guerra para a Captura do Estado pelas FARC (adaptado).....	86
<i>Figura 13</i> - Evolução do nº de Frentes Guerrilheiras (1964-1996). .....	88
<i>Figura 14</i> - Evolução do nº Acções Armadas das FARC (1997-2014) .....	93



## I- Introdução

*“Latin America is the world’s most violent region, accounting for nearly one in three global homicides, according to data from a new study by the United Nations.”<sup>1</sup>*

A América Latina é indiscutivelmente uma das regiões mais violentas do mundo, quer seja por guerras civis, guerras ao narcotráfico, instabilidade social, política ou económica. Esta violência endémica tem-se arrastado ao longo dos anos, tendo-se verificado um aumento generalizado destes números.<sup>2</sup> É importante ter cuidado com as generalizações, pois a Argentina ou o Chile, apesar de fazerem parte da região, pouco contribuem para esta ideia de violência neste continente.

Além disso, de uma forma ou de outra, temos sempre a ideia de que a América Latina é uma região perigosa, pois os *media* trazem-nos esse tipo de notícias. É crucial entender que as notícias e a informação de que dispomos acerca de uma certa realidade funcionam como uma faca de dois gumes: se por um lado nos informam, por outro, distorcem e limitam a realidade. A violência que vemos nesta região do mundo é erradamente tida como um problema em si e não como uma consequência de algum conflito. Efeitos iguais não implicam, de maneira nenhuma, causas iguais.

A ideia de comparar dois conflitos internos distintos na América Latina torna-se um desafiante projecto capaz de ir ao encontro das necessidades que já descrevemos. Em primeiro lugar, a análise individual de cada um dos conflitos permitirá compreender as causas, a origem deles e, em última análise, entender a forma como se desenvolveram até aos nossos dias. Em segundo lugar, um estudo comparativo de dois fenómenos permite uma caracterização mais clara e objectiva de cada um, por oposição ao outro, uma vez que se estão a estabelecer contrastes. Por fim, poderemos comprovar através dos pontos anteriores que os dois conflitos escolhidos, apesar de se “manifestarem” de forma semelhante, não devem nem podem ser tratados de forma semelhante, pois têm origens distintas. Mostraremos, portanto, que efeitos iguais não implicam causas iguais.

---

<sup>1</sup> Cf. Luhnow (2015)

<sup>2</sup> Ver o relatório das Nações Unidas em: <https://www.unodc.org/gsh/en/data.html>

Além disso, precisamente por serem conflitos diferentes, as suas soluções podem ser variadas, como estudaremos ao longo deste trabalho.

Em relação aos critérios de selecção dos dois conflitos que apresentámos para serem analisados, é pertinente mencionar a sua actualidade e o facto de constituírem, na sua orgânica, conflitos distintos, viabilizando de imediato o seu estudo comparativo. Tampouco é demais destacar o gosto pessoal pelos dois países, tendo até estudado num deles.

A violência no México associada aos grandes cartéis, responsáveis pelas principais rotas de distribuição mundial de drogas, em particular para os Estados Unidos da América, tem aumentado nos últimos anos, em especial, desde 2006, altura em que o então presidente Felipe Calderón Hinojosa declarou guerra ao crime organizado, recorrendo às Forças Armadas. No entanto, curiosamente, alguns anos antes, na Colômbia, esta estratégia tinha sido implementada pelo poder político para combater outras organizações de narcotráfico, tendo produzido excelentes resultados. Levantam-se, desde logo, uma série de questões em torno desta discrepância de efeitos: como é possível que uma estratégia semelhante à implementada na Colômbia, com um inimigo comum, não esteja a dar os mesmos frutos actualmente no México? Será a violência no México a ameaça em si ou será apenas a superfície, uma consequência de algum conflito mais profundo? Serão as políticas de combate ao narcotráfico influenciadas pelo tempo e espaço em que são produzidas? Que soluções se podem construir para fazer frente a estas ameaças?

Sendo o narcotráfico um tema tão popular, quando pensamos na América Latina e no México, provavelmente fruto da sua mediatização, torna-se imperativo compreendê-lo, no que diz respeito às suas origens, evolução e orgânica actual. Em última análise, entender o narcotráfico no México à luz de várias perguntas, incluindo as que colocámos anteriormente, conduzir-nos-á desejavelmente, para a reformulação das actuais respostas políticas de combate ao narcotráfico, evidenciando as falhas e as fortalezas do que foi e tem sido feito.

Por outro lado, a Colômbia, apesar de viver anos mais tranquilos no presente, teve um século XX marcado por diversos conflitos internos, entre eles, uma violenta guerra entre os seus dois partidos mais antigos e a formação de

movimentos guerrilheiros armados de carácter subversivo, como o Movimiento 19 de abril (M-19), o Ejército de Liberación Nacional (ELN) ou as Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia (FARC). Além disso, a ascensão de grupos paramilitares e o narcotráfico, simbolizado pelos antigos cartéis de Cali e Medellín, foram outros conflitos com os quais a Colômbia teve de lidar.

Contudo, após desmobilizações e operações estatais de desmantelamento das grandes redes criminosas ao longo dos anos, as FARC conseguiram sobreviver até aos nossos dias, sendo a guerrilha mais antiga da América Latina. Nos últimos anos, em especial desde a década de 90, as FARC têm adoptado uma estratégia de violência crescente, envolvendo-se em redes de narcotráfico, recrutamento de menores, entre outras polémicas acções que levaram a organização a ser considerada como um grupo terrorista por vários governos, como o dos EUA, da Colômbia ou da União Europeia. A popularidade das FARC e a sua recente associação à concepção de um cartel, como os do México, torna-a um interessantíssimo objecto de análise. Note-se que a análise de uma guerrilha em particular e o seu contraste com cartéis mexicanos não diminui a eficácia da sua comparação. Pretendemos apenas utilizar as FARC como uma guerrilha-modelo, extraíndo da sua análise particular elementos gerais que facilitem o pretendido contraste com as organizações mexicanas. Este projecto pretende, dentro das suas limitações, não só conhecer a fundo os dois conflitos internos, mas também compreender o actual lugar das FARC como organização.

Importa, antes de prosseguir com a metodologia da investigação, enquadrá-la na literatura investigada, não só para termos uma noção do que já foi feito até agora sobre o tema, mas também para compreendermos de que forma este trabalho, a partir da sua perspectiva, contribui para o aprofundamento destes fenómenos. Em relação ao México, uma boa parte da literatura encontrada tem que ver com a peculiar história política recente do país: no século passado, um partido político conseguiu manter-se no poder 70 anos até que, em 2000, a oposição conseguiu vencer. Assim, a ascensão, conservação e declínio deste partido, ao qual se associa um processo de abertura democrática são alguns dos tópicos amplamente debatidos, por exemplo por Ai Camp. Há também alguma literatura sobre o narcotráfico no país a partir dos laços estabelecidos entre crime organizado e a esfera política, bem como do

ponto de vista orgânico, isto é, sobre o modo de funcionamento dos cartéis mexicanos, como por exemplo Rexton Kan. Watt e Zepeda também apresentam uma leitura interessante do desenvolvimento do narcotráfico no México, defendendo que “o neoliberalismo” dos anos 80 contribuiu para fazer crescer exponencialmente o tráfico de drogas no país. Esta literatura é, na sua maioria, estrangeira, pela dificuldade em encontrar alguma desenvolvida no México. Já a bibliografia referente à Colômbia, recolhida pessoalmente no país, inclui um vasto leque de temas que vão da polemologia ao marxismo, passando pelas relações internacionais. O acesso a algum trabalho de campo, como entrevistas a ex-guerrilheiros permitiram realizar uma investigação mais fidedigna. No entanto, na globalidade do material recolhido, muito poucos adoptam uma perspectiva comparada. Rexton Kan aborda, em poucos parágrafos, a diferença entre guerras de alta e baixa intensidade, opondo guerrilhas e crime organizado, enquanto Mabel González adopta, apenas ao nível do narcotráfico, uma perspectiva comparada entre o México e a Colômbia. Por fim, ainda há uma obra que aborda a luta bem-sucedida do governo colombiano contra as FARC, comparando-a a outros movimentos guerrilheiros em África e na Ásia. Neste sentido, a riqueza desta investigação encontra-se precisamente, não só no facto de ter um forte carácter comparativo, mas também de este comparar dois fenómenos distintos que se confundem nas suas atitudes e comportamentos: movimentos insurgentes e cartéis de narcotráfico. Cabe destacar que estes fenómenos têm sido trabalhados de forma individual há já largos anos, pelo que esta investigação, ao colocá-los em contraste, permitir-nos-á defini-los melhor e, por conseguinte, poderemos tecer algumas propostas ao nível da política para os resolver. É por estes fenómenos serem frequentemente confundidos que se torna imperativo estudá-los de forma comparada.

Em termos metodológicos, este trabalho divide-se em três grandes partes: a primeira sobre o México, a segunda sobre a Colômbia e, por fim, o contraste entre ambos, onde se inclui uma reflexão final sobre as possibilidades de resolução destes conflitos. As duas primeiras partes assentam na mesma lógica, pois começam por abordar as origens dos seus conflitos internos, contextualizando posteriormente o fenómeno particular a analisar, neste caso, o narcotráfico no México e a organização das FARC na Colômbia. A primeira parte, a mexicana é, por sua vez, constituída por três capítulos (II, III e IV).

Assim, no capítulo II, a investigação centra-se nas raízes e na evolução do narcotráfico no México até aos nossos dias. Contudo, porque a dimensão política é inextricável do fenómeno do narcotráfico neste país, esta abordagem está também patente neste capítulo. Posteriormente, no capítulo III, analisaremos os cartéis de droga, enquanto formas mutáveis e organizadas de crime que recorrem ao uso da violência para manterem os seus propósitos, num contexto de grande concorrência entre elas. Também é aqui tratada a geografia do crime organizado, bem como uma análise mais detalhada de um dos cartéis pelas suas especificidades. Face a estas organizações, o último capítulo dedicado exclusivamente ao México, o IV, tenta explicar, não só as acções do Estado mexicano contra elas, mas também vários dos efeitos que essa guerra provocou e tem provocado ao longo dos últimos anos.

Segue-se, dividida em três capítulos, a parte da Colômbia (V, VI e VII). Uma vez que neste país, existe uma maior diversidade de conflitos internos, torna-se necessária a inclusão de um capítulo introdutório, o V, onde exploramos os fenómenos da insurgência, onde se inserem as FARC, o paramilitarismo e o narcotráfico, onde os cartéis de Cali e Medellín foram as organizações de maior expressão. Os dois capítulos seguintes abordam exclusivamente a temática da insurgência: o VI explora os ideais e pressupostos do Marxismo, ideologia sobre a qual assentam as FARC, bem como diversos conceitos, como a violência política, a moralidade e disciplina guerrilheiras ou a mitificação da morte do guerrilheiro e ainda uma breve abordagem do culto aos heróis revolucionários. Este capítulo é de extrema importância, pois dá-nos um enquadramento político-ideológico relevante que permite compreender de forma mais simples a acção guerrilheira. Assim, o capítulo VII incide, não ideologicamente, mas historicamente sobre o desenvolvimento das FARC como organização, destacando elementos úteis para o contraste. Não analisaremos aqui as actuais negociações de paz com o governo colombiano liderado pelo presidente Juan Manuel Santos, o qual será feito no último capítulo.

Finalmente, o capítulo VIII, vai incidir directamente sobre a questão central da investigação: afinal, em que se assemelham e distinguem os dois conflitos apresentados? Não se trata apenas de um trabalho descritivo dos dois fenómenos, mas também de uma análise comparada entre recursos, dinâmicas,

relações dos fenómenos com o Estado e a população civil, trajectórias de evolução dos conflitos, aproximações e afastamentos e também os diferentes usos da violência ou das armas. É pela sobreposição dos fenómenos que podemos extrair características de um e de outro, aprendendo mais sobre a sua orgânica, em simultâneo com pistas e propostas de resolução para o futuro, propostas essas trabalhadas no último capítulo, o IX. Este capítulo, bastante mais pessoal, procura construir um quadro de alternativas com base na presente investigação. Naturalmente que esta tese tem as suas limitações, pois, para já, não é possível elencar todas as diferenças ou semelhanças entre os dois conflitos e, além disso, por estarem em constante mutação, as propostas apresentadas no último capítulo podem sofrer modificações. Neste sentido, o capítulo final não esgota os prismas de análise possíveis, pelo contrário, espera-se que incentive um estudo mais profundo e cuidado de cada um deles e promova um debate construtivo em diversos temas, como por exemplo, a legitimidade actual do projecto político das FARC ou uma revisão profunda das actuais políticas de combate ao narcotráfico.



olhos dos espanhóis. Conseqüentemente, a Coroa espanhola criou um monopólio deste produto, transformando esta prática num negócio.<sup>4</sup> Assim:

Yet the degradation associated with the plant did not prevent influential Spaniards and members of the clergy from capitalising on the sale and distribution of coca. [they] recognized the potential for commercializing the plant, given its prevalence in aboriginal cultures for use in medicine, work and recreation, and made efforts to weigh the market of the leaf in their own favour.<sup>5</sup>

O comércio da coca manteve-se estável durante vários séculos, uma vez que era, como se sabe, controlado pelo poder político. Contudo, no início do século XIX, do ponto de vista histórico, a América Latina dava os seus primeiros passos independentistas. No caso do México, esses passos foram dados, em 1810, pelo sacerdote Miguel Hidalgo, com o famoso Grito de Dolores, uma pequena localidade em Guanajuato.<sup>6</sup> Após onze anos de instabilidade, o país torna-se independente. Note-se que, em 1821, o México incluía no seu território, a norte, vários estados dos Estados Unidos e a sul os actuais países da América Central: El Salvador, Guatemala, Honduras, entre outros.

Após a independência, foi redigida a Constituição de 1824, onde o país passou a ter como nome oficial Estados Unidos Mexicanos. Contudo, federalistas e centralistas discutiam o melhor modelo de organização do país, o que levou a que, em 1836, se fizesse uma nova Constituição, bastante mais centralizada. Isto repercutiu-se poucos anos depois com a independência do estado do Texas.<sup>7</sup> Os Estados Unidos, não só anexaram o estado do Texas, como invadiram o México, na esperança de conseguir mais território. Os resultados foram devastadores: por 15 milhões de dólares, os EUA aumentaram o seu território em 25%, enquanto o México perdeu metade, representado pelos actuais estados do Arizona, Novo México, Colorado, Califórnia, Nevada, Utah, Wyoming e Texas.<sup>8</sup> Os dois países assinaram o Tratado de Guadalupe Hidalgo, para pôr termo à contenda, prometendo aos mexicanos o direito às suas terras e à sua cidadania. Contudo, isto não foi cumprido, pois o tratado ratificado pelo

---

<sup>4</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:11-12)

<sup>5</sup> Idem, *Ibidem*, p.11

<sup>6</sup> Cf. Prieto (2009:70-71)

<sup>7</sup> V. INEGI (2009)

<sup>8</sup> Cf. Williamson (2009:261-263)

Congresso dos EUA havia sido alterado.<sup>9</sup> Este desfecho trágico para o México teve um impacto bem mais profundo do que aparenta, pois terá sido um dos principais motivos da histórica desconfiança entre os dois países e que ainda hoje se mantém.<sup>10</sup> Consequentemente, no âmbito de estratégias comuns de combate ao narcotráfico, este momento histórico ganha particular relevância.

A segunda metade do século XIX foi marcada pelo *Porfiriato*, período ditatorial durante o qual Porfirio Díaz governou o México. Entre 1877 e 1911, Díaz governou trinta anos. Herói da guerra mexicano-americana, o chefe do governo abriu portas ao investimento estrangeiro.<sup>11</sup> As políticas de ordenamento de território que, desde há muito usavam o sistema de *ejido* (sistema que permitia o controlo de um terreno por várias pessoas) como um modo de partilha de terrenos, favorecendo a agricultura de pequena dimensão, foram alteradas. À medida que o México caminhava para uma economia de mercado, em 1910, tinham sido expropriados 95% destes terrenos, abrindo caminho ao investimento externo e, portanto, a um menor controlo sobre o próprio território.<sup>12</sup>

Paralelamente, abriram-se as portas aos imigrantes chineses, mão-de-obra necessária para melhorar a rede ferroviária nacional, estimulando a actividade económica. Contudo, os asiáticos trouxeram o ópio, substância que era facilmente importada através dos portos mexicanos do Pacífico. A sua produção foi aumentando, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, altura que a procura de morfina, um derivado do ópio, nos EUA tinha atingido maiores proporções.<sup>13</sup> Neste sentido, desde o final do século XIX que o cultivo da papoila para a produção de ópio, ganhou expressão nos estados do norte do México, em particular, em Sinaloa. As pessoas envolvidas na sua produção e no contrabando eram apelidadas de *gomeros*. Com os anos, os *gomeros* foram transmitindo de geração em geração os seus conhecimentos, estabelecendo rotas e contactos. Lembre-se que nesta altura, o ópio era legal tanto no México, como nos Estados Unidos, mas a sua colocação do outro lado da fronteira sem

---

<sup>9</sup> Cf. Tutino (2012:2)

<sup>10</sup> Cf. Camp (2007:48-49)

<sup>11</sup> Cf. Camp (2011:77-78)

<sup>12</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:16-17)

<sup>13</sup> Cf. Vargas (2011:143)

passar pelas autoridades aduaneiras é que não. Quando foram feitas alterações na legislação norte-americana a ilegalizar o ópio, o *gomero* continuou legal no seu país, o México, mas ilegal no seu destino. A figura do “narcotraficante” surge assim de decisões políticas, uma vez que só em 1920 o México ilegalizou o ópio.

Así lo explica Astorga, quien señala que 'cuando el opio fue prohibido en Estados Unidos, era legal en México. Los agentes sociales que lo comercializaban eran criminales en un lado de la frontera y comerciantes legítimos en el otro. El círculo se completa cuando México adopta leyes similares. Nació una nueva categoría social: el traficante de drogas.'<sup>14</sup>

No âmbito histórico-político, o governo de Porfirio Díaz culminou na Revolução Mexicana de 1910. Embora a ditadura tenha gerado estabilidade e algum crescimento económico, as desigualdades sociais acentuaram-se. Os grandes custos sociais e a constante reeleição de Díaz foram alguns dos factores que motivaram a revolução. Durante vários anos houve combates, lutas de facções, uma delas liderada pelo camponês Emiliano Zapata, assassinatos políticos e grande instabilidade económica e social que deu origem à Constituição de 1917, ainda vigente.<sup>15</sup> Além de estabelecer direitos sociais, como a jornada laboral de oito horas diárias, o direito à greve ou a escolaridade universal laica e gratuita, a Constituição de 1917 foi o primeiro documento em todo o mundo a falar de segurança social.<sup>16</sup> Curiosamente, deixou também uma marca politicamente interessante: o artigo 83 afirma que o cidadão mexicano eleito para exercer o cargo de Presidente da República jamais poderá exercer o cargo duas vezes, não existindo por isso, a possibilidade de se recandidatar. Não só as constantes reeleições de Porfirio Díaz motivaram a inclusão deste artigo, mas também da tentativa do presidente e general Álvaro Obregón (1920-1924) em ser eleito pela segunda vez ter resultado no seu assassinato, levou a que todos respeitassem este artigo.<sup>17</sup>

Este conturbado contexto pós-revolucionário também foi importante no domínio das proibições: o país proibiu a produção e venda de marijuana, em

---

<sup>14</sup> Cf. Astorga (1999) em Velásquez (2011:153)

<sup>15</sup> Sobre Zapata, ver: Joseph & Henderson (2002:339-343)

<sup>16</sup> Cf. Camp (2007:47)

<sup>17</sup> Cf. Camp (2011:95-96)

1920, e de papoilas, em 1926.<sup>18</sup> Contudo, as políticas proibicionistas estiveram, em grande medida, baseadas em estigmas criados em torno de certas populações e não nos malefícios das drogas em si. De certo modo, associava-se a cocaína aos negros, o ópio aos chineses<sup>19</sup> e a marijuana aos pobres, criminosos e franjas da sociedade.<sup>20</sup> Por isso, os primeiros passos em direcção à limitação dos seus usos tiveram motivações raciais: “Racial prejudice and ignorance of the drug’s properties, apparent in political discourse and in the media, would lead eventually to the criminalisation of recreational cocaine use.”<sup>21</sup> Repare-se que é precisamente neste momento “cuando convergen la interdicción norteamericana con el prohibicionismo mexicano, el que el antaño *gomero* sinoalense empieza a ser calificado de narcotraficante”.<sup>22</sup>

Após estabilizar-se, a sociedade mexicana, com representantes anarquistas, socialistas, liberais, conservadores, entre outros, procurava uma forma de se organizar politicamente. Depois de ser eleito presidente entre 1924 e 1928, Plutarco Elías Calles apoiou a formação de um partido político no qual pudessem estar representados todos os actores sociais presentes na revolução de 1910.<sup>23</sup> Assim nasceu o Partido Nacional Revolucionario (PNR), com um espírito integrador e corporativista, conciliador de interesses dos mais variados sectores sociais. Este partido, nacionalista (especialmente contra os EUA), que se viria a chamar Partido Revolucionario Institucional (PRI), governou com uma oposição extremamente limitada por mais de setenta anos.<sup>24</sup>

Como foi possível que um partido político ganhasse mais de dez vezes consecutivas eleições federais e que só em 1989 a oposição ganhasse as primeiras eleições estaduais? No início dos anos trinta, o ainda PNR centralizou funções que antes competiam aos estados, debilitou o poder municipal e aumentou o mandato presidencial único de quatro para seis anos. Tal como aponta Alicia Hernández:

---

<sup>18</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:22)

<sup>19</sup> V. Grillo (2012:32-33)

<sup>20</sup> Cf. González (2014:46-47)

<sup>21</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:14-15)

<sup>22</sup> Cf. Vargas (2011:153)

<sup>23</sup> Cf. Hernández (2002:368 e ss.)

<sup>24</sup> Cf. Camp (2007:15-16)

...todas las reformas sin duda estaban dirigidas a generar una efectiva rectoría del Estado, concebida como un poder presidencial, encuadrado por un partido nacional, con un presidente de partido con enorme poder y un Poder Legislativo formado por miembros disciplinados del propio PNR.<sup>25</sup>

Os contornos deste “mega-partido” são absolutamente relevantes para o nosso estudo, pois a estabilidade política foi um dos factores decisivos para o desenvolvimento sustentável das organizações criminosas no país. São inúmeros os autores que partilham esta opinião, embora com perspectivas distintas. Ai Camp, por exemplo, argumenta que, embora o sistema, isto é, o novo regime, tivesse mudado, a lógica era a mesma: “self-perpetuating personal leaders like Díaz were replaced by a perpetual political organisation [PRI] allowing a rotating pool of ambitious politicians to govern Mexico for seven decades.”<sup>26</sup> Também Watt e Zepeda sublinham o facto de o PRI ter abraçado uma grande amplitude de actores sociais com ideologias distintas e que isso explica, em boa medida, a sua perdurabilidade:

By making room for the representation of these groups within the party, political leaders hoped to offset the danger that a rural insurgency might pose a challenge to its continued dominance. The inclusive system contributed to the longevity of PRI rule and distinguished it from other one-party states.<sup>27</sup>

Contudo, há um segmento da sociedade que amerita uma análise mais detalhada, o militar. Até 1940, todos os presidentes mexicanos, não só eram do PRI, como também eram militares pós-revolucionários. Quando o país atingiu um nível razoável de estabilidade, procurou-se retirar os militares da esfera política, o que levou à eleição do advogado Miguel Alemán (1946-1952). Como primeiro presidente civil, Alemán estabeleceria que as relações cívico-militares se baseariam no respeito mútuo. Este divórcio foi bastante útil para o Partido Revolucionario Institucional, pois as Forças Armadas, apesar de independentes, “actuaron para ir en su auxilio cuando su gobernabilidad se encontraba amenazada.”<sup>28</sup>

---

<sup>25</sup> Cf. Hernández (2002:374 e ss.)

<sup>26</sup> Cf. Camp (2011:97)

<sup>27</sup> Cf. Newell & Rubio (1984) em Watt & Zepeda (2012:24-25)

<sup>28</sup> Cf. Vargas (2011:84)

Em resumo, o PRI não só contou com a grande máquina que era, abrangendo tudo e todos, mas também se serviu, em certa medida, das Forças Armadas para se manter. Para o nosso estudo, compreender as origens deste partido, os moldes em que se desenvolveu e a relação que estabeleceu com os militares é absolutamente fundamental, pois foi este partido e a estabilidade por ele gerada que permitiu o desenvolvimento do crime organizado. A crescente corrupção do PRI levou-o à atribuição de quotas a grupos criminosos através da Dirección Federal de Seguridad (DFS) que operou desde 1947 até 1985, altura na qual se denunciou que esta entidade encobria o crime organizado.<sup>29</sup>

A segunda metade do século XX esteve repleta de momentos históricos relevantes para a nossa análise. Se por um lado, já compreendemos quais foram os alicerces da longevidade do PRI, por outro, devemos questionar-nos sobre o que o fez cair no ano 2000, após a eleição do partido opositor Partido Acción Nacional (PAN). Embora não seja a pergunta central deste trabalho, ela leva-nos a seguir um interessante percurso, na medida em que explica como o narcotráfico foi crescendo.

No fim da Segunda Guerra Mundial, a procura de drogas tinha aumentado, em especial nos EUA, levando a um aumento da produção e tráfico no México. Contudo, os narcotraficantes mexicanos não eram autónomos, pois a sua actividade dependia basicamente da permissividade do poder político. Sendo o PRI um partido que abrangia toda a hierarquia política, desde o poder federal ao poder local, era fácil controlar a actividade do narcotráfico, além de olhar para ela como lucrativa, fomentando a corrupção.<sup>30</sup> Além disto, uma significativa parte do mercado dos EUA era controlado por uma grande rede europeia que competia com o México, traficando heroína, outro derivado do ópio, fazendo-a chegar aos Estados Unidos. De uma forma resumida, esta droga, produzida na Turquia, era transportada para o movimentado porto de Marselha, sendo aí redireccionada para o Canadá, entrando por terra para os Estados Unidos. Dada a importância de França como elemento articulador, esta rede, liderada pela máfia corsa, ficou conhecida como “Conexão Francesa”. Quando nos anos 70, esta rede é desmantelada, o México, dada a sua

---

<sup>29</sup> Cf. González (2014:127 e 129)

<sup>30</sup> Cf. Vargas (2011:154-155)

proximidade geográfica com os EUA e a sua corrupta classe política envolvida nos esquemas do narcotráfico, rapidamente se impôs, substituindo a Conexão Francesa.<sup>31</sup> Como se não bastasse, esta altura também ficou marcada pela contracultura, onde novos valores sociais se debatiam, tendo-se verificado um aumento comprovado do consumo (da procura) de drogas.<sup>32</sup> Mabel González também o afirma:

El cultivo de opio se disparó durante la II Guerra Mundial (cuando las necesidades eran altas para atender a los heridos de guerra) y de nuevo, junto con la marihuana, en los años setenta, después de que se dismantelara la ‘conexión francesa’ y la demanda de marihuana creciera con el fenómeno de la contracultura.<sup>33</sup>

No entanto, internamente, a poderosa máquina política do PRI procurava manter o país sob controlo, em especial, a partir do período da Guerra Fria. A Revolução Cubana de 1959, a bipolarização do mundo e o regime mexicano cada vez mais autoritário foram os principais ingredientes que levaram os governos *priistas* a militarizar algumas zonas rurais favoráveis ao Marxismo. Os estados rurais de Guerrero e Oaxaca chegaram a ser violentamente ocupados por 24 mil militares, numa tentativa de acabar com qualquer movimento subversivo que aí pudesse nascer. “The official discourse, by repeating and emphasising delinquency, criminality and drug trafficking, decontextualised the emergence of guerrilla movements in Mexico”<sup>34</sup> A falta de debate público por parte do governo permitiu que este perseguisse livremente dissidentes do regime em nome do combate ao narcotráfico. Além disso, em nome da estabilidade e da segurança nacional, eliminaram-se movimentos guerrilheiros comunistas.<sup>35</sup> Assim, “the Mexican army contained and destroyed the guerrillas before they could pose any credible threat to the state.”<sup>36</sup>

Em 1968, a repressão do Estado mexicano assumiu contornos sórdidos. A contestação social na Cidade do México tinha levado o Exército a ocupar o campus da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM), o que gerou mais protestos por parte da comunidade académica dessa universidade. A 2 de

---

<sup>31</sup> Cf. Vargas (2011:159)

<sup>32</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:35 e ss.)

<sup>33</sup> Cf. González (2014:126)

<sup>34</sup> Cf. Watt & Zepeda (2014:40)

<sup>35</sup> Idem, *Ibidem*, p.38 e ss.

<sup>36</sup> Cf. Williamson (2009:403)

Outubro desse ano, às 17h, centenas de estudantes, professores, artistas e intelectuais juntaram-se na Plaza de las Tres Culturas em Tlatelolco, para continuar a criticar o autoritarismo do Estado. De repente, elementos do Exército cercaram a pacífica manifestação e, após disparos que vieram de um edifício próximo da multidão, começaram a matar indiscriminadamente os manifestantes. Mais conhecido por “Massacre de Tlatelolco”, este foi um dia marcado pela morte de centenas de inocentes, vítimas de uma emboscada preparada pelo próprio governo.<sup>37</sup> Este evento é particularmente interessante, pois podemos extrair dele algumas conclusões: em primeiro lugar, é clara a instrumentalização das Forças Armadas, tal como já tínhamos visto, em segundo lugar, compreendemos de forma mais concreta o nível de repressão de que os mexicanos eram alvo por parte do Estado e, por fim, é inegável a ambição do PRI em manter-se no poder a qualquer custo. A magnitude deste horror manchou o PRI, pois ficou provado, mais tarde, que os primeiros disparos, os que vieram de um edifício do campus, foram executados pelo Batalhão Olímpia, responsável pela segurança dos Jogos Olímpicos que se realizariam dali a uns dias, na Cidade do México.<sup>38</sup> Ai Camp sugere ainda que este ataque não só procurou proteger, de eventuais protestos, o avultado investimento do Estado nos Jogos Olímpicos, como também contribuiu para o declínio do PRI e, portanto, para a transição democrática que ocorreu mais tarde.<sup>39</sup>

Em 1971, a produção e transporte de drogas continuava a crescer, servindo de base ao discurso do presidente Nixon que tinha declarado “guerra às drogas”. Nesta altura, o principal fornecedor de marijuana aos Estados Unidos era a Colômbia, ainda.<sup>40</sup> O México, após anos de crescimento económico, via-se a braços com grandes níveis de pobreza e desigualdades sociais. Contudo, havia uma zona próspera que se estendia por três estados nortenhos, Durango, Sinaloa e Chihuahua, onde a produção de ópio era extremamente elevada. Esta zona, mais conhecida por “Triângulo Dourado”, gerava grandes receitas para os traficantes que aproveitavam o facto de estarem perto da fronteira com os Estados Unidos para reduzir custos.<sup>41</sup> Assim,

---

<sup>37</sup> Sobre o massacre de Tlatelolco, recomenda-se a leitura de: Poniatowska (2001)

<sup>38</sup> Cf. Williamson (2009:402)

<sup>39</sup> Camp (2011:112-113)

<sup>40</sup> Cf. González (2014:205)

<sup>41</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:47)

provavelmente por pressão, o México pôs em marcha a Operación Cóndor (1975-1978) e a Operación Fulminante (1978-1980), activando a sua capacidade militar para erradicar os cultivos nesta zona. Mais de 10 mil soldados foram mobilizados para fumigar vários cultivos no Triângulo Dourado.<sup>42</sup> Apesar de terem sido destruídas grandes áreas de produção de drogas, houve diversas consequências que merecem a nossa atenção. A primeira de todas diz respeito à corrupção impregnada na própria operação, havendo inclusive dados que mostram que esta foi orientada no sentido de favorecer certos produtores, protegendo a corrupta DFS que detinha interesses políticos e económicos em certos cultivos.<sup>43</sup> Outra consequência foi a quebra da oferta nos Estados Unidos, o que por si só não foi suficiente para reduzir o narcotráfico, pois a procura manteve-se estável. Watt e Zepeda apontam para uma subida do preço da heroína que subiu de 1,26 dólares/miligramas, em 1976, para 2,25 dólares/miligramas, em 1979. Além de ter aumentado o lucro dos grupos que sobreviveram às fumigações aéreas, ajudou-os a organizar-se, espalhando-se por outras áreas do país. “Aerial spraying also encouraged the ‘cartelisation’ of the drug market. Those with the resources and capacity to do so planted new, smaller, plots in remote areas, which were more difficult to detect, as far as away as Chiapas and Veracruz.”<sup>44</sup>

Após a primeira acção concertada do governo e dos militares para diminuir a oferta de drogas, a operação tinha criado mais problemas do que soluções, pois as intenções da operação do governo não só não se concretizaram, como ainda geraram efeitos negativos não intencionados. Muitos dos narcotraficantes que se tinham ido embora do triângulo dourado fixaram-se ligeiramente mais a sul, no estado de Jalisco, onde criaram o primeiro cartel do México, que teria o nome da capital desse estado, Guadalajara.<sup>45</sup> Curiosamente, este cartel foi liderado por um ex-polícia chamado Miguel Ángel Félix Gallardo, gozando de impunidade e protecção das próprias autoridades para expandir o negócio. O cartel de Guadalajara começou por produzir marijuana e heroína e, mais tarde, com a ajuda do cartel colombiano de Medellín, dedicou-se também à cocaína. Contudo, nos anos 80, o cartel começou a recorrer a métodos mais

---

<sup>42</sup> Cf. González (2014:127)

<sup>43</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:51-52)

<sup>44</sup> Idem. Ibidem, p.50

<sup>45</sup> Cf. Tuckman (2012:20-21))

violentos, tendo inclusive assassinado um agente da Drug Enforcement Administration (DEA), Enrique Camarena. Por pressão dos Estados Unidos, o México desmantelou a corrupta DFS e, em 1989, Félix Gallardo é capturado. A nível organizacional, o cartel de Guadalajara fragmentou-se, dando origem a “tres de los más importantes carteles mexicanos en la actualidad: Sinaloa, Tijuana y Juárez”.<sup>46</sup> Conhecidos nomes como Amado Carrillo Fuentes (Juárez), a família Arellano Félix (Tijuana) e Joaquín El Chapo Guzmán (Sinaloa) que antes trabalhavam juntos no cartel de Guadalajara, lideravam agora cada um dos novos cartéis.<sup>47</sup> Além disto, o encerramento da DFS foi benéfico para os cartéis:

The closure of the DFS would eventually contribute, however, to a weakening of the state’s control of the drugs trade, something which, in the 1990s and 2000s, allowed the consolidation of even more powerful criminal organisations.<sup>48</sup>

Embora o cartel de Guadalajara tenha sido um marco importante para o estudo do crime organizado no México nos anos 80, a nível político, também esta década ficou marcada pela implementação de medidas de contenção da despesa e privatizações, numa lógica de reduzir o peso do Estado na economia.<sup>49</sup>

Num ambiente de grande agitação política internacional e, em parte, pela grande instabilidade no preço do petróleo, o México entrou em recessão nos anos 80.<sup>50</sup> Num país em que quase dois terços das exportações eram representados pelo petróleo, a crise instalou-se, após a quebra do seu preço. O governo de Miguel de la Madrid (1982-1988) foi o principal responsável por estas medidas difíceis implementadas no país. Assim, “se abandonó el proteccionismo y el asistencialismo y se impulsó la economía de mercado y la liberalización de los actores económicos...”.<sup>51</sup> O governo agiu em vários sentidos, como o das privatizações, diminuindo o número de empresas públicas substancialmente. A título de curiosidade, foi durante este processo que Carlos Slim, um dos homens mais ricos do mundo, deu os primeiros passos nessa

---

<sup>46</sup> Cf. Vargas (2011:160)

<sup>47</sup> Cf. Langton (2012:67)

<sup>48</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:89)

<sup>49</sup> V. Steger & Roy (2013)

<sup>50</sup> V. Williamson (2009: 405 e ss.)

<sup>51</sup> Cf. Hernández (2002:480)

direcção ao comprar a empresa de telecomunicações Telmex.<sup>52</sup> Simultaneamente, reduziram-se apoios sociais, tais como subsídios e pensões e flexibilizaram-se os despedimentos numa tentativa de aumentar a concorrência e a produtividade no seio das empresas.<sup>53</sup> Para o nosso estudo, este é um momento de grande relevância. As organizações de narcotráfico na Colômbia não tinham conseguido manter-se autónomas, recorrendo de forma crescente aos parceiros mexicanos. Nos anos 80, o bloqueio das rotas caribenhas levou os colombianos a usar ainda mais o México como país de trânsito para os Estados Unidos.<sup>54</sup> Percebendo que estes não tinham outra hipótese, as organizações mexicanas começaram a impor as suas regras aos colombianos. Tal como afirmam Watt e Zepeda, “While initially the Mexicans had often been, in essence, employees of the Colombians, by the mid-1980s they increasingly dictated their own terms, being in a commercially advantageous position to do so.”<sup>55</sup> González também partilha esta visão, ao afirmar: “...cuando los grandes carteles colombianos comenzaron su declive (...), sus equivalentes mexicanos pasaron de ser correos bien pagados a concentrar mucho mayor poder...”<sup>56</sup>

No entanto, a situação no México, que já não era a melhor, deteriorou-se ainda mais: a inflação disparou e os salários reais diminuíram quase 50%, entre 1982 e 1988.<sup>57</sup> Também durante este período, a concentração de riqueza acentuou-se nas classes mais altas, em parte pela corrupção envolvida no seu processo de distribuição.<sup>58</sup> Numa conjuntura social complicada, aliada, como vimos, à expansão dos cartéis mexicanos, pela crescente dependência dos colombianos, os autores Watt e Zepeda sugerem que existe uma correlação entre estes dois fenómenos, na medida em que o aumento das dificuldades sociais e económicas pode ter gerado “mão-de-obra” para trabalhar no narcotráfico.<sup>59</sup>

No início dos anos 90, o narcotráfico adquiriu proporções nunca antes vistas, fruto da fragmentação do antigo cartel de Guadalajara. O encerramento

---

<sup>52</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:103-104)

<sup>53</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:76-78)

<sup>54</sup> Cf. González (2014:128)

<sup>55</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:97)

<sup>56</sup> Cf. González (2014:128)

<sup>57</sup> Cf. Camp (2011:120)

<sup>58</sup> Cf. Camp (2007:282)

<sup>59</sup> V. Watt & Zepeda (2012)

da DFS e a crescente dependência dos barões da droga colombianos foram outros factores que contribuíram para a internacionalização dos cartéis mexicanos. No entanto, o mais preocupante foi o progressivo declínio do PRI que, pela primeira, vez enfrentou uma coligação dos partidos esquerdistas da oposição nas eleições federais de 1988.<sup>60</sup> O PRI começava a ficar isolado, na medida em que as esquerdas se tinham unido num só partido, o PRD, e o partido mais à direita, o Partido Acción Nacional (PAN) tinha ganho pela primeira vez a liderança do estado da Baja California, em 1989.<sup>61</sup> Ai Camp sugere que esta eleição pode ter tido um efeito positivo nos mexicanos, no sentido em que poderiam “understand that it actually might be possible to defeat the PRI.”<sup>62</sup>

Com fortes suspeitas de fraude eleitoral, pela avaria no sistema informático, Carlos Salinas de Gortari (1988-1994) é eleito presidente do México. A oposição habilmente utilizou esta peripécia para denunciar a “queda do sistema” que, curiosamente, previa também a queda do reinado do PRI. Em 1994, o ainda presidente Salinas integrou o México na NAFTA, um bloco económico regional do qual faziam parte os EUA e o Canadá. Para o crime organizado, este acordo era, literalmente, *o que faltava*, pois estreitaria laços entre traficantes mexicanos e os maiores consumidores de droga do mundo, os Estados Unidos. A sul do continente americano, a Colômbia começou, com bastante êxito, a desmantelar os grandes cartéis de Cali e Medellín, o que provocou um fortalecimento dos mexicanos:

...el éxito que tuvieron las autoridades colombianas durante las década de los noventa, en el debilitamiento y desmantelamiento de los grandes monopolios criminales dedicados al tráfico de drogas, fortaleció a los carteles mexicanos que empezaron a jugar cada vez más importante en el control de las rutas de tráfico y su consolidación definitiva como grandes empresas dedicadas al crimen transnacional.<sup>63</sup>

Ainda em 1994, o candidato presidencial do PRI, Luis Donaldo Colosio, ganhou grande popularidade pelo seu discurso que reconhecia a necessidade de mudanças profundas na sociedade e na política mexicana, ao mesmo tempo que

---

<sup>60</sup> Mais tarde esta coligação daria lugar ao conhecido Partido de la Revolución Democrática (PRD)

<sup>61</sup> Cf. Camp (2011:124-125)

<sup>62</sup> Idem, *Ibidem*, p.125

<sup>63</sup> Cf. Vargas (2011:156-157)

admitia que a comunidade indígena, entretanto representada pelo Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN), tinha sido esquecida ao longo dos anos.<sup>64</sup> A 23 de Março desse ano, no meio de uma multidão, Colosio é assassinado, deixando o país em choque, levando o *priista* Ernesto Zedillo à presidência de 1994 a 2000.<sup>65</sup>

Ao fim de 71 anos, com as eleições federais de 2000, o PRI finalmente foi derrotado pelo candidato *panista* Vicente Fox. Para a democracia, o México saiu naturalmente vitorioso, embora o sexénio de Fox tenha ficado, para muitos, aquém das expectativas desta renovação política.<sup>66</sup> Já do ponto de vista do nosso estudo, a situação muda de figura. O PRI, habituado a manter os cartéis de droga sob controlo, acabara de perder não só as eleições, mas também o poder necessário para controlar os narcotraficantes. Como nos diz Mabel González:

El PRI ya no estaba en situación de controlar o supervisar el negocio de las drogas, dado que el poder se diluyó con diferentes partidos al mando en los ámbitos federal, estatal y local. Esto cambió el poder relativo del crimen organizado en relación al estado y ‘causó una ruptura del sistema estatal de protección, lo que resultó en una escalada de la violencia asociada a las drogas.’<sup>67</sup>

O crime organizado associado ao narcotráfico no México já não gozava de qualquer protecção, o que provocou um aumento imediato da violência entre os cartéis, pela disputa de territórios e pela grande concorrência.<sup>68</sup> “Durante la administración de Fox, los niveles de expansión de los carteles fueron tales que, hacia finales del 2006, la PGR registraba ya la presencia de siete grandes organizaciones dedicadas al narcotráfico”.<sup>69</sup> Também Watt e Zepeda mencionam a mudança de forças neste braço-de-ferro entre o PRI e os cartéis:

...the cartels now started to treat members of the army, police forces, bankers and political officials as their employees, a reversal of the relationship under the

---

<sup>64</sup> Cf. Hernández (2002:485-486)

<sup>65</sup> Cf. Langton (2012:73-74)

<sup>66</sup> V. Camp (2010)

<sup>67</sup> Cf. González (2014:129)

<sup>68</sup> Cf. Langton (2012:78 e ss.)

<sup>69</sup> Cf. Vargas (2011:258)

previous PRI rule and a turnaround which spelt the end of the cosy arrangements of the *plaza system*.<sup>70</sup>

É num cenário de decadência do poder do Partido Revolucionario Institucional, inversamente proporcional ao dos cartéis que, em 2006, Felipe Calderón, outro político *panista*, sucede a Fox nas eleições presidenciais. Contudo, esta disputa eleitoral ficou manchada por suspeitas de manipulação de votos, com uma pequena margem pouco superior a duzentos mil votos, correspondentes a 0,56%, do primeiro para o segundo classificado. Num país onde, como vimos, não há reeleição e não há segunda volta, Felipe Calderón do PAN e o esquerdista López Obrador do PRD saíram às ruas, reclamando vitória.<sup>71</sup> Após uma insólita guerra de cadeiras e deputados barricados na sede do governo, Felipe Calderón conseguiu entrar pelas traseiras da Câmara dos Deputados, onde tomou posse como presidente da república.<sup>72</sup> Quinze dias mais tarde, dada a magnitude do narcotráfico no México, Calderón declarou guerra aos cartéis de droga, defendendo, tal como os Estados Unidos sempre preconizaram, uma forte militarização do país.<sup>73</sup> Agora que a sua origem e evolução são claras, estudaremos no próximo capítulo, os cartéis de narcotráfico aos quais Felipe Calderón declarou guerra.

---

<sup>70</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:142)

<sup>71</sup> Nesta eleição, o PRI tinha ficado em terceiro lugar.

<sup>72</sup> Para aprofundar este tema, recomenda-se: Menéndez (2007)

<sup>73</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:184-185)



### III- A Orgânica do Narcotráfico no México

Neste capítulo, começaremos por abordar os cartéis de narcotráfico mexicanos, mais concretamente as suas motivações, lógicas e estratégias, bem como a geografia do crime organizado. Segue-se depois uma descrição de cada um dos cartéis, ainda que muito breve por não ser relevante para o nosso estudo e, por fim, a questão da narcocultura, elemento bastante interessante, dada a sua pertinência para o contraste final. Assim, ao contrário do capítulo anterior, que seguiu uma linha temporal clara, o critério deste assenta num enquadramento teórico seguido de um prático.

Antes de analisar os cartéis, é conveniente explorar o conceito de “crime organizado”. O crime organizado não é mais nem menos do que uma estrutura de cariz empresarial, uma vez que tem como único objectivo o lucro. Não obstante, é nos meios para a sua prossecução e no próprio objecto que estas organizações se distinguem. O tráfico ilegal de drogas, armas, animais ou seres humanos representa o negócio ilícito, enquanto o uso da violência, extorsão ou a corrupção podem ser identificados como instrumentos, igualmente injustificáveis para eliminar a concorrência.<sup>74</sup> González também concorda com esta linha de pensamento ao dizer que “el crimen organizado y el narcotráfico no tienen proyecto político o ideológico más allá de mantener en marcha sus negocios y beneficios”.<sup>75</sup> Neste sentido, a violência associada ao crime organizado não é nem pode ser vista de forma isolada, pois ela não é um problema em si, mas sim fruto de decisões cujo objectivo passa pela protecção do negócio, por forma a optimizar o lucro. Esta ideia também é partilhada por Paul Rexton Kan, ao afirmar:

Cartels composed of violent entrepreneurs have an operating environment – the hypercompetitive illegal marketplace – that creates a corporate logic that provides the ‘lucid, rational, and discoverable reasons for their particular actions.’<sup>76</sup>

Num contexto de grande concorrência entre actores ilegais, num país limítrofe aos Estados Unidos, onde o Estado é débil e a pobreza ainda é uma realidade, o suborno e a corrupção são instrumentos particularmente fáceis de

---

<sup>74</sup> Cf. Miguel (2009:115)

<sup>75</sup> Cf. González (2014:73)

<sup>76</sup> Cf. Kan (2012:24)

utilizar, quer seja para disciplinar empregados ou proteger transações, quer seja para limitar a entrada de novos concorrentes.<sup>77</sup> Além disto, é fundamental desmistificar a ideia de que toda a violência gerada no país é perpetrada pelos cartéis, pois, na verdade, a violência funciona, na expressão de Kan, como um “mosaico”, sendo que há um “conflict of cartels among each other, the conflict within cartels, cartels against the Mexican state, cartels against the Mexican people, and gangs versus gangs.”<sup>78</sup>

Um aspecto intuitivo que podemos deduzir da simples premissa de que os cartéis se comportam como empresas é que, quando há algum conflito entre eles, este só pode ser resolvido à força, uma vez que, estando à margem da lei, não podem recorrer a um tribunal.<sup>79</sup> Assim, por actuarem paralelamente à lei, os cartéis estão naturalmente propensos ao uso da violência como método de resolução de problemas. A questão do armamento é também central na hora de compreendermos, não só a origem da violência, mas também o que a facilita. Adquirir uma arma de fogo no México é um processo complexo, por oposição aos Estados Unidos, uma vez que é necessário obter uma autorização da Dirección General del Registro Federal de Armas de Fuego y Control de Explosivos. Em contrapartida, nos Estados Unidos, é possível comprar-se uma até pela internet. Naturalmente, políticas tão distintas em matéria de armamento promovem, não só o tráfico de armas, mas também a violência. Note-se que das 29 284 armas de fogo apreendidas no México entre 2009 e 2010, cerca de 70% tinham a sua origem nos Estados Unidos, o que seria surpreendente se não fosse a sua legislação permissiva no que diz respeito à posse de armas de fogo ou os 6600 comerciantes estadunidenses licenciados perto da fronteira.<sup>80</sup> A violência associada à facilidade com que se acede a armas também tem pode ser vista por outro prisma. Nos anos 90, o cartel do Golfo conseguiu subornar cerca de quarenta elementos das Forças Especiais mexicanas, para se juntarem à organização. Assim nasceram os Zetas, um grupo militarmente sofisticado, treinado e com os melhores recursos. Neste sentido, e porque estamos a falar de organizações que se enquadram numa lógica empresarial, ao entrar um

---

<sup>77</sup> Cf. Beittel (2012:5)

<sup>78</sup> Cf. Kan (2012:12)

<sup>79</sup> Cf. González (2014:25)

<sup>80</sup> Cf. Kan (2012:35)

concorrente destes, deu-se uma corrida generalizada ao armamento, potenciando a violência.<sup>81</sup>

Na nossa análise, além do carácter empresarial altamente competitivo dos cartéis que facilmente recorrem à violência e a outros métodos condenáveis para maximizar os lucros, é fundamental abordar a sua grande adaptabilidade a novas situações e a sua capacidade de se transformarem organizacionalmente. Para isto, compararemos muito brevemente a estrutura dos cartéis mexicanos hodiernos com a dos colombianos dos anos 90, para entender que modificações ocorreram no seio destas organizações.

No final do capítulo anterior, falámos de uma guerra bem-sucedida aos cartéis colombianos nos anos 90, ao terem sido capturados os seus líderes. Como se verá mais adiante, o governo mexicano adoptou uma estratégia similar à da Colômbia, no que diz respeito à captura de líderes, mas o êxito desta política provocou uma grande fragmentação destas organizações e o aumento da violência. Um dos elementos-chave da sobrevivência de uma organização, seja ela criminosa ou não, é a sua capacidade de adaptação à realidade que, na verdade, foi um dos factores que contribuiu e tem contribuído para a sobrevivência dos cartéis mexicanos, ao contrário dos colombianos. Diz-nos Mabel González que “estos carteles [colombianos] estaban integrados verticalmente, con control sobre todas las fases de producción, transporte y distribución, así como el lavado de los inmensos beneficiarios del negocio”, o que nos remete para uma estrutura piramidal, com uma forte dependência de um chefe.<sup>82</sup> Neste sentido, é admissível a estratégia de liquidação dos líderes, pois ela contribui para o desmoronar da organização, onde o elemento unificador, o líder, já não existe. No entanto, no México, os cartéis aprenderam essa lição e passaram de uma estrutura piramidal que punha o líder em evidência, para uma em rede, onde o líder pode actuar como tal, mas não é fundamental. Ao horizontalizar a organização, um ataque aos seus líderes seria menos danoso. Assim:

En buena medida renuncian a su nacionalidad, se mueven de un sitio a otro con gran facilidad y resulta también evidente que estructuras jerárquicas y subordinadas

---

<sup>81</sup> Cf. González (2014:132)

<sup>82</sup> Idem, *Ibidem*, p.96

dentro del narcotráfico [como os cartéis colombianos] han empezado a desaparecer para dar paso a una especie de *outsourcing* criminal, lo cual significa simplemente asociaciones delictivas pactadas y establecidas en línea horizontal.<sup>83</sup>

Neste sentido, os cartéis mexicanos formam teias cada vez mais complexas que requerem, naturalmente, estratégias igualmente mais elaboradas. Este ponto de vista é partilhado também por Bunker e Sullivan, ao afirmarem:

Específicamente, se responde a la pregunta de por qué es más difícil desarticular una red criminal como “La Familia Michoacana” que a uno de los carteles colombianos que operaron durante los años ochenta y noventa. La respuesta a esta pregunta se sustenta en una característica fundamental de las estructuras operativas de ambas formas criminales – redes criminales con elevado nivel de descentralización en el primer caso y carteles altamente centralizados en el segundo caso-, por lo que se plantean desafíos adicionales a los que enfrentaron las agencias de seguridad que confrontaron los carteles colombianos a finales de los años ochenta y noventa.<sup>84</sup>

Em resumo, os cartéis mexicanos passaram por um processo de transfiguração, na medida em que mudaram a sua forma, mas não a sua essência. Nesta matéria, Mabel González mostra-nos um interessante gráfico, apresentado abaixo, mas são Luis Jorge Garay e Eduardo Salcedo-Albarán que melhor descrevem este processo, graças à sua visão teórica do tema.<sup>85</sup>

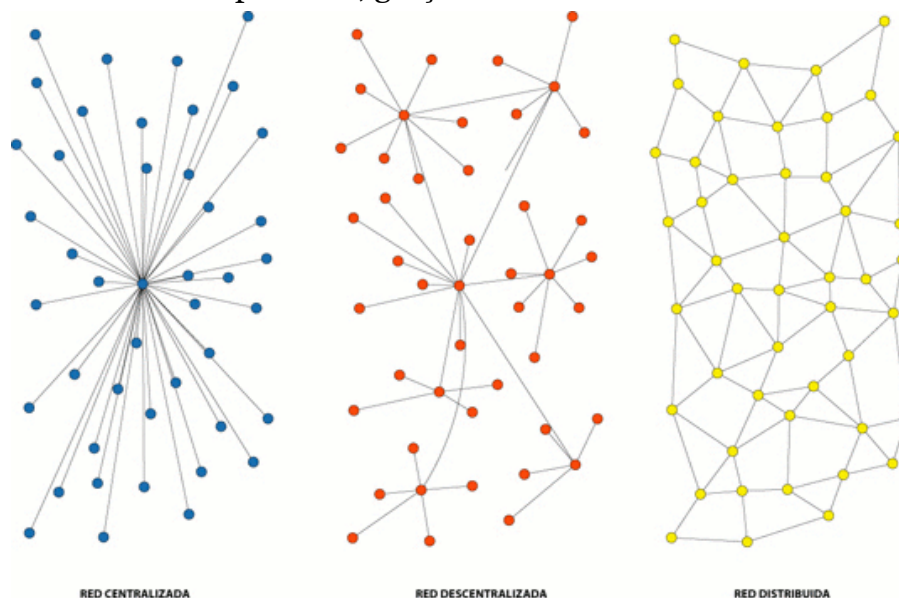


Figura 2 - Estrutura em Rede Centralizada /Descentralizada /Distribuída<sup>86</sup>

<sup>83</sup> Cf. Garay & Salcedo-Albarán (2012:190)

<sup>84</sup> Cf. Bunker & Sullivan (2014)

<sup>85</sup> Cf. González (2014:38-39)

<sup>86</sup> Figura 2: <https://lasindias.com/el-poder-de-las-redes>, consultado a 19/02/2016

A imagem contém três mapas com pontos conectados entre si, distinguidos por cores. Note-se que estes pontos estão na mesma posição, mas mostram figuras diferentes, pois estão ligados de forma diferente. Os autores explicam que cada um dos pontos é um agente da organização e o vínculo entre diversos agentes traduz-se numa linha. Um agente que tenha muitas conexões ou estabeleça diversos vínculos será tanto mais central, quanto menor for o número de agentes da mesma organização que estejam na mesma posição. Contudo, é necessário chamar a atenção para as exceções, pois, apesar de não serem relevantes para o nosso estudo, são importantes para não pensarmos que o número de conexões determina a relevância do agente. Existem casos de agentes com menos conexões do que outros, mas são mais importantes pela sua posição. Apenas a título de exemplo, a figura seguinte mostra como um agente com apenas duas conexões é mais relevante, pois conecta duas redes diferentes, convertendo-se numa “ponte estrutural”.<sup>87</sup>

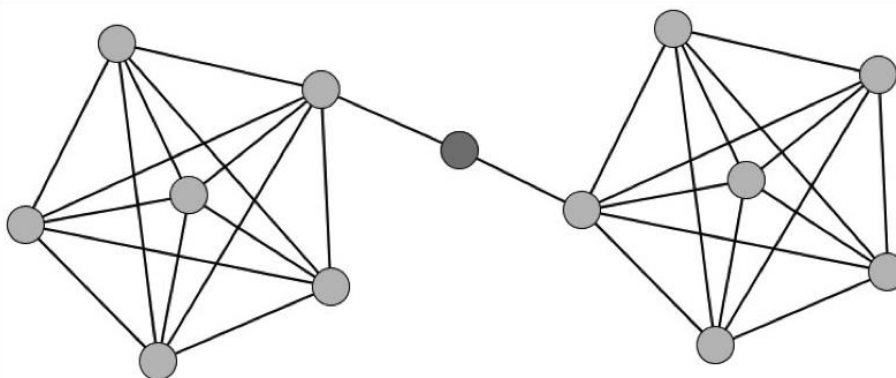


Figura 3 - Estruturas conectadas por um agente<sup>88</sup>

Regressando à análise da figura 2, aos agentes mais “centrais”, os autores chamam *hub*. Por exemplo, no primeiro mapa, vemos uma rede centralizada, com um *hub* responsável por estabelecer as conexões entre todos os membros. Este esquema contém todos os elementos necessário para se aproximar da estrutura de um cartel colombiano, pois há uma hierarquia clara e centralizada. Sem o *hub*, ou melhor, o líder do cartel, a estrutura desintegra-se, pois todos dependem dele. Por isso, as organizações têm vindo a evoluir no sentido de descentralizar-se, criando mais conexões, como aliás mostram os dois mapas

<sup>87</sup> Cf. Garay & Salcedo-Albarán (2012:45)

<sup>88</sup> Figura 3: <http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/%C2%BFpor-qu%C3%A9-es-m%C3%A1s-dif%C3%ADcil-desarticular-las-actuales-redes-criminales-mexicanas-que-los-cartel>, consultado a 5/03/2016

seguintes. Os cartéis mexicanos têm-se aproximado cada vez mais desta configuração, explicando-se assim, embora parcialmente, resultados distintos na mesma estratégia de guerra aos cartéis colombianos e mexicanos: o problema é o mesmo, mas a sua aparência é diferente. Note-se a interessante analogia com a figura 2, onde os pontos são os mesmos ao longo dos três esquemas, mas a sua aparência vai-se modificando.<sup>89</sup> Resumindo, tal como diz González, referindo-se às vantagens das redes para o narcotráfico:

...se está produciendo una evolución desde las antiguas organizaciones jerárquicas, con liderazgo y cadena de mando clara, hasta nuevas formas descentralizadas, organizadas en red y con miembros y nodos conectados de forma lejana (...) Las organizaciones cambian, se adaptan y aprenden. (...) al diluirse la figura del “capo” que ejerce el control, mantienen un perfil más bajo, usan canales de información y atraen menos la atención de las fuerzas de la orden [e] cuando sufren ataques, es más difícil desarticularlas ya que su centro de gravedad no es único sino disperso, de forma que detener a algún líder no supone el fin de la red.<sup>90</sup>

Além disso, o grande dinamismo destas organizações e a grande competitividade deste mercado são factores que contribuem naturalmente para a criação de alianças ou pactos ou, pelo contrário, declarações de guerra, gerando mais violência. Por exemplo, quando um cartel se torna ameaçador pelo seu rápido crescimento, depressa são formadas alianças entre os seus inimigos, de modo a equilibrar a relação de forças. Devemos, no entanto, estar cientes, de que os cartéis, na sua lógica de optimização do lucro, não só procuram eliminar os concorrentes, mas também controlar as melhores *plazas*, corredores ou rotas. É por isso que o território joga um papel preponderante que pode fazer a diferença em termos de custos à organização. Diz-nos Paul Rexton Kan que, “for cartels, territory is not about ‘winning hearts and minds’ but access to markets and retrieval of profit”.<sup>91</sup>

Para perceber melhor esta questão, Rexton Kan apresenta alguns mapas do México, assinalando regiões diferentes, em função do papel e importância que elas assumem para as organizações de narcotráfico. Utilizá-los-emos de seguida, para uma melhor e mais rápida compreensão desta matéria.

---

<sup>89</sup> Cf. Garay & Salcedo-Albarán (2012:38-48 e 189-190)

<sup>90</sup> Cf. González (2014:38-41)

<sup>91</sup> Cf. Kan (2012:55)



**Figura 4 - Heartland**<sup>92</sup>

Para o autor, a *Heartland* é a região que se situa no norte mexicano, onde se encontra a fronteira com os Estados Unidos, com mais de 3100 quilómetros de extensão. Esta é a zona mais importante para os cartéis, onde todos procuram ter algum tipo de presença. Por ser a região mais próxima do consumidor, é a mais lucrativa e, por consequência, a mais cobiçada, podendo gerar níveis de violência extremamente elevados.<sup>93</sup> Aliás, durante o período de guerra aos cartéis por parte do Estado mexicano, que veremos no capítulo seguinte, só a Ciudad Juárez, situada na *Heartland*, foi palco de cerca de 20% do total de homicídios no país.<sup>94</sup> Do mesmo modo, também foi nesta região que nasceram os cartéis de Tijuana (Baja California), Juárez (Chihuahua) e do Golfo (Tamaulipas).

A segunda região descrita pelo autor é a *Rimland*, de onde fazem parte quase todos os estados costeiros, tanto a ocidente como a oriente. Esta zona é particularmente importante, pois os cartéis fixam-se nela, não só para obterem

<sup>92</sup> Figura 4: Kan, P. R. (2012). *Cartels at War*. EUA: Potomac Books

<sup>93</sup> Cf. Kan (2012:56-57)

<sup>94</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:186)

um acesso privilegiado aos portos mexicanos, mas também para cultivarem, prepararem e levarem as drogas para norte, em direcção à *Heartland*.<sup>95</sup>



Figura 5 - Rimland<sup>96</sup>

Assim, o controlo do sul do México serve propósitos diferentes, tal como assinala Kan:

South American cocaine and heroin come overland through the states along the Southern border shared with Guatemala, but the bulk of Andean cocaine and heroin is shipped by air or boat along two main routes. The first route enters the Yucatan Peninsula via remote airstrips or the port of Cancun, and the second route enters Mexico via cities in Guerrero and Michoacán.<sup>97</sup>

Os cartéis com operações predominantes na *Rimland* enfrentam dificuldades diferentes daqueles que estão mais a norte, uma vez que, ao controlar vastos territórios, exigem maior disciplina interna, como é o caso da Federação de Sinaloa. Aliás, este é o único cartel que tem tentado reforçar a sua presença na *Heartland*, aumentando ainda mais a violência. Também, o facto de haver uma rota específica que utiliza o estado de Michoacán para o trânsito

<sup>95</sup> Cf. Kan (2012:59)

<sup>96</sup> Figura 5: Kan, P. R. (2012). Cartels at War. EUA: Potomac Books

<sup>97</sup> Idem, Ibidem, p.60

de drogas, facilitou o aparecimento de uma organização criminosa nesse lugar denominada La Família Michoacana (LFM).<sup>98</sup>



Figura 6 - Periphery<sup>99</sup>

Por fim, a última região, composta pelos restantes estados, chama-se *Periphery*. Não é tão relevante em termos operacionais, mas serve de refúgio aos líderes considerando-se uma zona segura. Aqui os níveis de violência são mais baixos, embora muito desiguais: enquanto no estado de Durango, a violência tinha aumentado 600% em 2009, relativamente ao ano anterior, no estado da Baja California Sur apenas se registou, em 2010, uma morte relacionada com o narcotráfico.<sup>100</sup>

Em resumo, o narcotráfico, enquanto fenómeno, enquadra-se num conflito de grande intensidade, cujos actores se movem apenas pelo lucro proveniente do cultivo, transporte, transformação e venda de drogas. Embora esse seja o seu negócio principal, podem obter recursos extra a partir da extorsão, sequestro ou homicídio, onde o território joga um papel importante.<sup>101</sup> A violência é particularmente favorecida, dada a natureza ilícita de todo o

<sup>98</sup> Cf. Kan (2012:61)

<sup>99</sup> Figura 6: Kan, P. R. (2012). *Cartels at War*. EUA: Potomac Books

<sup>100</sup> Idem, *Ibidem*, p.64-65

<sup>101</sup> Cf. Vargas (2011:168)

negócio, o acesso privilegiado às armas, a debilidade estatal, sobretudo ao nível judicial e a grande concorrência entre cartéis.<sup>102</sup> O Estado mexicano é naturalmente uma ameaça ao bom funcionamento das operações, onde a corrupção por parte dos cartéis pode ser vista como um incentivo ou uma intimidação, recordando a expressão *plata o plomo* (dinheiro ou chumbo), traduzindo a existência de duas alternativas perante uma tentativa de suborno: ou o indivíduo se deixa corromper ou arrisca a vida. Um outro aspecto relevante tem que ver com a orgânica do cartel, isto é, os laços que unem os elementos da organização são sobretudo comerciais, não existindo propriamente uma ideologia ou uma orientação política, pelo que a violência e a intimidação costumam ser exercidas dentro da própria organização para manter a coesão interna e fora dela, para neutralizar potenciais ameaças.<sup>103</sup>

Neste momento, após uma análise pormenorizada das motivações e do *modus operandi* dos cartéis, encontramos-nos em condições de analisar a realidade mexicana, apresentando a localização das principais organizações de narcotráfico no país, seguido de uma breve descrição de cada uma delas.



Figura 7 – Distribuição Geográfica dos Cartéis Mexicanos em 2012<sup>104</sup>

<sup>102</sup> Cf. Beittel (2012:5)

<sup>103</sup> Cf. Kan (2012:30-31)

<sup>104</sup> Figura 7: <http://elordenmundial.com/wp-content/uploads/2015/03/Mapa-narcotr%C3%A1fico-M%C3%A9xico.jpg>, consultado a 19/03/2016

Como podemos ver pela imagem apresentada, existem diversas organizações de narcotráfico, duas delas de carácter nacional, como é o caso do cartel Los Zetas e da Federação de Sinaloa. Note-se o grande número de cartéis presentes na *Heartland*, comprovando a sua importância geoestratégica. O Congressional Research Service, numa publicação sobre esta matéria, designa os cartéis de Tijuana e Juárez como “Toll Collector Cartels”, uma vez que estão confinados a pequenos municípios, sem grandes hipóteses de crescimento e, portanto, sob ameaça constante de desaparecerem.<sup>105</sup>

Neste panorama de alta tensão entre as organizações criminosas, como aliás é próprio das guerras do século XXI, apresentamos, de seguida, uma breve descrição dos principais cartéis mexicanos.<sup>106</sup>

- ◇ Cartel Juárez ou Organização Carrillo Fuentes: outrora com grande poder, sob o comando dos irmãos Carrillo Fuentes, localizado na Ciudad Juárez, na fronteira com os EUA, tem vindo a perder relevância. Um dos frutos do antigo cartel de Guadalajara, esta organização rompeu a aliança com a Federação de Sinaloa em 2008, altura a partir da qual a violência disparou nessa região.<sup>107</sup> Foi o primeiro cartel a utilizar um carro-bomba no México.
- ◇ Cartel Tijuana ou Organização Arellano Félix: tendo sido o mais poderoso dos cartéis nos anos 90, este cartel fronteiriço cobrava avultadas quantias aos outros cartéis pela passagem nas *plazas* que controlavam. Contudo, a Federação de Sinaloa, por recusar pagar estes valores, tornou Tijuana uma das mais violentas cidades do país. Curiosamente, desde 2010, os níveis de violência têm vindo a diminuir, possivelmente resultado das ofensivas estatais e consequente debilitamento da organização ou por um eventual acordo com a Federação de Sinaloa.<sup>108</sup>
- ◇ Federação de Sinaloa: outro “filho” do cartel de Guadalajara, a Federação de Sinaloa é constituída por várias organizações mais pequenas, daí o seu

---

<sup>105</sup> Cf. Beittel (2012:20)

<sup>106</sup> V. Garcia (2010:100)

<sup>107</sup> Cf. Beittel (2015:16-17)

<sup>108</sup> Cf. Vargas (2011:161)

nome. Controlada pelo mediático El Chapo, estima-se que este cartel controle entre 40 e 60% do narcotráfico no México e que os seus lucros cheguem aos 3 bilhões de dólares anuais. Além disso, está presente em muitos estados do México, incluindo os territórios do famoso Triângulo Dourado. Mantém actualmente, como vimos, uma guerra aberta contra o Cartel Juárez e com a organização Los Zetas.<sup>109</sup>

- ◇ Organização Beltrán Leyva: a este cartel fronteiriço fazia parte da Federação de Sinaloa até 2008, funcionando como seu braço direito, na medida em que controlava o acesso aos EUA. Contudo, esta organização foi ganhando autonomia e, após a captura do seu líder pelas Forças Armadas, recaíram as suspeitas de que Sinaloa tinha facilitado esta acção. Desde então, os dois cartéis têm-se defrontado.<sup>110</sup>
- ◇ Cartel do Golfo: esta organização remonta aos anos 70, localizada inicialmente nos estados de Tamaulipas e Nuevo León, no norte mexicano. O crescente domínio sobre toda a costa oriental do México, com o apoio dos cartéis colombianos e das máfias centro-americanas, as maras, levou a organização a ser considerada uma das mais poderosas, competindo apenas com a Federação de Sinaloa. Em 1999, este cartel conseguiu corromper alguns elementos das Forças Especiais mexicanas, cujo líder utilizava o código de rádio Z-1. Mais tarde, estes ex-membros da força pública tornam-se independentes, formando o cartel Los Zetas.<sup>111</sup>
- ◇ Los Zetas: formado por antigos militares ao serviço do Cartel do Golfo, esta organização, altamente sofisticada e bem treinada elevou, numa linguagem mais informal, o “nível do jogo”, pois as poderosas armas e as táticas militares fizeram desta organização uma das mais violentas, tendo sido a responsável por diversos massacres, incluindo a chacina de 72 imigrantes no estado de Tamaulipas, em 2010.<sup>112</sup>

---

<sup>109</sup> Cf. Beittel (2015:14-15)

<sup>110</sup> Idem, *Ibidem*, p.21-22

<sup>111</sup> Cf. Vargas (2011:163)

<sup>112</sup> Idem, *Ibidem*, p.163-164

- ◇ La Família Michoacana<sup>113</sup>: inicialmente aliado ao cartel Los Zetas, este cartel regional sediado no estado de Michoacán, tem sido frequentemente ligado a cultos pseudo-religiosos, enquadrando a sua violência como simbólica e necessária para proteger esse estado dos inimigos Los Zetas. Além disso, este cartel procura apoio popular, para justificar as suas acções criminosas e até providencia cuidados médicos e outros serviços sociais às comunidades mais pobres de Michoacán.<sup>114</sup>

Como pudemos ver pelo historial de cada um dos cartéis, nenhuma aliança é estável, criando-se facilmente guerras internas e cisões entre as organizações. Os pequenos cartéis do norte têm sobrevivido graças à sua privilegiada posição estratégica que lhes permite obter grandes lucros.

No entanto, não podemos deixar de notar que o último cartel apresentado, o qual veremos mais em detalhe adiante, se destaca dos restantes pelo seu aparente carácter ideológico, o que nos remete para o tema da narcocultura. É certo que a pobreza e as desigualdades sociais potenciam o envolvimento das camadas mais desprotegidas da sociedade, mas não são os seus únicos propulsores. Muitas vezes, os cartéis utilizam a música mexicana, especialmente os *corridos*, para justificar a moralidade dos seus actos, incentivando as pessoas a participar nas organizações criminosas, com um discurso que denigre a figura do Estado.<sup>115</sup> Além da música, alguns narcotraficantes são devotos a certas entidades, como a Santa Muerte: “She is thought to depict the ultimate justice, because death is considered ‘a great equalizer, all living things, no matter their status or behavior in life, must die’”.<sup>116</sup> Em resumo, “narcocorridos transmit messages of superiority, legitimacy, and power; narcocultos complement narcocorridos because they provide moral justification for violent acts.”<sup>117</sup> Além disso, se numa empresa comum, compreendemos o conceito de responsabilidade social, no âmbito do narcotráfico, a narcocultura seria o seu equivalente, pois há uma tentativa de captar popularidade e sobretudo, legitimar a acção do narcotraficante junto da

---

<sup>113</sup> No início de 2011, o cartel assumiu o nome “Los Caballeros Templarios”, como sugere o mapa da Figura 5.

<sup>114</sup> Cf. Beittel (2015:23)

<sup>115</sup> Cf. School (2014:18-19)

<sup>116</sup> Idem, *Ibidem*, p.26-27

<sup>117</sup> Idem, *Ibidem*, p.56

sociedade mexicana, contratando até bandas, como Los Tigres del Norte, para cantarem e homenagearem os narcotraficantes. Assim: “Narcocultura complements and assists Drug Trafficking Organisations [DTOs] in a successful criminal and spiritual insurgency through glamourizing violent acts and creating powerful positive DTOs identity.”<sup>118</sup>

Ainda assim, é fundamental contextualizar estes elementos, para não cairmos no erro de assumir que organizações como a La Familia Michoacana vivem por e para uma ideologia. Uma vez que, de todas as organizações criminosas que operam no México, a La Familia Michoacana parece ser, pelas suas idiossincrasias, o cartel que pode levantar mais questões acerca da sua natureza, vejamos mais em detalhe algumas dessas particularidades.

Em primeiro lugar, é necessário compreender o nascimento da LFM, enquadrando-o numa disputa de *plazas* e divisões entre os dois maiores cartéis do México no início dos anos 2000: Sinaloa e o Golfo-Zetas (ainda unidos).<sup>119</sup> Sob a liderança de El Chapo Guzmán, o cartel de Sinaloa decidiu invadir o estado nortenho de Tamaulipas, o coração do cartel do Golfo, para tentar controlar a importante *plaza* de Nuevo Laredo, uma cidade fronteiriça com os Estados Unidos. Como resposta, o cartel do Golfo adoptou uma estratégia similar, atacando o sudoeste mexicano, no geoestratégico estado de Michoacán, onde há relatos de cultivos de papoila e marijuana, desde os anos 40 e 50.<sup>120</sup> Os narcotraficantes dessa região Carlos Rosales e os irmãos Valencia desentenderam-se, cortando relações, após o primeiro ter decidido apoiar o cartel de Sinaloa e os últimos o cartel do Golfo. Após sangrentos confrontos e a detenção dos irmãos Valencia, os narcotraficantes michoacanos decidiram formar uma organização independente e declararam guerra a Sinaloa e ao Golfo.<sup>121</sup> Estes acontecimentos são da maior importância, pois mostram que a LFM nasceu de um contexto de grande violência, como mais uma das muitas organizações criminosas no país. Como aponta Astorga, “La actividad principal de La Familia es el tráfico de drogas, pero ha diversificado sus fuentes de

---

<sup>118</sup> Cf. School (2014:57)

<sup>119</sup> Para efeitos de clarificação, assumiremos a expressão “cartel do Golfo”, sabendo que Los Zetas ainda não eram uma organização independente.

<sup>120</sup> Cf. Astorga em Garay & Salcedo-Albarán (2012:233)

<sup>121</sup> Cf. Francisco Gómez em Garay & Salcedo-Albarán (2012:243-244)

ingresos. Las autoridades federales mencionaron el secuestro, la extorsión, el robo y la piratería.”<sup>122</sup> O poder corruptor da LFM é bastante alto na região e é utilizado sobretudo para proteger o negócio do narcotráfico, sendo o poder político local, a polícia, empresários, empresas de segurança, os principais alvos a neutralizar, não só para não interferirem nas operações do cartel, mas também para facilitarem essas mesmas operações. Contudo, um clima de grande violência torna, geralmente, as pessoas mais proclives a aceitarem promessas de paz e segurança, dado o desespero. É neste sentido, que a LFM tem seguido a sua linha de autopromoção, mas, tal como diz Rexton Kan, o foco não é a conquista do povo, mas um mero discurso conveniente aos negócios que querem a qualquer custo proteger, ou o próprio filho de Servando Gómez Martínez, mais conhecido por La Tuta, um dos fundadores da LFM, não teria dito “la meta principal de mi padre es la expansión de La Familia Michoacana.”<sup>123</sup> A mesma interpretação é feita pela própria polícia que indicou que:

La Familia Michoacana busca cobijarse con la sociedad señalando que “es una organización que intenta proteger a la sociedad civil de la delincuencia organizada”; sin embargo, según la institución [a policía], es una organización delictiva que trafica drogas, genera violencia y ataca a la misma sociedad con secuestros y extorsiones.<sup>124</sup>

É ainda de notar o carácter impositivo destas propostas por parte da LFM, que, segundo um documento da PGR, intitulado “Estrategia de La Familia Michoacana”:

..su estrategia consiste en sustituir a las autoridades bajo el pretexto de que con ellos no habrá secuestradores, violadores, asaltantes o delincuentes que afecte a la población. Esa protección que vende no es una propuesta, es una imposición, porque quien se resiste se expone a represalias o a ser asesinado.<sup>125</sup>

Embora a LFM tenha um carácter extremamente violento e as demais instituições a descrevam como um grupo criminoso, focado na rentabilização do tráfico de drogas, afastando quaisquer ameaças, é importante reconhecer que as lideranças, frequentemente, moldaram ou injectaram novas ideias nesta

---

<sup>122</sup> Cf. Astorga em Garay & Salcedo-Albarán (2012:239)

<sup>123</sup> Cf. Francisco Gómez em Garay & Salcedo-Albarán (2012:254)

<sup>124</sup> Cf. Francisco Gómez em Garay & Salcedo-Albarán (2012:254)

<sup>125</sup> Idem, *Ibidem*, p.255

organização. Por exemplo, um dos antigos líderes da LFM, Nazario Moreno González, escreveu a sua própria versão de uma “bíblia” com conceitos pseudo-religiosos. No entanto, seria importante perceber até que ponto estas ideias serviram de base para a constituição da LFM ou servem a coesão do grupo, o que exigiria um trabalho de investigação extremamente complexo sem garantias de uma só resposta, pelo que a nossa análise deve centrar-se nos factos que, pessoalmente, são mais relevantes: i) a LFM nasceu de uma ruptura de cartéis nacionais, constituindo-se como uma organização criminosa regional; ii) dedica-se ao narcotráfico, extorsão, sequestros e outras actividades ilícitas; iii) situa-se num plano equivalente ao dos outros cartéis, na medida em que os outros consideram a LFM uma ameaça e vice-versa, provando uma coincidência de interesses; iv) Nazario Moreno, o líder de que falámos acima, foi apelidado de “El Más Loco”, o que, apesar de não ser certo, abre uma possibilidade de que a LFM esteja a ser erroneamente associada a estes fanatismos, quando é plausível que se devam cingir a este barão da droga, isto é, este fanatismo religioso pode ser enquadrado numa personalidade e não numa organização; e v) as acções da LFM sempre procuraram proteger as suas operações, corrompendo o poder político, ao ponto de se ter realizado uma mega-operação policial, o *michoacanazo*, que deteve vários presidentes de câmara e altos funcionários estatais. Face a esta operação, a LFM “vio disminuida su capacidad de enlace, logística y operación, por lo que se replegó a zonas rurales, particularmente serranas”, o que só reforça a ideia de que a prioridade deste cartel, como a de todos os outros, é a preservação e o controlo das actividades ilícitas a que se dedicam, pois disso depende a sua sobrevivência.<sup>126</sup>

Neste barril de pólvora sempre prestes a explodir, onde os cartéis se debatem pelo lucro, estabilidade e coesão, o Estado mexicano, em 2006, decidiu finalmente actuar, sob a liderança do 65º presidente mexicano, Felipe Calderón.

---

<sup>126</sup> Cf. Francisco Gómez em Garay & Salcedo-Albarán (2012:250)

## IV- A Resposta do Estado Mexicano

Neste capítulo, procuramos compreender como se concretizou a guerra do presidente Felipe Calderón aos cartéis de narcotráfico e que consequências advieram dessa decisão. Recorde-se que esta análise é bastante importante, pois, tal como no caso colombiano, existiu uma ofensiva estatal às FARC.

Em 2006, já era notória a escalada da violência no México, resultante das lutas entre cartéis. Um dos factores de estabilidade destas redes era, como mencionámos anteriormente, a estabilidade política, promovida pelo partido que governou o país por mais de 70 anos, o PRI. Com a derrota desse partido no início do novo milénio, a instabilidade era evidente:

Democratization led to the break-up of the PRI's dominance of the trade, and the fragmentation of its monopoly created space for the cartels to grow. In addition, neoliberal trade accords facilitated cross-border smuggling thanks to the increased traffic moving north as a result of an improved infrastructure of highways and railroads.<sup>127</sup>

Assim, em 2006, o recém-eleito *panista* Calderón deu ordens para militarizar o país, colocando de norte a sul cerca de 50 mil elementos das Forças Armadas. No âmbito da Constituição mexicana, as Forças Armadas (FA) têm o dever de defender o Estado, não só perante uma ameaça externa, mas também ameaça interna “que tenga por objetivo la destrucción y el derrocamiento de los ordenamientos políticos y administrativos”. Contudo, o mesmo documento impede as Forças Armadas de cumprirem esse dever autonomamente, uma vez que dependem da autorização do poder político para esse efeito. Assim o diz o artigo 89, onde o Presidente da República é o comandante supremo das Forças Armadas, podendo “disponer de la totalidad de los recursos de la Nación para garantizar la seguridad interior y la defensa exterior de la Federación...”.<sup>128</sup> Neste contexto, depreendemos que a colocação deste número tão avultado de elementos das FA se prende com dois objectivos: por um lado, o de aumentar a percepção de segurança, mostrando-se aos mexicanos e, por outro, o de combater os cartéis de narcotráfico.<sup>129</sup> Para isto, os militares foram destacados

---

<sup>127</sup> Cf. Watt & Zepeda (2012:177-178)

<sup>128</sup> Cf. Vargas (2011:91)

<sup>129</sup> Cf. Garcia (s.n.t.:3)

para zonas de disputa ou de conflito, os “hot-spots”, onde conter a situação era uma tarefa prioritária.<sup>130</sup>

No âmbito do combate ao narcotráfico, a decisão de Calderón teve o apoio dos Estados Unidos, através da assinatura da Iniciativa Mérida, em 2008. Tal como afirma Jerry Langton, o México tinha interesse em responsabilizar os EUA pelos problemas no seu território, dada a grande procura americana de drogas e os EUA queriam que o México fosse mais transparente em termos de contas e mais exigente ao investigar violações dos direitos humanos por parte da sua polícia e FA.<sup>131</sup> A Iniciativa Mérida entregou ao México cerca de 1,6 biliões de dólares que se distribuíram em diversos sectores: equipamentos novos, tecnologia de ponta, treino militar, apoio à PGR, à Secretaria da Marinha (SEMAR) e Defesa (SEDENA) e até apoio aos países centro-americanos, para combater os gangues locais.<sup>132</sup>

A nível interno, Felipe Calderón procurou continuar a modernização das FA, iniciada nos anos 90, aquando do incidente do movimento guerrilheiro EZLN, em 1994. Deste modo, descentralizaram-se funções da SEDENA e da SEMAR, atribuindo aos comandos regionais maior autonomia que, por conseguinte, permitiu uma capacidade de resposta mais rápida e eficaz. Além disso, “esta iniciativa de descentralización busca contrarrestar los efectos de la corrupción en los mandos militares al reducir los riesgos de filtración de la información”.<sup>133</sup>

Outro aspecto de extrema importância tem que ver com a adopção de uma estratégia similar à colombiana nos anos 90, para desmantelar os grandes cartéis de Cali e Medellín e até combater as FARC: a estratégia do *kingpin*.<sup>134</sup> Um dicionário comum diz-nos que *kingpin* significa “a pessoa mais importante no grupo ou organização”<sup>135</sup>, o que nos leva a concluir que a estratégia levada a cabo pelas Forças Armadas foi a de identificar determinados alvos, para posterior captura. Tal como afirma Beittel, “A leading element of the strategy

---

<sup>130</sup> Cf. Beittel (2012:3)

<sup>131</sup> Cf. Langton (2012:121)

<sup>132</sup> V. Vargas (2011:106)

<sup>133</sup> Idem, *Ibidem*, p.98

<sup>134</sup> V. Beittel (2012:42-44)

<sup>135</sup> V. em <http://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/kingpin>

has been to confront and dismantle the drug trafficking organizations by going after the high-value targets: the leadership of the major DTOs.”<sup>136</sup> Esta estratégia, contudo, teve grandes consequências para o México. Os seus defensores acreditavam que a captura de um líder de um cartel obrigaria o seu círculo próximo a comunicar mais frequentemente entre si, enquanto se reajustava à perda do chefe. As forças de segurança deveriam actuar nesta altura, aproveitando uma maior comunicação para obter informações a respeito da organização e poder mais facilmente desmantelá-la.<sup>137</sup>

No entanto, o que parecia funcionar em teoria, não aconteceu na prática. Após elencar os principais líderes das organizações de narcotráfico mexicanas e se terem efectuado as primeiras capturas, não se verificou uma desestabilização dos cartéis, mas uma reorganização rápida, acompanhada de um aumento exponencial da violência. Por exemplo, o líder do cartel do Golfo, que ainda incorporava o Los Zetas, foi capturado em 2003, tendo sido nomeados dois substitutos que se encarregavam de coordenar áreas diferentes do cartel. No entanto, em 2008, as discrepâncias entre os dois substitutos levaram a uma ruptura na organização, transformando Los Zetas num cartel independente.<sup>138</sup> Se tivermos em conta o capítulo anterior, estes efeitos são perfeitamente compreensíveis: após a captura de um chefe de um cartel, criou-se um vazio de poder na organização, que originou disputas internas pelo poder, novos conflitos e, justamente porque estes se resolvem à margem da lei, a violência como recurso tornou-se inevitável.<sup>139</sup> É curioso, perante uma *colombianização* da guerra ao narcotráfico, na medida em que o governo mexicano atacou os cartéis da mesma forma que o colombiano, uma década antes, os resultados terem sido antagónicos. Luis Jorge Garay e Eduardo Salcedo-Albarán explicam precisamente que este desfecho distinto assentou na simples razão de que não estamos a lidar com o mesmo problema e que, por conseguinte, a aplicação de um mesmo método de resolução não conduz necessariamente aos mesmos resultados:

---

<sup>136</sup> Cf. Beittel (2012:31)

<sup>137</sup> Cf. Tuckman (2012:169)

<sup>138</sup> Cf. González (2014:135)

<sup>139</sup> Cf. Beittel (2012:21-22)

Redes criminales como las de La Familia Michoacana o los Zetas [...] permiten inferir un proceso de formación o complejización de estructuras criminales que, en cierto sentido, son más difíciles de confrontar que aquellas dedicadas únicamente al narcotráfico [como os cartéis colombianos]. Esto último tiene claras implicaciones en los tipos de políticas públicas que pueden ser empleadas para confrontar estas redes: si es necesario enfrentar estructuras cada vez más complejas de crimen, con las mafias de nuevo tipo, como su expresión más desarrollada, y no únicamente cárteles de narcotráfico, las acciones concentradas en confrontar el narcotráfico tendrán efectos parciales.<sup>140</sup>

Nesta sentido, a reconfiguração dos cartéis mexicanos associada à perda dos seus antigos líderes, levou a um acelerado aumento da violência. Estima-se que o número de homicídios enquadrado no narcotráfico, em território mexicano, aumentou 440%, passando de 2826 mortes, em 2007, a 6837, em 2008, 9614, em 2009 e ultrapassou as 15200 em 2010.<sup>141</sup>

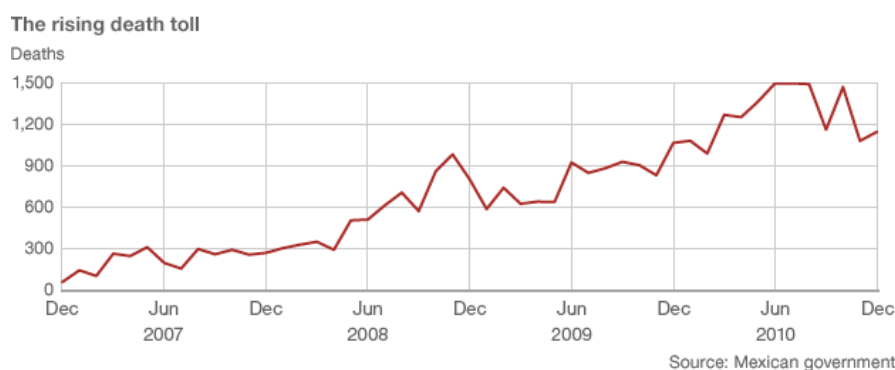


Figura 8 - Evolução do número de mortes a partir do sexénio de Felipe Calderón (2006)<sup>142</sup>

Assim, a estratégia governamental do *kingpin* provocou um aumento substancial da violência no México, fruto da fragmentação dos cartéis em organizações mais pequenas que posteriormente se tornaram rivais.<sup>143</sup> O gráfico seguinte mostra, a título de exemplo, as consequências da captura de dois dos irmãos que lideram a Organização Beltrán Leyva: por cada detenção, gerou-se uma onda de violência, pelo que podemos estabelecer uma relação causa-efeito. Neste caso concreto, como foi mencionado no capítulo anterior, a Organização Beltrán Leyva fez parte do cartel de Sinaloa, até 2008, altura em que a OBL

<sup>140</sup> Cf. Garay & Salcedo-Albarán (2012:302)

<sup>141</sup> Cf. Vargas (2011:169)

<sup>142</sup>

Figura

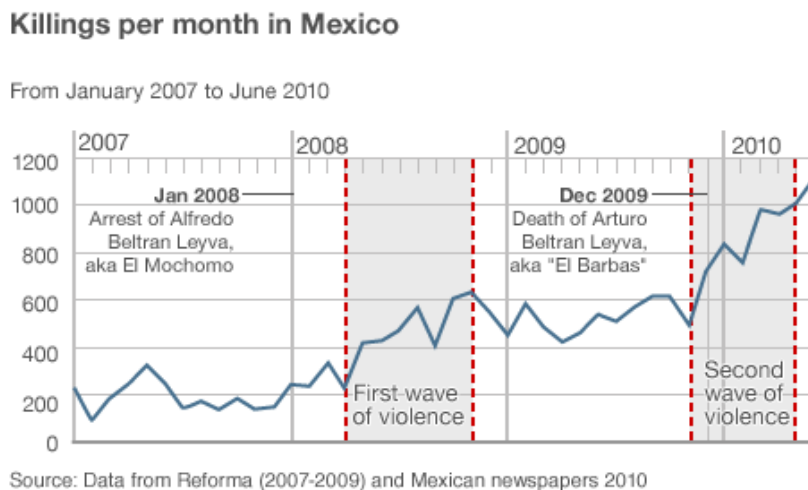
8:

[https://mexicanosalgrito.files.wordpress.com/2011/02/grafica\\_muertes\\_xmes\\_gobierno.gif](https://mexicanosalgrito.files.wordpress.com/2011/02/grafica_muertes_xmes_gobierno.gif),

consultado a 29/07/2013

<sup>143</sup> Cf. González (2014:133 e ss.)

acusou Sinaloa de ter entregado “El Mochomo” às autoridades mexicanas. Os dois cartéis separaram-se, e dada a sua proximidade geográfica, provocaram, como mostra o gráfico, um enorme aumento da violência.<sup>144</sup>



**Figura 9 - Relação entre a evolução do nº de mortes e a captura de líderes da OBL**<sup>145</sup>

Além disso, o número de homicídios de jornalistas, presidentes da câmara e outros representantes do poder político disparou desde 2006.<sup>146</sup> A necessidade de controlar territórios e de agir livremente num ambiente de impunidade motivou os ataques aos líderes municipais, pois podiam ser uma ameaça, da mesma forma que eliminar jornalistas evitava que se publicassem certas informações sobre os narcotraficantes. Assim, tendo em conta que os cartéis se regem por uma lógica empresarial, onde o segredo é a alma do negócio, é mais do que evidente a importância de manter as actividades em sigilo, sob pena de o Estado ou outras organizações conseguirem pôr em causa a sua sobrevivência. É ainda pertinente mencionar que os cartéis, como vimos no capítulo anterior, se esforçam por construir uma imagem positiva perante a sociedade, pelo que o trabalho de investigação jornalístico era obviamente visto como uma ameaça, nesta perspectiva.<sup>147</sup>

Em resumo, a situação no México é caracterizada por diversas organizações criminosas, cujo objectivo primordial é o lucro, estando portanto

<sup>144</sup> Cf. Langton (2012:134-135)

<sup>145</sup> Figura 9:

[http://news.bbcimg.co.uk/media/images/48970000/gif/\\_48970709\\_mexico\\_executions\\_464.gif](http://news.bbcimg.co.uk/media/images/48970000/gif/_48970709_mexico_executions_464.gif), consultado a 12/10/2014

<sup>146</sup> Cf. Bonner (2012)

<sup>147</sup> Cf. Beittel (2012:24 e 27)

desprovidas de ambições político-ideológicas. Claramente um contrapoder, os cartéis de narcotráfico mexicanos, cada vez mais flexíveis, souberam adaptar-se às ofensivas do Estado, dependendo cada vez menos dos seus líderes, para funcionar em rede.<sup>148</sup> O Estado, sentindo-se claramente ameaçado, perante a crescente violência, declarou guerra a estas organizações. Em 2009, Felipe Calderón afirmava que “el crimen organizado busca el control territorial [...] Será una guerra sin cuartel porque ya no hay posibilidad de convivir con el narco. No hay regreso; son ellos o nosotros”.<sup>149</sup>

Numa breve opinião pessoal, a estratégia assumida pelo governo foi bem-sucedida, pois em Julho de 2011, apontava para a captura ou morte de mais de metade dos barões da droga mais procurados do México. Contudo, o erro parece ter estado na assunção de que esta guerra era comparável àquela que teve lugar nos anos 90, na Colômbia, pois os resultados divergiram substancialmente. O trabalho de cenarização, isto é, a projecção de possíveis resultados de uma intervenção militar, é fundamental para prever possíveis respostas dos inimigos, medindo a sua probabilidade de ocorrer e, conseqüentemente, preparar as FA no sentido de garantir a vitória.<sup>150</sup> Não parece, pois, ter sido o caso, uma vez que a guerra ao narcotráfico se estendeu no tempo e no espaço e provocou mais de 60 mil mortes só durante o mandato de Calderón. A título de exemplo, não se teve em conta que as organizações criminosas mexicanas contavam com tecnologias mais desenvolvidas do que os cartéis colombianos dos anos 90, pelo que utilizar uma estratégia eficaz no passado não conduz necessariamente ao êxito, como aliás, ficou demonstrado pelo próprio desenrolar do conflito.<sup>151</sup>

Um último aspecto que merece a nossa atenção é o tradicional e erróneo enfoque estado-unidense que tem insistido em reduzir a oferta de drogas nos países da América Latina, sem ter em conta o lado da procura, do qual é o grande responsável.<sup>152</sup> A guerra tem sido feita pelos EUA, mas é na América Latina que se perde a maior parte das vidas humanas. Assim, “la lucha antidroga ataca la oferta mucho más que la demanda y la mayor parte de la

---

<sup>148</sup> Cf. Garay & Salcedo-Albarán (2012:190)

<sup>149</sup> Cf. Calderón (2009) em Vargas (2011:137)

<sup>150</sup> Cf. Garcia (2010:176-177)

<sup>151</sup> Cf. González (2014:21)

<sup>152</sup> Cf. Kleiman (2011)

‘guerra’ se libra en los países de producción y tránsito mediante la militarización y la ‘mano dura’”.<sup>153</sup> Deste modo, a guerra ao narcotráfico, como alternativa à não legalização das drogas, deveria ser integral, atacando, mais do que a oferta, a procura. No entanto, mais adiante serão tecidas algumas considerações acerca desta matéria.

Nos próximos capítulos, dedicaremos, então, a nossa atenção ao estudo e análise do caso colombiano e da ascensão das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.

---

<sup>153</sup> Cf. González (2014:44)



## V- Introdução aos Conflitos Internos na Colômbia

Falar das FARC sem um enquadramento prévio seria um erro, pois a Colômbia, ao contrário do México, foi palco de diversos confrontos: movimentos insurgentes, paramilitares e, tal como foi mencionado ao longo dos capítulos anteriores, embora de forma superficial, o narcotráfico. Além disso, estes fenómenos influenciaram-se mutuamente, pelo que é necessário incluir um capítulo introdutório que tente, pelo menos, mostrar a complexa realidade colombiana. Por isso, primeiramente, analisaremos o fenómeno insurgente e as suas bases político-militares, onde se insere as FARC, seguindo-se depois o paramilitarismo que, no caso da Colômbia, surgiu como resposta às guerrilhas e, por fim, o narcotráfico, cujo expoente máximo foram os cartéis de Cali e Medellín.



Figura 10 - Actual Mapa Político da República da Colômbia<sup>154</sup>

<sup>154</sup> Figura 10: [http://www.elabueloeduca.com/elabueloeduca\\_img/mapas/colombia\\_politico.jpg](http://www.elabueloeduca.com/elabueloeduca_img/mapas/colombia_politico.jpg), consultado a 11/02/2016

Existem diversos tipos de guerras, sendo talvez a mais comum na História, a guerra entre Estados soberanos, mas a complexidade da realidade tem vindo a aumentar, diversificando também os tipos de conflitos. Alguns deles acontecem dentro das próprias fronteiras do Estado, como as revoluções, os golpes militares ou as guerras subversivas. Estas últimas interessam-nos mais, pois enquadram teoricamente o nosso problema. O fenómeno subversivo é uma forma de “assalto ou de corrosão dos poderes formais, para cercar a capacidade de reacção, diminuir e/ou desgastar, e pôr em causa o poder em exercício, mas nem sempre visando a tomada do mesmo”. No entanto, a guerra subversiva utiliza as armas como meio para desgastar o poder formal.<sup>155</sup> Como afirma Mario Aguilera, estes movimentos funcionam, geralmente, como um contrapoder, explorando as debilidades do Estado, procurando capturá-lo.<sup>156</sup> Este carácter revolucionário de conquista do poder, para o nosso estudo, implica uma abordagem ainda mais específica, a qual é assinalada por Francisco Proença Garcia, ao afirmar, a respeito da guerra revolucionária:

...sendo certo que incorpora os conteúdos conceptuais da guerra subversiva, caracteriza-se por ser conduzida nos pressupostos do marxismo-leninismo e pretender, em última análise, a implantação do comunismo, utilizando uma amplitude de meios e processos que vão da guerra convencional à guerra subversiva, ou simples aspectos de Guerra Fria.<sup>157</sup>

Neste sentido, a América Latina foi palco de várias destas guerras travadas por movimentos insurgentes como o Sendero Luminoso, no Peru, o Ejército Guerrillero de los Pobres, na Guatemala, os Montoneros, na Argentina, a Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional, em El Salvador, a Frente Sandinista de Liberación Nacional, na Nicarágua, os Tupamaros, no Uruguai ou as Fuerzas Armadas de Liberación Nacional, na Venezuela.<sup>158</sup> O caso colombiano não foi muito diferente, tendo sido o berço de vários grupos armados de carácter insurgente, como as FARC, o Ejército de Liberación Nacional (ELN), o M-19 ou o Ejército Popular de Liberación (EPL).

---

<sup>155</sup> Cf. Garcia (2010:65)

<sup>156</sup> V. Peña (2014:12-13)

<sup>157</sup> Cf. Garcia (2010:74)

<sup>158</sup> V. Ibarra (2009:86)

No entanto, para compreendermos melhor este fenômeno, bastante comum na América Latina, devemos analisar, tanto a ideologia política que o orienta, tal como veremos em detalhe no próximo capítulo, como a própria escolha da violência como arma política. O Estado é a única entidade que detém o poder legítimo do uso da força, mas, tal como assinala María Eugenia Ibarra, o seu monopólio tem sido disputado na América Latina. Um pouco por toda a região pudemos assistir a diferentes ditaduras militares, como foi o caso do Chile, Brasil, Paraguai, Equador, Argentina ou a Bolívia, havendo abusos deste monopólio legítimo. Deste modo, a violência tornou-se “inevitável”, pois “no todo conflicto es violento; se vuelve violento cuando deja de ser negociable y se tranforma en contradicción, en guerra”.<sup>159</sup> Assim, em momentos de hostilidade e repressão, característicos de uma ditadura, a evidente dificuldade em negociar políticas propicia o aparecimento de organismos violentos de oposição ao Estado, na medida em que usam a violência como arma política. Além disso, a autora também nos diz que, apesar dos conflitos políticos terem assumido contornos violentos, os Estados latino-americanos conseguiram, em parte graças a fortes mecanismos de integração política, isolar, de uma forma geral, a violência revolucionária, pelo que o seu êxito se reduziu, por exemplo, a Cuba ou à Nicarágua.<sup>160</sup>

Ainda assim, é necessário enquadrar estes movimentos insurgentes na conjuntura internacional, pois, de outra forma não seria possível entender o seu aparecimento. Como sabemos, após a Segunda Grande Guerra, tanto os Estados Unidos como a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), consolidaram-se como os seus grandes vencedores. Estes dois pólos, política e ideologicamente opostos, procuraram criar alianças um pouco por todo o globo, criando zonas de influência. Assim, os dois blocos, ocidental e soviético, durante a Guerra Fria, provocaram a divisão, não só da Europa, materializada pelo Muro de Berlim, mas também do mundo inteiro. Por exemplo, os Estados Unidos criaram o Plano Marshall na Europa e assinaram o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, mais conhecido por Pacto do Rio, na América Latina,

---

<sup>159</sup> Cf. Touraine (1989) em Ibarra (2009:85-86)

<sup>160</sup> Cf. Ibarra (2009:87)

para alinhar os seus interesses com os dos diversos países da região, numa tentativa de marginalizar o Comunismo, a ideologia “adversária”.<sup>161</sup> Assim:

...USA concluded mutual defence pacts with several Latin American governments (as it had done with West European states) in order to bring Latin America into the structure of worldwide strategic defence against the growing international power of the Soviet Union.<sup>162</sup>

A disputa ideológica na América Latina, estabilizada pelo Pacto do Rio, apenas viria a ganhar novas proporções, quando Cuba, em 1959, viu nascer uma revolução comunista praticamente “às portas” dos EUA. Os governos latino-americanos, que até tinham banido os partidos comunistas dos seus países, olhavam agora para Cuba como uma ameaça, na medida em que “ The success of the Cuban Revolution in 1959 transformed the prospects of Marxism in Latin America.”<sup>163</sup> Comunistas como Ernesto Che Guevara tornaram-se influentes, incitando a mudança radical, tomando Cuba como modelo inspirador.<sup>164</sup> Deste modo, nos anos 60 e 70, diversos grupos revolucionários que procuravam concretizar esta mudança, começaram a aparecer em diversos Estados latino-americanos. A suposta falta de democracia, quer pela ostracização das ideias comunistas, quer pelo autoritarismo dos governos, levou a que os dissidentes olhassem para os governantes como os promotores iniciais da violência, pelo que:

Esta presunción de existencia de una violencia inicial generaba un efecto importante: contribuía a reforzar las posiciones de quienes sostenían la necesidad o la posibilidad de derrocar al régimen a través de la lucha armada.<sup>165</sup>

Em resumo, esta oposição a um Estado violento deveria ser feita do mesmo modo, com métodos violentos, ou seja, através de uma “luta armada”.

Como já falámos na primeira parte deste trabalho, o México, graças a um Estado forte e centralizado nesta altura, conseguiu extinguir estes movimentos, mas a Colômbia, pelo contrário, debateu-se com diversas guerrilhas. No entanto, é de assinalar que o Partido Comunista Colombiano (PCC) sempre foi

---

<sup>161</sup> Cf. Patrício (2012:138-141)

<sup>162</sup> Cf. Williamson (2009:346)

<sup>163</sup> Idem, *Ibidem*, p.353

<sup>164</sup> Cf. Patrício (2012:166)

<sup>165</sup> Cf. Cattaruzza (2008:20-21)

marginalizado, pois, segundo Fabio López, o discurso do partido não coincidia com a realidade colombiana, isto é, o partido pensava a ideologia marxista-leninista, mas não a aplicava à Colômbia, mantendo-se por isso abstracta e pouco apelativa.<sup>166</sup> Veremos mais tarde, o contributo do partido para a ascensão das FARC como grupo armado revolucionário que partilhava os mesmos ideais que o PCC.

Além da insurgência, onde se inserem as FARC, o principal actor desta parte do nosso estudo, desenvolveram-se na Colômbia diversos mecanismos de contra-insurgência, um dos quais o paramilitarismo. Contudo, o fenómeno paramilitar na Colômbia não é analisado de forma consensual, havendo autores que o criticam severamente, como Hernando Calvo Ospina<sup>167</sup> ou, pelo contrário, aqueles que tentam manter um tom imparcial, como Pedro Rivas Nieto e Pablo Rey García.<sup>168</sup> Para compreendermos, de uma forma simples, mas não redutora, o paramilitarismo na Colômbia, é essencial ter-se em conta a geografia colombiana. Ao contrário do México, a Colômbia é um país extremamente fragmentado, onde as principais cidades, Bogotá, Medellín e Cali, estão separadas por selvas e vastos territórios montanhosos. Para termos uma ideia, Garry Leech diz-nos: “Prior to the twentieth century, it took less time to travel from the Caribbean port city of Cartagena across the Atlantic Ocean to Paris than to the nation’s capital...”<sup>169</sup> Assim, é facilmente dedutível que Bogotá, como centro político, nunca conseguiu exercer um controlo eficiente sobre a totalidade do seu território, tornando mais compreensível o aparecimento de movimentos armados de inspiração marxista.<sup>170</sup> Do mesmo modo, face ao aparecimento destas guerrilhas (as FARC nasceram em 1964 e o ELN em 1965), o débil Estado colombiano promulgou, como estratégia contra-insurgente, dois documentos que permitiam a formação de organizações de defesa civil. Assim, “cuando el Estado no controla el territorio no puede ejercer sus funciones de protección de la población ni ostentar el monopolio exclusivo de la violencia.”<sup>171</sup> Neste sentido, o paramilitarismo na Colômbia, foi-se tornando cada vez mais

---

<sup>166</sup> V. López (1994)

<sup>167</sup> V. Ospina (2003)

<sup>168</sup> V. Nieto & García (2008)

<sup>169</sup> Cf. Leech (2011:4-5)

<sup>170</sup> Cf. Nieto & García (2008:43)

<sup>171</sup> Idem, *Ibidem*, p.44

importante na hora de combater as guerrilhas, pois o próprio Estado lhe outorgou esse poder. Contudo, é importante distinguir estes movimentos de autodefesa de outros encontrados na América Latina:

Las autodefensas no han sido – ni son – ciudadanos organizados contra la criminalidad común ni gentes que espontáneamente se enfrentan a delinquentes comunes [...], sino grupos que ejercen un tipo de violencia de corte conservador cuyo fin era mantener un orden sociopolítico establecido.<sup>172</sup>

Assim, os *paracos*, como são conhecidos os paramilitares colombianos, procuraram, numa primeira fase, defender as suas terras, ameaçadas pelas guerrilhas. No entanto, diversos interesses privados mancharam progressivamente estas organizações. Em primeiro lugar, os ganadeiros e os proprietários das terras que financiavam a formação das autodefesas, começaram a envolver-se em negócios ilícitos como o narcotráfico para injectar fundos mais rapidamente nestes grupos. Em sentido oposto, a procura de um discurso legitimador perante a opinião pública por parte do narcotráfico também levou ao seu envolvimento em organizações paramilitares, pois estas podiam oferecer segurança. Assim, aos paramilitares que se financiavam através do narcotráfico, denominamos *paranarcos* e aos narcotraficantes que se envolveram com as autodefesas, *narcoparas*.<sup>173</sup> É neste contexto que os autores mais críticos do paramilitarismo afirmam que este serviu para alimentar uma “guerra sucia”, pois o financiamento e os próprios objectivos dos paramilitares já não eram tão claros como, aquando da sua formação. Nesta matéria, Ospina vai mais longe, pois argumenta que estas autodefesas contribuíram, por terem cometido atrocidades, em especial contra esquerdistas, guerrilheiros ou não, para manter uma boa imagem das Forças Armadas.<sup>174</sup> No entanto, ainda há outra conclusão a extrair daqui: tanto as Forças Armadas como o Estado e os paramilitares tinham o mesmo alvo: os movimentos guerrilheiros, pelo que houve frequentemente encobrimentos, em especial nos anos 80, quando mais de 3000 membros de um partido político que as FARC haviam criado tinham sido assassinados:

---

<sup>172</sup> Cf. Nieto & García (2008:44)

<sup>173</sup> Cf. Uribe & Londoño (2011:338)

<sup>174</sup> Cf. Ospina (2003)

El paramilitarismo debilitaba a la guerrilla y hacía lo que, en buena lid, no debían [...] hacer los soldados regulares. Las Fuerzas Armadas, como apenas cambiaron su manera de enfrentarse a la guerrilla, pudieron ser comprensivas, desde su nacimiento, con los contrainsurgentes. [...] mientras los paramilitares lucharan contra la guerrilla, el Estado no tendría interés en combatirlos y sería posible mantener, oficialmente, un discurso antiparamilitar y colaborar con ellos, al mismo tiempo, en las zonas de conflicto.<sup>175</sup>

Em última análise, podemos afirmar que tal como o Estado, os *paracos* e as FA, também os narcotraficantes estavam contra as guerrilhas, pois estas, ao lutar por territórios, punham em perigo a estabilidade do negócio. Do ponto de vista das guerrilhas, os “narcotraficantes son una forma de capitalismo, y este elemento es lo que les dificulta relacionarse con la guerrilla, nacida para enfrentarse al capitalismo”.<sup>176</sup> Este aspecto é extremamente relevante e deverá ser tido em conta quando analisarmos, mais adiante, o envolvimento das FARC no narcotráfico.

Alguns anos mais tarde, em 1996, os diversos grupos paramilitares espalhados pelo país decidiram unir-se e criar as Autodefensas Unidas de Colombia (AUC), contando com cerca de 10 mil elementos, encabeçados por Carlos Castaño. Estes elementos distribuía-se por três grupos: antigos membros dos cartéis colombianos, barões da droga de pequena e média magnitude e proprietários de terras. As AUC foram particularmente importantes, pois não só tentaram limpar o nome dos *paracos*, politizando-se, como procuraram usar o combate à insurgência como pretexto, para continuar a enriquecer ilicitamente.<sup>177</sup> Por exemplo, a Oficina de Envigado, em Medellín, era uma espécie de escritório do Cartel de Medellín que prestava serviços de extorsão e sicariato. Após a morte de Pablo Escobar, líder desse cartel até 1993, Don Berna assumiu o controlo da Oficina de Envigado, tendo entrado em 1998 para o comando central das AUC.<sup>178</sup> Esta aliança entre paramilitares e narcotraficantes conduziu, em 2006, durante o governo de Álvaro Uribe, à desmobilização das AUC. Esta desmobilização consistiu no desarmamento, cumprimento de penas reduzidas, o que originou vários protestos e, por fim, a

---

<sup>175</sup> Cf. Nieto & García (2008:47)

<sup>176</sup> Idem, *Ibidem*, p.49

<sup>177</sup> Sugere-se a seguinte leitura acerca do discurso paramilitar legitimador da sua acção: Bolívar (2006)

<sup>178</sup> Cf. González (2014:105-106)

reintegração na vida civil dos seus membros. Contudo, esta reintegração não teve os resultados esperados, pois, tal como assinala Mabel González, muitos não sabiam fazer mais nada da vida, pelo que se integraram em grupos criminosos de pequena dimensão, denominados BACRIM (Bandas Criminales Emergentes).<sup>179</sup> Como se não bastasse o envolvimento no narcotráfico, os paramilitares ainda se envolveram na política (parapolítica), revelando-se um verdadeiro escândalo, quando afirmaram que controlavam cerca de um terço do Congresso da Colômbia. Por isso, entre outras razões, Uribe extraditou catorze dos principais chefes paramilitares.<sup>180</sup>

O paramilitarismo é, em resumo, um elemento incontornável da realidade colombiana, tendo contribuído efectivamente para uma “guerra sucia”, actuando, tal como o nome indica, paralelamente às FA. Os paramilitares tornaram a sua actividade demasiado visível, na medida em que, mais do que combater os movimentos insurgentes, procuravam proteger terras, rotas de tráfico de drogas e cultivos ilícitos, tanto pela força, como pela actividade política. As AUC desapareceram oficialmente em 2006.<sup>181</sup>

No entanto, este capítulo ficaria incompleto sem um breve enquadramento histórico do narcotráfico na Colômbia, dado que é um tema transversal a todos os que já abordámos neste trabalho: os cartéis mexicanos ganharam importância, quando os cartéis colombianos caíram e, tanto guerrilhas, como paramilitares encontraram no narcotráfico um modo de se financiarem.

O narcotráfico na Colômbia baseou-se, desde os anos sessenta, essencialmente na cocaína, pelo que é conveniente começarmos por analisar a sua cadeia de produção. De uma forma resumida, cultiva-se a folha de coca, cujo desenvolvimento é mais favorável em altitudes compreendidas entre os zero e os 1700 metros de altitude e, após um período que ronda os quatro meses, realiza-se a respectiva colheita. A folha de coca precisa de ser transformada em pasta de coca ou base de coca, o que exige a aplicação de diversos reactivos ou insumos, como gasolina, amoníaco ou ácido sulfúrico. Para se ter uma ideia concreta, em

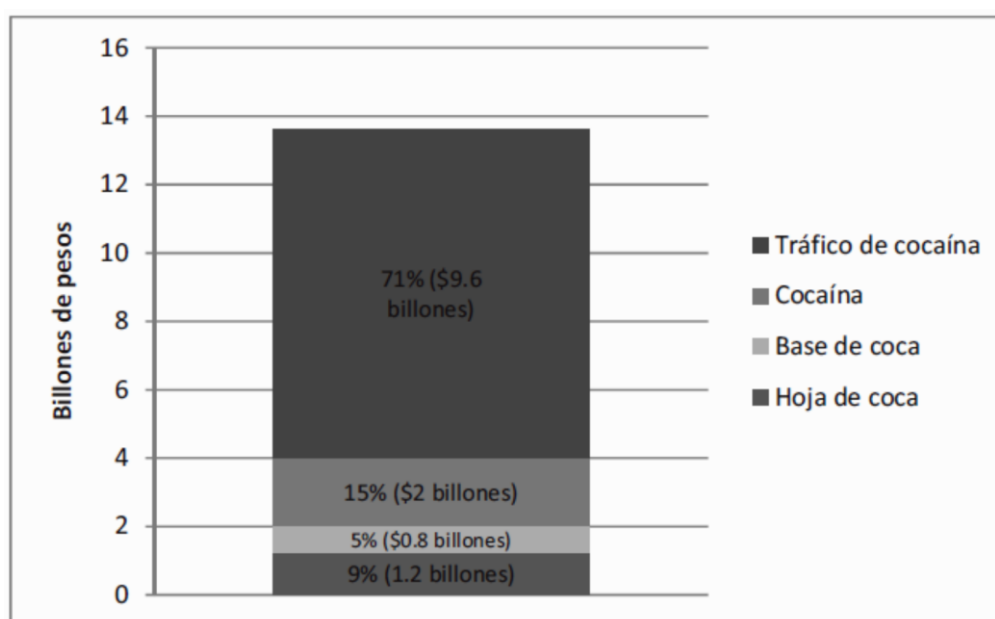
---

<sup>179</sup> Cf. González (2014:110-112)

<sup>180</sup> Cf. Uribe & Londoño (2011:342-347)

<sup>181</sup> Idem, *Ibidem*, p.347-349

2008, em média, uma tonelada de folha de coca, na Colômbia, produziu aproximadamente 1,28kg de base de coca.<sup>182</sup> Em seguida, a base de coca atravessa um novo processo, graças ao uso de novos reactores, de onde se extrai o cloridrato de cocaína. Esta acção é realizada em laboratórios designados *crystalizaderos*, sendo que o seu custo de construção pode ascender a um milhão de dólares. Esta etapa é fundamental, pois determina a pureza da cocaína e, por conseguinte, o seu preço de venda. Assim, para compreendermos de que forma cada uma das fases desta cadeia, especialmente o tráfico, cria valor para este negócio, o seguinte gráfico mostra-se elucidativo.<sup>183</sup>



**Figura 11 - Distribuição do valor acrescentado nos diferentes escalões da cadeia de produção e tráfico de cocaína na Colômbia (2008)**<sup>184</sup>

Tendo em conta a complexidade das etapas para a obtenção da cocaína, diversos grupos de traficantes da região do Valle del Cauca, cuja capital é Cali até Antioquia, cuja capital é Medellín, uniram-se, por volta dos anos 70, para dar forma aos cartéis de Cali e Medellín.<sup>185</sup> Nesta altura, o Peru e a Bolívia eram dois dos principais produtores mundiais de folha de coca, dominando quase 90% da produção total, pelo que os narcotraficantes colombianos começaram a importar tanto a folha de coca como a sua forma processada, a pasta, para ser

<sup>182</sup> Cf. Uribe & Londoño (2011:15-29 e 332)

<sup>183</sup> Idem, *Ibidem*, p.30-37

<sup>184</sup> Figura 11: Uribe, A. G., & Londoño, D. M. (2011). *Políticas antidroga en Colombia: éxitos, fracasos y extravíos*. Bogotá: Uniandes

<sup>185</sup> Idem, *Ibidem*, p.332

refinada em *cristalizaderos* colombianos.<sup>186</sup> Assim, tal como o gráfico anterior explicita, os narcotraficantes colombianos ficavam com a parte mais importante do negócio, a produção de cocaína e o seu tráfico para os mercados europeus e estado-unidense. Rapidamente, os cartéis de Cali e Medellín cresceram organizando rotas de importação de folha ou pasta de coca, investindo em laboratórios normalmente localizados em zonas selváticas, em protecção do negócio, quer através da eliminação de grupos rivais, quer através de métodos corruptivos da força pública. Durante os anos 80, ambas as organizações viveram períodos de grande expansão, diferenciando-se apenas na forma como se mostravam: o cartel de Cali manteve um perfil discreto, ao contrário do de Medellín, liderado por Pablo Escobar Gaviria. Se se olha para o líder do cartel mexicano de Sinaloa, El Chapo Guzmán como um dos narcotraficantes mais poderosos de sempre, ao controlar cerca de 50% do mercado de drogas dos EUA, ser responsável por cerca de 3 mil assassinatos e ter uma fortuna de mais de mil milhões de dólares, Escobar chegou a controlar 80% desse mercado, ser responsável por 10 mil assassinatos e possuir mais de 25 mil milhões de dólares, tendo sido o narcotraficante mais poderoso de sempre.<sup>187</sup>

Em 1979, face ao crescimento exponencial destes cartéis, foi assinado um acordo de extradição entre o governo colombiano e os Estados Unidos, o que provocou uma guerra sangrenta durante os anos seguintes. Um dos lemas do cartel de Medellín era precisamente que preferiam uma sepultura na Colômbia à prisão nos Estados Unidos. Pessoalmente, embora o cartel tivesse dado um tom patriótico à afirmação, numa tentativa de conseguir apoio popular, era óbvio que a eficácia do sistema judicial estado-unidense os assustava, onde, por mais dinheiro que tivessem, não poderiam usá-lo para comprar a justiça, como acontecia na Colômbia.

Durante os anos 80 e 90, Escobar foi o responsável pelo assassinato de centenas de pessoas, incluindo o ministro da Justiça, Rodrigo Lara Bonilla, em 1984, do director do jornal *El Espectador*, Guillermo Cano e vários candidatos presidenciais, como Luís Carlos Galán. Membros da polícia, juízes, funcionários

---

<sup>186</sup> Cf. González (2014:76)

<sup>187</sup> Cf. Mizrahi (2014)

foram igualmente alvos deste cartel.<sup>188</sup> Além disso, Escobar entendia que não havia melhor forma de proteger o negócio do que através da política, pelo que conseguiu eleger-se como congressista, embora tenha renunciado algum tempo depois devido à pressão de opositores que o acusavam de ser o chefe do cartel de Medellín. Podemos, neste sentido chegar a falar em “narcodemocracia”, na medida em que Escobar tentou, pela via política e, logo, pela força, eliminar qualquer possibilidade de ser extraditado.<sup>189</sup> Esta violência desenfreada contra o Estado colombiano, à qual se juntaram os paramilitares e ainda as guerrilhas, levou a que muitos considerassem a Colômbia como um Estado falido.<sup>190</sup> Apenas em 1993, o país ganharia uma nova esperança, com a captura e morte de Pablo Escobar, pondo fim ao cartel de Medellín. Os níveis de violência no país, têm vindo a diminuir desde essa data: em 1993, por cada 100 mil habitantes, eram assassinadas quase 80 pessoas e, em 2009, cerca de 35.<sup>191</sup>

O cartel de Cali, tal como o de Medellín, via no poder político uma forma de proteger os seus interesses, mas utilizou uma estratégia mais discreta, através do financiamento de campanhas. No entanto, foi com a eleição do presidente Ernesto Samper, em 1994, que rebentou o escândalo: abriu-se o Processo 8000, onde se acusaram diversos políticos de corrupção e de a campanha do presidente Samper ter recebido dinheiros ilícitos dos chefes de Cali. A pressão internacional e a dificuldade em lidar com uma vitória financiada pelo narcotráfico provocaram uma resposta contundente por parte do governo, acabando por dismantelar este cartel.<sup>192</sup>

Em resumo, o Estado conseguiu eliminar dois actores (os mais violentos) que ameaçaram durante anos os seus poderes e soberania. Infelizmente, também aqui se deu um processo de fragmentação em pequenas organizações ou *cartelitos*. Estima-se que só o cartel de Medellín tenha originado cerca de 300 “micro-cartéis”.<sup>193</sup> Este enfraquecimento do narcotráfico, como fenómeno, na Colômbia, torna mais compreensível a ascensão dos cartéis mexicanos neste período. Além deste aspecto, o Estado colombiano, embora tivesse ganho a

---

<sup>188</sup> Cf. González (2014:97)

<sup>189</sup> Cf. Uribe & Londoño (2011:333-335)

<sup>190</sup> Idem, *Ibidem*, p.331

<sup>191</sup> Idem, *Ibidem*, p.392

<sup>192</sup> Cf. González (2014:98-100)

<sup>193</sup> Idem, *Ibidem*, p.100

batalha contra os cartéis, ainda se via a braços com a violência gerada pelo paramilitarismo e pelas guerrilhas, onde se destacava uma: as FARC.<sup>194</sup>

---

<sup>194</sup> Cf. Uribe & Londoño (2011:80)

## VI – A Ideologia nas FARC

Para compreender as FARC como organização político-militar, é essencial, antes de falarmos do seu percurso histórico, abordar alguns princípios e ideias que a sustentam. Neste sentido, começaremos por resumir os traços gerais do Marxismo mais relevantes para compreender a guerrilha e, posteriormente, analisaremos esses princípios e práticas pelas quais esta se tem regido: a construção da memória e culto guerrilheiros, o dogmatismo inerente ao Marxismo e à própria revolução e a construção do “homem novo”. Note-se que a maioria destes princípios será tratada de uma forma generalizada, pois são elementos comuns neste tipo de organizações, onde obviamente se incluem as FARC.

De uma forma simples, o Marxismo baseia-se na ideia de que o motor de desenvolvimento da História é a evolução dos factores de produção e esta é que origina a luta de classes. O Homem produz ferramentas para extrair recursos da natureza, mas o desenvolvimento destas ferramentas tem vindo a permitir a criação de excedentes de produção.<sup>195</sup> É justamente em torno do excedente que gravita a luta de classes: quem fica com ele? Para Marx, esta luta tem um carácter binário, na medida em que apenas existem duas classes que se opõem. Embora Marx não tenha definido explicitamente o que era uma classe social, esta pode definir-se pela posse ou não dos meios de produção, criando necessariamente um confronto entre duas partes: a dos capitalistas, detentores dos meios de produção, e a do proletariado, apenas detentor da sua capacidade de trabalho. Marx afirma que esta luta sempre existiu, desde o Esclavagismo, passando pelo Feudalismo, chegando agora à era capitalista com o mesmo dilema: há uma classe dominante que procura enriquecer, degradando a condição da outra classe, a oprimida, à custa da exploração do seu trabalho.<sup>196</sup> O filósofo aborda a questão da consciência da classe, argumentando que os opressores, pela posição dominante que ocupam, têm consciência da sua condição, ao contrário da classe oprimida.<sup>197</sup> Além disso, a proteger os interesses dos capitalistas, os opressores, existe uma superestrutura, apoiada

---

<sup>195</sup> V. Lenine (2008)

<sup>196</sup> Cf. Marx & Engels (2016:101 e ss.)

<sup>197</sup> Cf. Rosas & Ferreira (2013:61)

pelo próprio Estado, onde se desenvolvem ideias, crenças e valores protectores da classe dominante.<sup>198</sup> Neste sentido, Marx afirma que é necessária uma revolução proletária, para derrubar a ordem social estabelecida, isto é, eliminar as classes, com vista à construção de uma sociedade verdadeiramente livre, onde se valorize o trabalho e o Homem deixe de ser reificado.<sup>199</sup> Em resumo, a existência social não deve determinar a consciência, mas o contrário, na medida em que a consciência, sendo um elemento intrínseco ao Homem, não pode ser moldada por relações com os outros.

Veja-se, no entanto, o carácter dogmático da doutrina de Marx: para o filósofo, o Capitalismo tem uma dinâmica autodestrutiva, pois, o capitalista enriquece à custa do proletário, o explorado. Este último, ao viver uma situação cada vez mais difícil, começa a ganhar consciência da sua posição tão necessária para o despoletar da Revolução. Em última análise, é pelo facto de o Capitalismo despertar inadvertidamente a consciência das massas, como classe dominada, que a Revolução é incontornável.<sup>200</sup> Assim, o Marxismo olha para o presente como necessário e temporal, pois o Capitalismo, quando implodir, dará inevitavelmente lugar ao Comunismo que regerá uma sociedade livre e verdadeiramente democrática: “O capitalismo venceu no mundo inteiro, mas esta vitória não é mais do que o prelúdio do triunfo do trabalho sobre o capital.”<sup>201</sup> Este traço, extremamente importante para o nosso estudo, mostra-nos, não só a clareza de objectivos das guerrilhas marxistas, mas também o carácter dogmático e incontornável de uma luta armada, contra o Estado, o poderoso protector da classe dominante. No caso da Colômbia, Fabio López dá-nos uma interessante perspectiva, pois refere-se ao Partido Comunista Colombiano, como um actor isolado e descontextualizado, vendo-se a braços com uma realidade contraditória, na medida em que defendia a libertação do povo colombiano, enquanto a URSS invadia a Hungria, após o assassinato do primeiro-ministro húngaro, alguns anos após a 2<sup>a</sup> Guerra Mundial. A marginalidade do PCC facilitou, por isso, o aparecimento de movimentos

---

<sup>198</sup> Cf. Rosas & Ferreira (2013:63)

<sup>199</sup> Cf. Marx & Engels (2016:108)

<sup>200</sup> Idem, *Ibidem*, p.87 e ss.

<sup>201</sup> Cf. Lenine (2008:79)

insurgentes armados, com um objectivo: derrubar o Estado e implantar um regime comunista, tal como sucedeu em Cuba.<sup>202</sup>

As FARC, como outros movimentos insurgentes, além de se revestirem destes ideais, adoptaram uma série de práticas e rituais complementares que promoveram a sua identidade e coesão ao longo do tempo. Por exemplo, adoptaram diversas figuras importantes, os chamados heróis revolucionários, como Mao, Che Guevara ou Estaline. Mario Aguilera destaca a importância deste tipo de culto, afirmando que a construção de um imaginário heróico tem sido um dos grandes contributos para a estabilidade e coesão das guerrilhas, apesar da sua proximidade com grupos ligados ao narcotráfico.<sup>203</sup> Assim, grupos como as FARC criaram diversos níveis de culto, dependendo das personalidades que idolatravam. Aguilera fala-nos de um primeiro nível de culto, o dos “profetas revolucionários”, onde se incluem figuras directamente ligadas ao pensamento marxista, tais como Lenine, Marx ou, mais regionalmente, Che Guevara que forneceram aos oprimidos de muitas sociedades argumentos válidos de oposição ao Estado. No segundo nível de culto, o dos “pais fundadores”, incluem-se personalidades associadas à fundação da própria guerrilha. Naturalmente que, ao contrário do primeiro nível, este varia de caso para caso. Posteriormente, no terceiro nível encontram-se os “heróis patrióticos”, como Simón Bolívar, outro libertador revolucionário, bem como heróis locais. Por fim, o último nível de culto dirige-se aos “irmãos revolucionários”, ou seja, a todos aqueles que morreram em combate e que, por conseguinte, são recordados internamente. Repare-se, no entanto, que os vários graus tendem a convergir numa realidade concreta, isto é, enquanto o primeiro nível abarca líderes ideológicos de impacto messiânico, o último idolatra companheiros de guerra mortos em combate.<sup>204</sup> Pessoalmente, se tivermos em conta a natureza do PCC e a crítica de Fabio López, quanto à sua marginalidade pelos discursos alheios à realidade, as guerrilhas mostraram-se mais inteligentes e mais mobilizadoras, ao tornar o culto heróico mais próximo de quem o pratica: é mais fácil chorar a morte de um companheiro de guerra do

---

<sup>202</sup> V. López (1994)

<sup>203</sup> Cf. Aguilera (2003:4)

<sup>204</sup> Idem, *Ibidem*, p.22 e ss.

que uma figura como Bolívar ou Lenine, pois estes não fazem nem fizeram parte da vida de quem chora.

Além do culto a certas figuras, é importante resgatar os traços dogmáticos do Marxismo, mas numa outra perspectiva. Durante os anos 60, quando diversos grupos revolucionários se formaram, discutiram-se, de forma acesa, temas como a interpretação dos discursos dos profetas revolucionários (Marx, Engels, Estaline) e a melhor forma de se fazer a revolução, reflectindo sobre a necessidade de um partido político do povo e a luta pelas armas ou pela via democrática. Seria de prever que a pluralidade de ideias, tão preconizada pelo próprio Marxismo, fosse uma vantagem, mas tal não se verificou: os militantes que discordavam da maioria, não só eram expulsos, como também eram punidos, sendo acusados de se desviarem dos ideais revolucionários. Tal como afirma Aguilera, “el disenso ideológico fue tratado como una falta o delito, y por tanto acreedor a un tratamiento penal”.<sup>205</sup> Para entender esta postura tão racionalista, no que diz respeito à forma como são encarados os problemas, Michael Oakeshott torna-se elucidativo. Perante um problema concreto, existe apenas uma solução que será necessariamente a melhor de todas, a perfeita: “the ‘rational’ solution of any problem is, in its nature, the perfect solution”. As soluções, na lógica racionalista, não são circunstanciais, mas sim fixas. Neste sentido, quando se encontra a melhor solução, esta tem de ser imposta aos outros, precisamente por ser a melhor. Assim: “political activity is recognized as the imposition of a uniform condition of perfection upon human conduct.”<sup>206</sup> Esta conduta de busca e imposição da verdade acaba por nos remeter para outra disjuntiva interessante: todas as opiniões que não estiverem de acordo com a “verdade” são consideradas “mentira”. Esta conclusão vai, pois, em linha de conta com a atitude patente na discussão dos temas mais importantes no seio dos grupos insurgentes: só há uma forma correcta de pensar Marx e de fazer a revolução, forma essa que será imposta a todos. Dificilmente poderemos negar que este mecanismo de eliminação de vozes dissidentes tenha criado um “coro” disciplinado, obediente e estável pronto para combater pela revolução. Aliás, um

---

<sup>205</sup> Cf. Aguilera (2003:6)

<sup>206</sup> Cf. Oakeshott (1991:5-11)

destes grupos disse: “Como afirman Lenin, Stalin y Mao Tsé-tung: El partido se fortalece depurándose.”<sup>207</sup>

Outro aspecto de grande importância sobre a lógica interna das guerrilhas é o da construção de uma nova moralidade associada à revolução. Diz-nos Hugo Vezzetti que “el sueño de una nueva sociedad se ha articulado siempre con el nacimiento de un nuevo sujeto”. Neste sentido, os revolucionários procuram uma ruptura radical e violenta com o poder vigente, de modo a poder instituir novos valores. Podemos até estabelecer um certo paralelismo com a religião, na medida em que, quando alguém se converte, também se rege por novos padrões, regras e, sobretudo, edifica uma nova moralidade interior, dando-se uma autêntica “revolução antropológica”.<sup>208</sup> Não é por acaso que o primeiro nível de culto referido por Aguilera se denominava “profetas revolucionários”, pois as guerrilhas deificavam estas personalidades, atribuindo-lhes o dom da verdade absoluta e indiscutível, quase como se de Cristo se tratasse.

A violência como opção política, com o fim de derrubar o Estado, protector dos interesses capitalistas, torna-se, não só legítima aos olhos das forças insurgentes, mas também necessária e incontestável. Por isso, encontramos ao longo da História personalidades convictas de que estavam a praticar o bem, apesar de serem as únicas a achá-lo. Por exemplo, quando caiu, Mussolini disse que o seu modelo não tinha funcionado, não por ele estar enganado, mas sim porque as massas e o mundo não tinham compreendido o caminho correcto.<sup>209</sup>

Também a luta pelo modelo ideal, no caso das guerrilhas, é acompanhada de uma narrativa mitificadora da acção do guerrilheiro: quando há um objectivo em comum, o conceito do “colectivo” sobrepõe-se ao do indivíduo, isto é, a revolução situa-se acima de quem luta por ela, tornando a sua morte secundária. Neste sentido, existe uma certa beleza numa guerra total, onde cada um abdica da sua identidade, para ser uma peça do todo revolucionário, exaltando-se os valores da guerra, da fraternidade, solidariedade e sacrifício

---

<sup>207</sup> Cf. Aguilera (2003:6)

<sup>208</sup> Cf. Vezzetti (2009:173-180)

<sup>209</sup> Idem, *Ibidem*, p.190

pessoal.<sup>210</sup> A morte, como conceito, também era amplamente trabalhada, sendo difundido o lema “vencer ou morrer” que imortalizava o combatente, levando-o a lutar com todos os meios, por mais violentos que fossem. Em caso de morte, o guerrilheiro teria uma “morte bela”, pois a acção revolucionária justificá-la-ia, dignificando o seu sangue.<sup>211</sup> Do mesmo modo, todas as barbaridades cometidas pelo guerrilheiro e até a sua própria morte seriam justificadas pela revolução e pelos seus ideais. Numa perspectiva pessoal, repare-se o tom “transvalorativo” da narrativa. Na *República de Platão*, numa conversa entre Sócrates e Trasímaco discutia-se o Bem na Justiça. Trasímaco, o tirano, afirmava que mais justo do que se ser justo era ser-se injusto e não se ser apanhado, concluindo que a Justiça era o vício e a Injustiça, a virtude.<sup>212</sup> Isto foi precisamente o que as guerrilhas fizeram, ao inverter valores: a violência é boa, a morte e o sangue dignificam e o herói é aquele que morre. Apenas a título de exemplo e para mostrar a generalização destas ideias a outros movimentos insurgentes, na guerrilha peruana Sendero Luminoso, liderada por Abimael Guzmán, exigia-se aos combatentes entregar a sua liberdade ao grupo, para, após a revolução, serem verdadeiramente livres.<sup>213</sup> O massacre de Lucanamarca, no qual morreram quase 70 camponeses nas mãos desta guerrilha, foi fruto desta moralidade distorcida e “transvalorada”, pois, para Guzmán, matar e torturar era algo que a revolução exigia.<sup>214</sup>

A disciplina guerrilheira é outro factor extremamente importante na hora de compreendermos como se gere a organização. Existe uma hierarquia rígida e centralizada, cuja base é mais numerosa e recebe mais ordens, estando, por isso, sujeita a mais sanções dos seus superiores, pois contam com mais autoridade e poder.<sup>215</sup> Desta condição podemos extrair que, pelo facto de os guerrilheiros estarem sujeitos a um código disciplinar draconiano imposto pelos chefes, estes últimos acabam por ser mais protegidos. Neste sentido, podemos encontrar a dupla moralidade guerrilheira, uma vez que defendem uma revolução em nome da igualdade e da libertação, mas no seio da própria guerrilha, os que têm

---

<sup>210</sup> Idem, *Ibidem*, p.131 e ss.

<sup>211</sup> Idem, *Ibidem*, p.184-185

<sup>212</sup> V. Platão (2014)

<sup>213</sup> Cf. Portocarrero (2012:131 e ss.)

<sup>214</sup> Idem, *Ibidem*, p.138

<sup>215</sup> Cf. Goffman (2004:20-21)

menos poder são mais vigiados e controlados.<sup>216</sup> Contudo, a forma desigual como se aplicam as leis internas, não deve ser vista como uma crítica, mas como algo natural: uma vez que os elementos base da hierarquia não têm grandes responsabilidades ou cargos importantes dentro da organização, não terão obviamente uma linha que os oriente, estando assim mais susceptíveis ao mundo exterior à organização.<sup>217</sup>

Além destes, outros elementos importantes haveria a considerar no estudo da dinâmica interna de uma guerrilha, como os motivos que levaram os guerrilheiros a envolver-se na causa revolucionária, como a pobreza, o sentido emancipador da experiência revolucionária, o gosto pelo combate ou a própria crença na necessidade de servir a revolução, ou elencar alguns exemplos da acção guerrilheira enquanto substituto do Estado, assumindo funções de segurança e de fonte legisladora<sup>218</sup> ou até compreender o papel da mulher dentro da organização.<sup>219</sup> Poderíamos avaliar os êxitos e fracassos da dinâmica guerrilheira, na medida em que esta, como se verá, iniciou a sua acção de forma marginalizada, pois, em vez de ser inclusiva, era exclusiva e, em vez de unir, separava, debilitando a sua credibilidade a nível prático e, sobretudo, a nível ideológico.<sup>220</sup> No entanto, devemos ter em conta que a nossa análise assenta numa perspectiva comparativa, pelo que alguns elementos, por mais caracterizadores das guerrilhas que sejam, não contribuem substancialmente para esta investigação. No próximo capítulo, vamos perceber como se formaram as FARC, à luz da intrínseca carga ideológica, desenvolvendo posteriormente o seu percurso histórico.

---

<sup>216</sup> Cf. Coser (1978:14.16)

<sup>217</sup> Aconselha-se a seguinte leitura sobre códigos disciplinares guerrilheiros: Aguilera (2013)

<sup>218</sup> Sobre a prática do fuzilamento no seio das guerrilhas: Aguilera (2014)

<sup>219</sup> V. Ibarra (2009) e Lelièvre Aussel, Moreno Echavarría, & Ortiz Pérez (s.d.)

<sup>220</sup> Sobre as incoerências do Marxismo, enquanto fundamento ideológico às guerrilhas: García (2010)



## VII – A História das FARC

Neste momento, após uma abordagem ideológica das guerrilhas, na qual se enquadra as FARC, será mais fácil compreender o percurso histórico desta organização. Neste sentido, começaremos por analisar, à luz do contexto internacional bipolar que já estudámos, a formação das FARC como projecto político-militar. Veremos de que forma a guerrilha se articulou com o PCC, a importância dos diálogos de paz, o envolvimento no narcotráfico e ainda o Plan Colombia e os seus efeitos.

Como já vimos anteriormente, a Colômbia é um país bastante fragmentado em termos territoriais, sendo o berço de dois dos partidos políticos mais antigos do continente: o Conservador e o Liberal. Contudo, os confrontos entre estes partidos estiveram, durante muito tempo, longe de se resolverem numa lógica pacífica e democrática. Por exemplo, no início do século XX, alguns governos latino-americanos, como o do México, deram grandes passos em direcção à laicização do Estado, afastando a Igreja, enquanto instituição, do poder político. A Colômbia não foi excepção, tendo sido palco da Guerra dos Mil Dias (1899-1903), onde morreram cerca de 100 mil pessoas nas mãos dos Conservadores e dos Liberais. Anos mais tarde, quando se formavam ditaduras na Europa, ambos os partidos começaram a radicalizar posições, dando origem a um período extremamente sangrento que ficou conhecido como *La Violencia*, no qual morreram entre 200 mil e 300 mil colombianos, despoletado pelo assassinato do candidato liberal à presidência da Colômbia Jorge Eliécer Gaitán, em 1948. Desta guerra civil, ainda resultaram confrontos na capital do país, de entre os quais se destaca o *Bogotazo*.<sup>221</sup> Tanto os Liberais como os Conservadores reconheceram que a situação tinha atingido proporções incontroláveis, pelo que pediram ao General Rojas Pinilla que intervisse no sentido de recuperar a estabilidade política no país. Entre 1953 e 1957, o país viveu um período de alguma prosperidade, mas rapidamente se apercebeu do carácter ditatorial de Rojas Pinilla. Assim, em 1958, os partidos Liberal e Conservador formaram a Frente Nacional, um acordo político no qual alternariam o poder até 1974, destituindo o General.

---

<sup>221</sup> Cf. Williamson (2009:341-343)

No entanto, esta guerra deixou profundas marcas na sociedade: os meios rurais, perante a agressividade e a violência perpetrada pelo próprio Estado, foram especialmente afectados, tendo-se criado, como consequência, diversos núcleos de autodefesa camponesas, apoiados pelo Partido Comunista Colombiano, naturalmente marginalizado pela radicalização de posições dos partidos tradicionais. Perante um Estado violento, a legítima defesa era facilmente invocada por estes grupos. Além disso, o PCC também não olhou com agrado para a Frente Nacional, pois excluía outras posições ideológicas, abrindo portas a novos conflitos:

...by its very urbanised and elite nature, the National Front arrangement created the conditions for future conflict. In particular, the deal excluded communist armed movements, as well as more moderate left-wing groups, that had broken away from the traditional Liberal-Conservative dichotomy as a result of the violence. [...] several communist militias refused to disarm, instead establishing autonomous zones in defiance of the peace settlement.<sup>222</sup>

Quando Cuba foi palco de uma revolução comunista e os EUA intensificaram a sua “campanha anticomunista” na América Latina, o governo colombiano começou a olhar para estes aglomerados que se auto-intitulavam “repúblicas independentes” como uma séria ameaça à precária estabilidade conseguida com a Frente Nacional. Com o apoio estado-unidense, foi lançada a Operación Soberanía, em 1964, que envolveu o emprego das Forças Armadas em diversas regiões rurais insurgentes. Embora haja relatos diferentes quanto ao número de forças em combate, o certo é que a região de Marquetalia foi invadida pelas Forças Armadas “ametrallando y realizando bombardeos indiscriminados, que incluyeron virus y bacterias en recipientes de vidrio...”, tendo-se verificado um excesso de força por parte do Estado contra as populações. Não foram apenas os pequenos movimentos insurgentes da zona que se indignaram perante tal agressividade do Estado mas também intelectuais europeus como Sartre ou a revista estado-unidense *Life*, que destacou os exageros da operação. Foi neste contexto que os pequenos grupos subversivos da região, liderado por Manuel Marulanda, conhecido por Tirofijo, se uniram, em 1964, para formarem as Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia.<sup>223</sup> A

---

<sup>222</sup> Cf. Davis, Kilcullen, Mills, & Spencer (2016:4)

<sup>223</sup> Cf. Aguilera (2013:50-55)

acção estatal de Marquetalia foi considerada como o marco histórico que fundou as FARC:

Ese pecado [cometido pelo Estado contra o povo], que no tuvo demostraciones posteriores de arrepentimiento, de reconciliación o mínimos intentos de reparación por parte del Estado, se configuró como el discurso de la guerrilla, como el episodio fundamental que justificó la irrupción y perpetuación de la violencia.<sup>224</sup>

Assim, as recém-nascidas FARC começaram por se fixar em zonas de ausência estatal, trabalhando num programa político bastante abrangente que se debatia por uma democracia livre e plena, uma justiça eficaz, a nacionalização de sectores estratégicos e a consequente expulsão de empresas estrangeiras e a melhoria das condições de vida de todos os colombianos.<sup>225</sup> Naturalmente, articulando com os ideais marxistas que estudámos anteriormente, as FARC olhavam para o Estado como o inimigo número um, pelo que o objectivo principal sempre foi o da instituição de um Estado comunista, à semelhança, por exemplo, de Cuba. Apesar das metas serem claras, a guerrilha sentiu-se frustrada durante os seus primeiros anos de actividade, pois os discursos acerca da revolução russa e cubana e os princípios marxistas eram alheios à realidade colombiana, mantendo-a como um grupo marginal.<sup>226</sup>

No entanto, é de mencionar que as FARC não foram o único actor deste tipo a aparecer em cena nesta época, na medida em que surgiu o Ejército de Liberación Nacional (ELN), frequentemente associado à Teologia da Libertação, popularizada por um dos seus chefes, o sacerdote Camilo Torres, o Ejército Popular de Liberación (EPL) e, mais tarde, o grupo urbano denominado Movimiento 19 de Abril (M-19). Todos estes grupos subversivos pretendiam capturar o Estado, assumindo progressivamente funções que só a ele lhe competia, formando-se como contrapoderes, na expressão de Mario Aguilera.<sup>227</sup>

Assim, os vários grupos beligerantes, em especial as FARC, fixaram-se, como vimos, em regiões rurais, não só porque o Estado não estava presente, mas também porque, durante *La Violencia*, os meios rurais foram sempre os

---

<sup>224</sup> Cf. Aguilera (2013:55)

<sup>225</sup> Idem, *Ibidem*, p.55-56

<sup>226</sup> Idem, *Ibidem*, p.76-77

<sup>227</sup> V. Aguilera (2014)

mais castigados pelas contendas políticas. Além disso, recorde-se a geografia favorável à sobrevivência destes grupos:

Within the regions themselves, the terrain is also vast and broken. This makes it very easy for a challenger to establish an enclave of power, and very difficult for national incumbents to winkle challengers out from their enclaves. It is relatively easy for FARC to dominate those parts of the country where the central government is hamstrung by logistical and communications challenges in trying to expel FARC.<sup>228</sup>

Neste sentido, as FARC, apesar de estarem numa posição vantajosa, não se expandiram, tendo realizado várias conferências, nas quais se debatia a conjuntura nacional e internacional (como a guerra do Vietname) e o posicionamento da guerrilha quanto ao modo de empreender a luta armada. Cabe destacar que o ELN foi o grupo que registou o maior número de acções armadas entre 1968 e 1974, tendo-se verificado um declínio a partir daí, fruto das acções do Exército contra a guerrilha, como a Operação Anorí e o desmantelamento das suas redes urbanas.<sup>229</sup> Ao mesmo tempo, as FARC começaram a adquirir um maior destaque, resultado da IV e V Conferências (respectivamente em 1971 e 1974), nas quais se deu prioridade à angariação de recursos financeiros para a criação de novas frentes guerrilheiras. Contudo, foi em 1978, na VI Conferência que as FARC fizeram os maiores progressos: criaram a entidade máxima de representação da guerrilha, a Secretaria de Estado Mayor Central, foram aprovados os estatutos e os códigos disciplinares (analisados no capítulo anterior) que regeriam a organização e organizou-se a composição dos seus guerrilheiros, desde as esquadras até às Frentes. Por exemplo, ficaram definidos os usos da pena capital.<sup>230</sup> Além disso, o maior contributo desta reunião foi a decisão de as FARC passarem de guerrilha regional a um “ejército revolucionario” de âmbito nacional. O trabalho político deveria ser também uma prioridade no sentido de, mais do que promover a imagem da guerrilha junto das comunidades, criar bases de apoio popular.<sup>231</sup>

Enquanto as FARC cresciam e desenvolviam as suas relações com as comunidades rurais e intensificavam a sua acção armada, em particular a partir

---

<sup>228</sup> Cf. Davis, Kilcullen, Mills, & Spencer (2016:18-20)

<sup>229</sup> Cf. Aguilera (2013:78)

<sup>230</sup> V. Aguilera (2014)

<sup>231</sup> Cf. Aguilera (2013:79-84)

de 1976, o Partido Comunista Colombiano tinha também um papel crescente: ajudava a organizar politicamente as várias zonas controladas pela guerrilha. Assim, os méritos das FARC e do PCC eram partilhados: “por un lado, la guerrilla creció al recoger los capitales políticos del PC. Por otro lado, la guerrilla contribuyó a la expansión del partido al tomar el control de zonas desprotegidas por el Estado.”<sup>232</sup> No fundo, as FARC tomavam aldeias, eliminando qualquer elemento da Força Pública, para posteriormente impor as suas próprias regras.

A guerrilha começou, aos poucos, a semear por todo o país, núcleos autónomos, criando e reforçando laços com as comunidades locais. Foi naturalmente mais fácil para a guerrilha estabelecer-se em zonas ausentes de representação estatal, enquanto, outras com uma justiça comunitária mais desenvolvida, foi necessária uma maior adaptação de ambas as partes.<sup>233</sup> Note-se que, apesar de as FARC serem uma guerrilha rural, tampouco descartaram alianças com os grandes proprietários, desde que eles lhes trouxessem benefícios financeiros.<sup>234</sup> Neste sentido, as FARC procuraram oferecer às comunidades por elas controladas mais justiça e segurança, pondo em marcha um autêntico plano de substituição do Estado. Pretendia-se com isto, desafiá-lo, substituindo as suas funções, fragmentando a soberania.<sup>235</sup> Assim:

The FARC has engaged in a variety of social and economic projects, particularly in its rural strongholds. (...) Such projects have built allegiance among the population to the rebel group in FARC-controlled regions, where many peasants view joining the guerrillas as the only viable alternative to government repression and social and economic neglect. Ultimately, as long as the government continues to ignore the social and economic plight of the rural population and the FARC fills the void, then the rebel group will maintain a base of support.<sup>236</sup>

Após a VI Conferência, um marco importante para as FARC, foi elaborado o Plano Estratégico, com o qual pretenderam radicalizar a sua guerra política, tornando-se numa ameaça directa ao Estado. O objectivo era claro: tornar-se um actor de alcance nacional. Para isto, a estratégia passaria pela

---

<sup>232</sup> Cf. Aguilera (2013:91)

<sup>233</sup> Cf. Aguilera (2014:370-574)

<sup>234</sup> Cf. Aguilera (2013:99-100)

<sup>235</sup> Cf. Aguilera (2014: 24 e ss.)

<sup>236</sup> Cf. Leech (2011:54-55)

reorganização das finanças, da própria estrutura guerrilheira, especializando mais as suas forças e o reforço da actividade política. Além disso, definiu-se o modelo de guerra que a guerrilha adoptaria para tomar, num prazo de oito anos, a capital da Colômbia, Bogotá.<sup>237</sup> Note-se que a escolha de um determinado modelo de guerra se subordina naturalmente aos seus objectivos políticos. Neste sentido, é importante caracterizar o modelo de guerra das FARC: uma mistura entre a Guerra Popular Prolongada e o modelo Insurreccional. O primeiro modelo está dividido em três fases: inicialmente, a guerrilha, pela sua inferioridade numérica, luta à defensiva, desgastando a força estatal (acumulação de forças) até se conseguir um equilíbrio de forças. Posteriormente, a guerrilha vai adoptando uma postura mais ofensiva, atacando o inimigo até conseguir a sua rendição. Em termos geopolíticos, a tomada do poder dar-se-ia a partir dos campos em direcção às cidades.<sup>238</sup> Quanto ao tom insurreccional, este está patente no papel que as cidades colombianas jogam como “remate revolucionário” e no curto período de oito anos atribuído pelas FARC para tomar Bogotá.<sup>239</sup> O esquema representado abaixo é bastante esclarecedor no sentido de compreender a estratégia guerrilheira de tomada do poder.

<b>Modelo Guerra Popular Prolongada</b>			<b>Modelo Insurreccional</b>
Fase I	Fase II	Fase III	
Defesa Estratégica	Equilíbrio Dinâmico de Forças	Ofensiva final	Greve Geral (como levantamento contra o poder estabelecido)
-Emboscadas e golpes rápidos -Recrutamento (acumulação de forças) -Organização interna	-Captura de territórios -Formação de retaguardas -Organização de um exército	-Desintegrar as Forças Armadas - Derrotar o Estado	

**Figura 12 – Fases de Guerra para a Captura do Estado pelas FARC (adaptado)**<sup>240</sup>

<sup>237</sup> Cf. Aguilera (2013:114-117)

<sup>238</sup> Cf. ERPI (2016)

<sup>239</sup> Cf. Aguilera (2013:117)

<sup>240</sup> Figura 12: Adaptado de: Aguilera, M. (2014). *Contrapoder y justicia guerrillera*. Bogotá: Penguin Random House

A guerra começa numa fase de desgaste da Força Pública, através de emboscadas, recrutamento e organização das milícias, criando bases territoriais estáveis (base da pirâmide). A guerrilha atinge, na 2ª fase, o equilíbrio de forças, onde se prevê a manutenção de um grande número de unidades e um controlo crescente do território. Além disso, a guerrilha estabelece uma zona de retaguarda nacional, continuamente alimentada pelo poder popular. Por fim, a guerrilha dirige-se para o “centro de gravidade”, isto é, incide forças estratégicas sobre a zona do inimigo que lhe permitir obter a vitória. Aliada à terceira fase do modelo da guerra popular prolongada que acabámos de descrever, associa-se uma insurreição, traduzida numa greve geral.<sup>241</sup>

Neste clima de crescente violência, com sequestros, extorsões e homicídios, onde os paramilitares começaram também a ganhar destaque pela sua guerra aberta contra estes grupos subversivos, foi eleito Belisario Betancur (1982-1986) para a presidência da Colômbia. O chefe de Estado impulsionou as primeiras negociações de paz com as FARC, as quais resultaram na formação de um partido político apoiado pela guerrilha, a Unión Patriótica (UP). Contudo, estes diálogos de paz estiveram envoltos em polémica, pois não houve tréguas nem da guerrilha nem do governo. Tal como afirma Leigh Binford, a respeito de uma guerrilha salvadorenha, era visível uma “estratégia de doble cara”, na medida em que a guerrilha aparentava estar comprometida com a paz, quando, na verdade continuava a guerra, dando continuidade ao projecto revolucionário.<sup>242</sup> Por outro lado, a formação de um partido político gerou dissidências: o PCC, na voz de Bernardo Jaramillo, ficou inicialmente agradado pela criação da UP como mecanismo democrático para chegar ao poder mas, mais tarde, incomodado pela violência guerrilheira que persistia. O PCC argumentava que a UP poderia perder legitimidade política, em virtude de as FARC mancharem o seu nome, à custa da violência.<sup>243</sup> Já as FARC encararam a Unión Patriótica como um elemento adicional a favor da revolução, enquadrando-se numa lógica de empreender “todas as formas de luta”, seja pelas armas ou pela democracia.<sup>244</sup>

---

<sup>241</sup> Cf. Aguilera (2014:395-397)

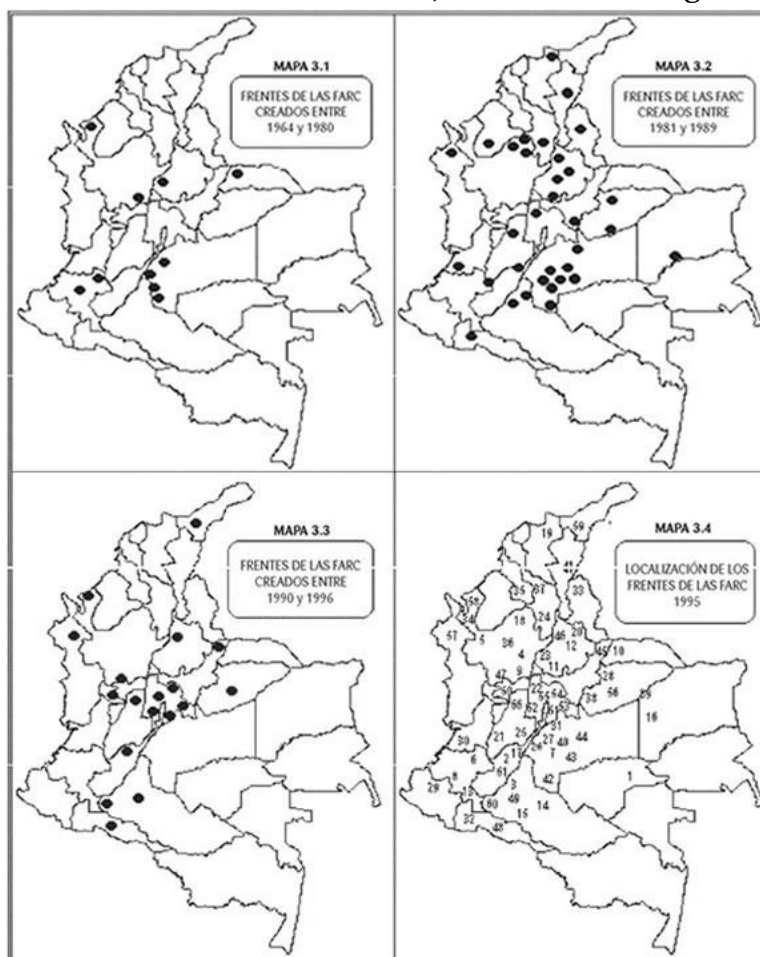
<sup>242</sup> V. Binford (2000)

<sup>243</sup> Cf. Aguilera (2013:124 e ss.)

<sup>244</sup> Cf. Davis, Kilcullen, Mills, & Spencer (2016:204)

Nos anos seguintes, o fracasso das negociações de paz levou o Estado a lançar novas ofensivas contra as FARC, gerando mais violência, reforçada pelas ofensivas paramilitares e pelo aparecimento dos cartéis de Cali e Medellín. Assim, as FARC, ao debilitar-se, começaram a procurar novas fontes de rendimento, incluindo o narcotráfico. O envolvimento da guerrilha no narcotráfico, nesta altura, deve ser interpretado com o maior cuidado, pois as FARC ligaram-se sobretudo à fase inicial da cadeia, que, como vimos, também é aquela que gera menor valor acrescentado: “cultivo, producción de pasta y, en menor medida, protección a laboratorios”.<sup>245</sup> Ciente de que a decisão de as FARC se envolverem no narcotráfico, durante os anos 90, pode ter diversas interpretações, analisá-las-emos mais adiante.

O êxito militar das FARC rapidamente se fez notar, com um crescimento rápido e substancial do número de frentes, como mostra a figura abaixo.



**Figura 13 - Evolução do nº de Frentes Guerrilheiras (1964-1996)**<sup>246</sup>

<sup>245</sup>Cf. Uribe & Londoño (2011:425)

<sup>246</sup> Figura 13: Aguilera, M. (Abril de 2013). Las FARC: Auge y Quiebra de su Estrategia de Guerra. Análisis Político 7

A imagem mostra-nos o número de frentes criadas em vários períodos: 1964-1980 (canto superior esquerdo), 1981-1989 (canto superior direito), 1990-1996 (canto inferior esquerdo) e o número total de frentes em 1995 (canto inferior direito). Assim, percebemos que o período de maior criação de frentes guerrilheiras se dá entre 1981 e 1989 (canto superior direito), chegando a mais de 60 frentes em 1995 (canto inferior direito). Este crescimento justifica-se, não só pela preocupação da guerrilha em recrutar mais membros, mas também pelos lucros do narcotráfico que possibilitaram mais e melhor armamento e um recrutamento mais fácil.<sup>247</sup>

No final dos anos 80, o Estado colombiano encontrava-se praticamente sequestrado pela violência perpetrada por guerrilheiros, paramilitares e narcotraficantes, numa “guerra suja” onde muitas vezes interesses comuns se sobrepuseram à ética e à ordem pública. O cartel de Medellín e as guerrilhas em guerra aberta com o Estado, embora por motivos diferentes, os paramilitares e o Estado contra as guerrilhas, eram apenas algumas das dinâmicas que provocaram níveis de violência sem precedentes no país. Em 1984, foi assassinado o ministro da Justiça, Rodrigo Lara Bonilla, pela sua oposição aos cartéis de Cali e Medellín e, em 1985, a guerrilha M-19 tomou o Palácio da Justiça, acção que provocou quase 100 mortos, dos quais onze eram magistrados. Contudo, em 1986, a Unión Patriótica estreou-se em eleições com um programa político, em diversos pontos, idêntico ao das FARC: propunha o fim do monopólio bipartidarista, a vigência do princípio da soberania popular, através de plebiscitos e referendos, a eliminação de grupos paramilitares, a nacionalização da banca e uma política independente, sem a influência dos EUA.<sup>248</sup> Curiosamente, obteve grandes resultados: “329 000 votos, lo que significó la elección de cinco senadores, 9 representantes, 14 diputados, 23 alcaldes y 351 concejales”.<sup>249</sup> Esta vitória política da esquerda, no entanto, representou uma séria ameaça para paramilitares, narcotraficantes e até para o próprio governo, lançando-se uma campanha extremamente violenta contra membros de esquerda. Os números foram assustadores, pois fontes oficiais registaram a morte de mais de 1000 membros da UP, enquanto organizações de

---

<sup>247</sup> Cf. Uribe & Londoño (2011:420)

<sup>248</sup> Cf. Aguilera (2013:126-127)

<sup>249</sup> Idem, *Ibidem*, p.134

direitos humanos apontam para mais de 3000, incluindo dois candidatos à presidência da Colômbia.<sup>250</sup> Perante esta perseguição, a UP acabou por se dissolver, levando as FARC a concentrar-se nas armas como único meio de conseguir chegar ao poder.

Os anos 90 iniciaram-se com a eleição de César Gaviria Trujillo para presidente da República. O chefe de Estado continuou a luta contra os cartéis de Cali e, sobretudo de Medellín, enquanto, em 1991, se redigiu uma nova Constituição política, promovendo a democracia, as instituições e a abertura política a novos partidos. Neste sentido, procurou chamar as guerrilhas a participar na Assembleia Nacional Constituinte, tendo conseguido a participação e desmobilização de algumas, como o M-19. Tanto as FARC como o ELN recusaram participar, argumentando que a nova Constituição não corrigia os problemas fundamentais do país.<sup>251</sup> O governo, em retaliação, atacou uma importante região controlada pelas FARC, no departamento de Meta. A operação “Casa Verde”, que debilitou a guerrilha, apenas contribuiu para que esta intensificasse a actividade. Assim, “las FARC pasaron de tener 3600 guerrilleros, distribuidos en 32 frentes en 1986, a 7000 repartidos en 60 frentes en 1995. En el 2002 alcanzarían su punto más alto con 17000 guerrilleros y 66 frentes”.<sup>252</sup>

Antes de prosseguir com a análise histórica, é importante mencionar que o envolvimento das FARC no negócio do narcotráfico gerou bastante polémica, sendo a crítica mais comum a de que a guerrilha se tinha despolitizado, ao focar-se numa actividade ilícita que gerava altos rendimentos. É por isso necessário entender que, pelo menos durante esta fase, as FARC cobravam impostos aos narcotraficantes e exigiam que estes pagassem aos camponeses em dinheiro e não em *bazuco*, um derivado da pasta de coca. É possível concluir que “the guerrillas played the role of facilitators and regulators of illicit drug production rather than that of actual producers and traffickers”.<sup>253</sup> No âmbito da nossa investigação, esta conclusão deixa antever uma postura distinta da

---

<sup>250</sup> Cf. Davis, Kilcullen, Mills, & Spencer (2016:28)

<sup>251</sup> Cf. Aguilera (2013:184-185)

<sup>252</sup> Cf. Aguilera (2014:384)

<sup>253</sup> Cf. Leech (2011:63-65)

guerrilha a respeito do narcotráfico como fonte de rendimento, a qual desenvolveremos no próximo capítulo.

Nos finais dos anos 90, as FARC procuraram passar da fase defensiva ao equilíbrio de forças, graças a um elevado número de guerrilheiros e à boa coordenação entre as frentes. Nessa altura, metade da força guerrilheira estava concentrada na cordilheira oriental, pronta para tomar Bogotá, o destino final da revolução. Para termos uma ideia da presença das FARC em território colombiano, no mês de agosto de 1998, a guerrilha lançou a maior ofensiva, registando, em apenas um dia, mais de 30 ataques em 17 dos 32 departamentos do país.<sup>254</sup> A violência aumentou ainda mais durante o governo de Andrés Pastrana (1998-2002), quando se tentou sem sucesso retomar os diálogos pela paz. Por um lado, o governo preparava a modernização das suas Forças Armadas e o famoso Plan Colombia e, por outro lado, as FARC mantinham as suas forças preparadas para a ofensiva final.<sup>255</sup> A lentidão das negociações e a imagem deteriorada das FARC pelos seus vínculos ao narcotráfico foram outros factores que contribuíram para o fracasso dos diálogos com o governo.<sup>256</sup>

Antes de abordar os êxitos do Plan Colombia, é necessário enquadrá-lo historicamente. Este plano consistiu, na sua essência, em recursos financeiros e militares estado-unidenses que permitiram a modernização e reorganização das FA (mais e melhor tecnologia que viria a reforçar o trabalho de inteligência, bem como a criação de várias brigadas antinarcóticos). Contudo, apesar de inicialmente o plano ter sido concebido como um apoio à luta ao narcotráfico, o seu objectivo mudou após os atentados de 11 de Setembro. Assim, o Plan Colombia deveria enfrentar sobretudo o terrorismo, incluindo os grupos insurgentes. Note-se que foi neste contexto que o discurso estado-unidense contra as FARC ganhou mais força, apelidando-os de “narco-guerrilheiros”.<sup>257</sup>

Em 2002, tomou posse o presidente Álvaro Uribe que declarou guerra, tanto a paramilitares como guerrilheiros, em particular as FARC, ao abrigo da sua política de “Segurança Democrática”. Aproveitando os recursos do Plan Colombia, a Política de Segurança Democrática actuou em dois eixos: o das

---

<sup>254</sup> Cf. Davis, Kilcullen, Mills, & Spencer (2016:33)

<sup>255</sup> Cf. Vargas (2011:235-237)

<sup>256</sup> Cf. Aguilera (2013:206-211)

<sup>257</sup> Cf. Vargas (2011:235 e ss.)

ameaças (terrorismo, narcotráfico, dinheiros ilícitos, tráfico de armas e explosivos) e dos objetivos estratégicos, entre os quais se destacam a consolidação do controlo territorial por parte do Estado (que sempre foi um problema), maior transparência estatal e a protecção da população.<sup>258</sup>

Assim, para recuperar departamentos-chave controlados pelas FARC utilizados como zonas de retaguarda, foi posto em marcha o Plan Patriota. Numa guerra desta natureza, desmantelar zonas de retaguarda era uma tarefa absolutamente crucial, na medida em que proporcionava à guerrilha segurança, apoio popular, militar e logístico e, caso fossem atacadas, poderiam desmoralizar o grupo insurgente. Nas palavras do General colombiano Carlos Ospina-Ovalle:

El Plan Patriota no buscaba dar grandes golpes a las FARC que permitieran acabarlas. Por el contrario, buscaba neutralizar su plan estratégico, recuperar las regiones que estaban bajo su control, cerrarle los espacios y así paulatinamente conducirlos a la derrota (...). La primera acción fue una ofensiva sobre Cundinamarca [o departamento da capital] con el fin de destruir el anillo que rodeaba a Bogotá.<sup>259</sup>

Algum tempo depois, o governo conseguiu confinar a guerrilha a zonas selváticas, cortando-lhes os meios de financiamento. Esta perda de recursos financeiros prendeu-se, em boa medida, com a perda do controlo de territórios importantes. O Plan Cabecillas, concebido para capturar os chefes e comandantes das FARC, foi levado a cabo com êxito, levando a guerrilha a tentar, embora sem resultados, recuperar económica e politicamente para terminar o Plan Estratégico.<sup>260</sup> Além disto, a própria sociedade colombiana reprovou a actividade guerrilheira, condenando os seus violentos métodos de guerra: sequestros, uso de cilindros-bomba e minas, mais conhecidas por *quiebrapatras*, pois as vítimas costumavam perder as pernas, após a explosão.<sup>261</sup> Em resumo, a narcotização das FARC, a imagem ensanguentada da guerrilha também espelhada pelos meios de comunicação, a grande duração do conflito foram as principais vias para a condenação social da guerrilha, tendo havido

---

<sup>258</sup> Cf. Vargas (2011:238)

<sup>259</sup> Cf. Ospina-Ovalle (2008:4)

<sup>260</sup> Cf. Aguilera (2013:215-220)

<sup>261</sup> Cf. Leech (2011:120-121)

inclusive marchas populares em 2008 com o mote “As FARC não são um Exército do Povo”.<sup>262</sup>

No gráfico seguinte, podemos visualizar o número de acções armadas das FARC desde 1997. Note-se, em primeiro lugar, o apogeu da guerrilha em 2002, quando tinha cerca de 17 mil combatentes. Registou-se uma diminuição drástica no ano seguinte (2003) aumentando progressivamente até 2011.



Figura 14 - Evolução do nº Acções Armadas das FARC (1997-2014)<sup>263</sup>

Repare-se que o aumento do número de acções armadas a partir de 2003 não mostra uma recuperação proporcional da guerrilha, muito pelo contrário: a sua debilidade crescente, a diminuição do número de guerrilheiros (cerca de 12 mil em 2004) e a reestruturação da guerrilha enquadrada no Plan Renacer contribuíram para o aumento do número de acções.<sup>264</sup>

Em termos políticos, Uribe conseguiu ser eleito para um segundo mandato, tendo negociado o fim dos grupos paramilitares, nomeadamente as Autodefensas Unidas de Colombia (AUC). Garry Leech aponta, apesar do êxito que teve Álvaro Uribe durante os seus dez anos de governo, vários “atropelos” do Estado em matéria de direitos humanos numa luta desigual contra as guerrilhas, a ajuda dos EUA a troco de benefícios de exploração de petróleo ou do estabelecimento de bases militares no país e ainda mencionou algumas

<sup>262</sup> Cf. Aguilera (2013:267-269)

<sup>263</sup> Figura 14:

[https://www.atlas.com.co/sia/public/uploads/lr\\_article/gr%C3%A1fico\\_acciones\\_armadas\\_farc.jpg](https://www.atlas.com.co/sia/public/uploads/lr_article/gr%C3%A1fico_acciones_armadas_farc.jpg),

consultado a 2/06/2015

<sup>264</sup> Idem, *Ibidem*, p.273-276

polêmicas em torno dos paramilitares e da sua desmobilização.<sup>265</sup> No âmbito do nosso trabalho, não é prioritário explorar estas críticas, sendo apenas de destacar as controvérsias existentes durante estes processos.

Em 2010, Álvaro Uribe acabou o seu segundo e último mandato, sendo sucedido pelo seu ministro da Defesa, Juan Manuel Santos quem optou por uma estratégia, numa perspectiva pessoal, pouco inovadora: retomou diálogos de paz com a guerrilha, em Cuba. Estas negociações têm suscitado muitas dúvidas, pois os mais críticos do processo apontam para as evidências da História: vários processos de paz que deram em nada, com a agravante de terem sido fases de fortalecimento da guerrilha. Assim, as FARC estão a recuperar do duro golpe *uribista*, enquanto o Estado negocia o inegociável. Outras opiniões, pelo contrário sugerem que é impossível eliminar por completo a guerrilha, havendo inclusive países vizinhos como o Equador e a Venezuela que têm servido de refúgio aos guerrilheiros.<sup>266</sup> Além disso, seria impossível submeter todos os guerrilheiros à justiça colombiana, pela dificuldade de obter provas e pela quantidade de processos que paralisariam o sistema penal. Passados mais de 50 anos, a mais antiga guerrilha latino-americana continua a “bater o pé” contra o Estado colombiano.

---

<sup>265</sup> V. Leech (2011)

<sup>266</sup> V. Balling (2013)

## VIII – Análise Comparada

Neste momento, após uma análise detalhada e devidamente enquadrada dos dois fenómenos, encontramos-nos em condições de reflectir sobre eles, numa perspectiva comparada. Embora este capítulo se apresente como o mais importante, pois contém as conclusões da investigação, pessoalmente, são os capítulos anteriores que, pela forma como foram trabalhados, evidenciam os resultados alcançados. Assim, começaremos por focar-nos nas diferenças entre o fenómeno do narcotráfico no México e o fenómeno guerrilheiro personificado pelas FARC, seguindo-se uma análise dos elementos em comum. Recorde-se que o objectivo deste trabalho não é a procura forçada de semelhanças ou diferenças, mas sim a busca desinteressada de pontos convergentes e divergentes que possam contribuir, dentro das suas limitações, para uma melhor compreensão, não só destes fenómenos, mas também do próprio mundo em que vivemos.

Oferecia-nos Mabel González, autora de um livro sobre as redes de narcotráfico colombianas e mexicanas, uma curta e concisa distinção entre grupos guerrilheiros e crime organizado (no qual se inclui obviamente o narcotráfico):

...sus diferencias también son nítidas: los grupos de naturaleza ideológico/política, sean rebeldes o terroristas, están motivados por incompatibilidades sobre el territorio o la forma de gobierno, aunque con el tiempo algunos (o partes) de ellos puedan cambiar y dar prioridad al beneficio económico. El crimen organizado tiene como objetivo el mantenimiento de la actividad ilegal y los beneficios que reporta y se caracteriza por altos niveles de oportunismo político: para conseguir sus objetivos pueden aliarse con actores no estatales pero también con sectores del estado (incluyendo las elites). <sup>267</sup>

Como assinalou a autora, a principal diferença entre os dois fenómenos reside nos seus objectivos: o narcotráfico, quer seja no México, quer seja noutra país, procura, como actividade ilícita, enriquecer os elementos que a ele se dedicam. Assim a organização do crime torna-se um processo justificativo do objectivo, ou seja, é na prossecução do lucro que o crime se vai organizando. Por outro lado, guerrilhas como as FARC, têm como objectivo fundamental a

---

<sup>267</sup> Cf. González (2014:30)

substituição do poder vigente por um modelo que elas próprias preconizam, neste caso a implementação do marxismo-leninismo, mostrando a “incompatibilidade” em relação à forma de governo, mencionada por González.

O facto de os objectivos dos dois fenómenos serem distintos, prende-se justamente com o facto de a sua origem ser igualmente diferente. O narcotráfico mexicano tem uma dimensão processual, na medida em que se foi desenvolvendo ao longo de dezenas e dezenas de anos. Talvez pudéssemos apontar as datas em que a legislação estado-unidense e a mexicana condenaram o comércio de drogas, como data de nascimento do fenómeno, mas fá-lo-íamos apenas sob o ponto de vista jurídico. Não é a proibição que determina o nascimento do fenómeno, pois, na verdade, antes de ela acontecer, esta prática já era uma realidade. Pelo contrário, as FARC, como movimento insurgente, nasceram num contexto social, político e económico muito particulares, tanto que surgiram a par de outros movimentos da mesma natureza, não só na Colômbia, mas também noutros países da América Latina. O caso de Marquetalia, onde o Estado (opressor) e o povo (oprimido) se defrontaram de maneira claramente desigual, foi, segundo a própria guerrilha, o evento histórico da sua fundação. Esta premissa permite-nos extrair outra conclusão muito interessante coincidente com a de Jacobo Arenas, falecido ideólogo das FARC: se este confronto não tivesse existido, provavelmente a guerrilha nunca teria nascido.<sup>268</sup>

Em resumo, podemos assumir que as FARC nasceram numa data concreta, 1964, vinculadas a um projecto político-militar de substituição do poder público pela violência, em contraste com a prática da produção, transporte e venda de drogas que se desenvolveu ao longo de anos, mantendo-se estável após a sua criminalização. Outra diferença que podemos apontar tem que ver com o carácter expansivo dos fenómenos. Por exemplo, o narcotráfico, por ser uma actividade que segue uma lógica comercial, que procura o crescimento contínuo, enquadra-se numa lógica expansionista. Pelo contrário, as FARC ao atingirem o seu objectivo político, deixam de fazer sentido como tal. Esta questão ainda pode ser lida de outra forma, opondo igualmente os dois fenómenos: se constatámos que nas FARC há uma preocupação dos chefes

---

<sup>268</sup> Cf. Ibarra (2009:89)

guerrilheiros em eliminar dissidentes e pensamentos que vão contra os valores revolucionários, no narcotráfico há muito mais liberdade em participar no negócio. Assim, “quantos mais, melhor” é uma máxima mais facilmente aplicável ao narcotráfico do que às FARC.

A questão das armas e da droga merece particular destaque, afinal qualquer um destes fenómenos abraça a violência e o tráfico de drogas. Contudo, se tivermos em conta as diferenças até agora expostas, torna-se mais fácil trabalhar estes elementos. Em relação à violência, esta é, para as FARC, condição necessária sem a qual seria impossível levar a cabo o plano revolucionário, remetendo-nos para uma violência política ou com fins políticos. Por outro lado, a História mostrou-nos que os cartéis nem sempre foram violentos, pelo que a violência no crime organizado não é incontornável. As organizações de narcotráfico, como vimos, utilizam a violência por diversos motivos: intimidar, manter a coesão interna, promover a sua imagem ou afastar concorrentes. Isto mostra que, neste fenómeno, a violência é um recurso preventivo/punitivo valioso que protege aquilo a que a organização se dedica: o tráfico de drogas. Repare-se que o uso desta violência contra o Estado não faz dela uma violência política, pois o objectivo é proteger uma actividade económica ilícita. Quando muito, poderia ser designada como violência instrumental. Assim, enquanto o narcotráfico mexicano é o propulsor da violência no país, as FARC surgem no contexto do agressor Estado, em que o Estado é o promotor da violência.

A respeito do tráfico de drogas, o caso do México é autotélico, na medida em que os cartéis gravitam em torno ao narcotráfico, sendo ele, usando uma linguagem mais formal, o “objecto social” da organização. Note-se que isto não se verifica no caso das FARC. Só algumas décadas depois do seu aparecimento é que a guerrilha se dedicou ao narcotráfico, nos moldes que já referimos. Ainda assim, torna-se pertinente explorar a aliança entre esta guerrilha e o tráfico de drogas, pois é frequente falarmos numa “narcotização” das FARC. Quando o grupo guerrilheiro se envolveu nestas actividades ilícitas, sobretudo nos anos 90, a conjuntura mostrava-se convidativa à participação da guerrilha por diversas razões: em primeiro lugar, pela necessidade de financiamento, uma vez que o Plano Estratégico traçado pela guerrilha era exigente em termos militares.

Em segundo, porque queriam dar uma resposta igualmente violenta ao ataque estatal de Casa Verde e aos “assassinos” dos elementos da Unión Patriótica, o que requereria mais recursos. Na base destes acontecimentos terá estado a recusa da guerrilha em participar na Assembleia Constituinte do início da década de 90. Por fim, não menos importante, foi a queda da URSS nessa altura que conduziu à perda de apoios internacionais por parte das FARC. Além dos motivos, também é pertinente explicitar a interacção deste grupo guerrilheiro no negócio: as zonas *cocaleras* (de cultivo da folha de coca) que eram controladas pela guerrilha funcionavam de modo distinto. Para compreendermos esta particularidade, é preciso ter em conta um tipo de mercado chamado monopsonio, onde existem muitos vendedores e apenas um comprador, sendo ele quem estabelece o preço do produto. No fundo, trata-se de um monopólio do lado da procura.<sup>269</sup> Assim, as diversas regiões de produção de folha de coca tinham apenas um comprador, dependendo de quem controlasse essa região. Curiosamente, de entre paramilitares, narcotraficantes e guerrilheiros, estes últimos eram os que melhor pagavam às comunidades rurais. O divórcio aparente entre guerrilha e ideologia por causa desta narcotização, para outros autores, é na verdade um reforço desta união. A guerrilha compreendeu que só pode fazer a revolução com o apoio popular e, por isso mesmo, apoia os camponeses que se vêem obrigados, por negligência do Estado, a produzir coca e não a produção em si: “FARC-EP does not support coca but it does support the class that must produce it”.<sup>270</sup> O tráfico de drogas, enquadra-se portanto, como uma fonte de rendimentos para financiar a causa revolucionária.<sup>271</sup>

Em resumo, podemos afirmar que a violência política e as armas são prioritárias nas FARC, para objectivos políticos, sendo o tráfico de drogas uma actividade acessória, enquanto o narcotráfico no México é a “core activity”, para objectivos económicos, sendo a violência instrumental. Note-se que é da ideologia que emergem as FARC, ao contrário do narcotráfico que, só séculos mais tarde, começa a desenvolver uma narcocultura, muito provavelmente fruto de uma prática enraizada na sociedade. Assim, nem a narcocultura mexicana é

---

<sup>269</sup> Cf. Uribe & Londoño (2011:25)

<sup>270</sup> Cf. Brittain (2010) em Leech (2011:65-66)

<sup>271</sup> Cf. Leech (2011:64)

ideologia, pelo menos no sentido atribuído à guerrilha colombiana, nem as FARC são um cartel, pois o envolvimento no tráfico de drogas foi tardio e com propósitos distintos.

Em termos organizacionais, também nos é possível estabelecer diferenças importantes. O fenómeno do narcotráfico no México, pela sua antiguidade, foi aprendendo a moldar-se, procurando novos espaços, muitos deles combinados com o poder político, nomeadamente na era do PRI. Para esta mutabilidade característica do crime organizado, contribuíram factores como a tecnologia e a inovação, em especial as telecomunicações e transportes, essenciais à actividade, bem como as ofensivas do Estado que exigiram uma reorganização e até o aumento da própria concorrência dentro do narcotráfico. Assim, a era dos barões da droga, detentores de fortunas incalculáveis e coordenadores do tráfico de drogas, foi sendo gradualmente substituída pela era das redes, numa tentativa de camuflar alvos importantes, ao descentralizá-los, no contexto da organização. Tomemos o caso colombiano como exemplo do que aconteceu numa organização ainda centralizada, na medida em que Pablo Escobar se encontrava no topo do cartel de Medellín, até este se ter desmoronado com a sua captura pelas autoridades. Já os cartéis mexicanos, num ambiente de maior concorrência e de maior acesso à tecnologia, desenvolveram-se mais rápido. Comparando com as FARC, assinalamos uma diferença fundamental: o narcotráfico tem passado de uma estrutura piramidal, para uma horizontal, sem líderes (pelo menos evidentes), enquanto a guerrilha, desde o início da sua formação, manteve a verticalidade, centralizando funções e o poder decisório, através da Secretaria de Estado Mayor Central. O centralismo democrático, um elemento tão característico do Marxismo-Leninismo, pode facilmente ser invocado como uma das razões para a guerrilha nunca ter mudado a sua estrutura. Neste sentido, a título de exemplo, a criação de mais frentes guerrilheiras traduzia-se, em termos estruturais, no alargamento da base da pirâmide, pois todas elas continuavam subordinadas a um comando central.

Em resumo, o narcotráfico mexicano apresenta uma dinâmica muito maior, pois vive num contexto altamente competitivo, revelando-se um problema mais difícil de combater. Pelo contrário, as FARC, como grupo

revolucionário, não só têm uma estrutura diferente, como esta nunca se alterou, havendo uma grande rigidez organizacional.

Apesar das diferenças, estes dois fenómenos acabam por se sobrepor em diversos âmbitos, o que torna esta investigação ainda mais intrincada. O primeiro e mais evidente, é a violência presente nos dois países. Embora a violência gerada pelos dois conflitos não tenha os mesmos fins, ela acaba por ser uma realidade: há homicídios, sequestros, corrupção e outras manifestações de violência. Daqui podemos extrair outra semelhança: em qualquer um dos casos, ela persiste porque as contendas são resolvidas fora dos tribunais, pois, tanto a guerrilha como os narcotraficantes, estão à margem da lei. Apesar disso, o caso das FARC tem uma sensibilidade distinta, pois elas apresentam-se como “a nova lei”, com um modelo político e ideológico legítimo alternativo ao Estado. Por outras palavras, o narcotráfico usa este tipo de acções para salvaguardar o negócio e as FARC usam este tipo de violência, em parte, porque se acham com a legitimidade de a usar, afinal de contas, querem substituir o Estado. Já no caso mexicano, não há esta frontalidade, muito pelo contrário, os cartéis evitam o Estado.

Assim, questão do poder político também é incontornável: tanto no México, como na Colômbia, os dois conflitos disputam a soberania do Estado, na prossecução dos seus próprios objectivos. Os dois fenómenos actuam como contrapoderes, na medida em que a força pública é constantemente ameaçada, neutralizada e até eliminada. De novo, acções iguais não implicam causas iguais. A ameaça ao Estado, no caso do México, não é vital, é apenas instrumental, pela simples razão de que o objectivo é “cash, not sovereignty”.<sup>272</sup> Desde que o Estado não ameace o negócio, em princípio, não há um ambiente de confrontação. Lembremo-nos que, até ao novo milénio, o narcotráfico no México, era controlado até pelo poder político. Só a partir do momento em que o Estado, com o governo de Calderón, declarou guerra, a violência disparou. Já o caso das FARC é exactamente o oposto: a guerra, a violência e o Estado são elementos da mesma equação, cuja solução é uma revolução armada. Assim, a fragmentação da soberania que verificamos em ambos os conflitos só é

---

<sup>272</sup> Cf. Kan (2012:55)

intencional e com perspectivas deliberadas de acabar com o Estado no caso das FARC.

Na organização, verificamos um aspecto interessantíssimo do ponto de vista da coesão interna, pois em ambos os fenómenos é visível a procura de lealdade ao grupo. Hoje em dia, todos nós pertencemos a círculos sociais distintos, procuramos integrar-nos na sociedade, criando assim vários vínculos com os diversos grupos. No entanto, tanto as organizações de tráfico de drogas mexicanas como as FARC são aquilo que o sociólogo Coser denominou “instituições vorazes”, na medida em que reclamam a exclusividade da lealdade para com a organização.<sup>273</sup> Nas FARC, esta atitude está patente em vários momentos: a eliminação de dissidentes ou as punições severas em caso de deserção ou desrespeito pelas regras internas. Aliás, a ideia de servir a revolução, alienando a individualidade do combatente em prol do grupo espelha esta “voracidade”. Não obstante, é importante mencionar como um aparte que, nos anos 90, com a intenção de expandir rapidamente a guerrilha, recrutaram-se novos membros, desvalorizando-se a vertente ideológica e política. Quem o reconheceu foi o próprio Iván Ríos, um dos mais importantes chefes das FARC, entretanto morto em combate: o grande crescimento militar, pela integração de novos membros, em detrimento de um trabalho político de fortalecimento de laços, incluindo os de lealdade, poderiam ser problemáticos no futuro.<sup>274</sup> Já no caso do narcotráfico, esta preocupação pela lealdade não é tão reflectida, mas não deixa de ser importante. Os colaboradores são pagos para, entre outras coisas, manterem a fidelidade à organização, sob pena de morte. A traição à organização, o trabalho de investigação das autoridades que, por vezes, requer o uso de informantes, bem como a concorrência de outros cartéis que recorrem a infiltrados para sabotar negócios são alguns exemplos de ameaças à lealdade dos narcotraficantes para com a organização. Neste sentido, embora em graus diferentes, assistimos a uma tentativa de absorção total do indivíduo, tanto nas FARC como nos cartéis mexicanos.

Nesta disputa pelo poder, embora com contornos diferentes, o território também é um elemento que merece destaque. Para o narcotráfico, o território

---

<sup>273</sup> V. Coser (1978)

<sup>274</sup> Cf. Semana (2009)

tem uma influência determinante, porquanto molda, não só a área de influência de cada cartel, mas também as actividades a que se dedicam. Vimos, por exemplo, que a Federação de Sinaloa é um dos maiores cartéis do país, pois estende-se de norte a sul, contando com o controlo de importantes portos na costa do Pacífico. Como exemplo da influência do território na actividade, recordemos a área do norte mexicano (*Heartland*) é a mais cobiçada, pois é aquela que gera maiores rendimentos, ao dar acesso ao mercado estado-unidense. Para as FARC, o território é ainda mais importante, pois é mencionado na sua estratégia de guerra, quer para a tomada de Bogotá, quer para a construção da zona de retaguarda nacional. Independentemente dos propósitos dos dois fenómenos, menos território implicará seguramente, para os cartéis mexicanos, menos lucro e, para as FARC, menos êxito na luta revolucionária.

Outro aspecto em comum, ao analisarmos estes fenómenos, tem que ver com a exploração das debilidades do Estado e da sociedade. O caso das FARC é muito transparente nesta matéria. O Estado colombiano era, pelo menos durante o século passado, bastante frágil, não conseguindo estar presente em todo o território nacional. Neste sentido, quando a guerrilha se formou, rapidamente se aproveitou das zonas em que o Estado não estava presente, para se autopromover como poder alternativo. Assim, a debilidade institucional tornou-se um aliado da guerrilha, facilitando o seu crescimento. Aliás, foi um Estado agressivo que favoreceu o aparecimento dos vários grupos insurgentes e um Estado frágil, entre outros factores, que facilitou o paramilitarismo. Quanto às desigualdades sociais, estas estão na base da luta revolucionária. O caso mexicano é similar, mas deve ser lido de outra forma: o narcotráfico soube e tem sabido explorar as debilidades do Estado, não por este não controlar a totalidade do seu território, mas por ser proclive à corrupção. Veja-se por exemplo, durante os anos 60 e 70, altura de maior efervescência guerrilheira, o Estado mexicano, esmagou movimentos insurgentes, tendo inclusive sido o autor do massacre de Tlatelolco. Do mesmo modo, manteve sob controlo o narcotráfico, mostrando-se um Estado relativamente forte. A situação foi mudando de figura, quando os cartéis deixaram de estar sob vigilância estatal, com a vitória do PAN em 2000. A corrupção e a debilidade do sistema judicial, incluindo a polícia geram um clima de impunidade favorável ao crime.

Obviamente que as desigualdades sociais, a pobreza e os baixos salários das forças de segurança são algumas das fontes de alimentação do crime organizado.<sup>275</sup> Em resumo, as FARC aproveitaram-se de um Estado fraco e de uma sociedade relativamente pobre e desigual para se legitimarem como poder alternativo e os cartéis mexicanos utilizam esse contexto de pobreza e desigualdade social para expandir o negócio.

Associado ao ponto anterior, podemos sublinhar a tentativa, partilhada pelas FARC e pelos cartéis, de criar uma imagem positiva perante a sociedade. No México, falámos da narcocultura que procurava legitimar a acção dos narcotraficantes, reivindicando que o Estado não era capaz de cumprir com as suas obrigações. Este discurso que procura oferecer uma justificação moral ao criminoso recorda-nos a “transvaloração” de Trasímaco, na *República de Platão*, na medida em que o narcotraficante é bom e o Estado é mau. Contudo, tenhamos presente que esta narrativa pode e, pessoalmente, deve ser lida como uma tática que favorece o negócio: o tráfico de drogas é mais fluído se se contar com o apoio popular, ao mesmo tempo que todos estão contra o Estado, a principal ameaça ao êxito dos cartéis. Já para as FARC, a criação de uma imagem positiva é ainda mais premente, pois promovem a construção de escolas, entre outras infra-estruturas, e oferecem a sua própria justiça e segurança, funções exclusivas do Estado. Além disso, o apoio popular sempre foi central para a materialização da revolução. Assim, tanto os cartéis como as FARC procuram criar bases de apoio popular, mas com propósitos substancialmente diferentes: os cartéis fazem-no por conveniência, mas as FARC, por necessidade.

Em resumo, esta comparação procurou, acima de tudo, descrever e compreender melhor cada um destes fenómenos por oposição directa, de acordo com vários critérios: território, relações com a população ou o Estado, uso da violência, objectivos, entre outros. Contudo, pessoalmente, é pertinente mencionar que esta comparação não se esgota nesta investigação, primeiro, porque há seguramente outros prismas de análise que ela não abordou e também pela simples razão de que os dois fenómenos continuam a fazer parte da Colômbia e do México, podendo criar novos pontos de divergência ou

---

<sup>275</sup> Cf. González (2014:152)

convergência. Além disso, esta análise também pode ser um ponto de partida para comparações com outros conflitos ou até com os mesmos conflitos noutras regiões do mundo.

Assim, a principal conclusão que devemos extrair da nossa investigação é que realmente existem semelhanças ou comportamentos parecidos, mas em contextos substancialmente distintos, a começar pela origem do próprio conflito: o narcotráfico foi a raiz do conflito no México, enquanto, na Colômbia, foi o comportamento do Estado que criou um conflito interno. Contudo, actualmente é espantoso, no que diz respeito à forma como os dois conflitos se têm desenvolvido, que haja opiniões no sentido de misturar os conflitos: Álvaro Uribe (2002-2010), responsável pela recuperação da soberania estatal, aquando da maior ameaça das FARC de sempre, trata abertamente a guerrilha como um grupo de terroristas e narcotraficantes, aproximando a sua visão à problemática mexicana, enquanto Vicente Fox, primeiro ex-presidente do PAN (2000-2006) sugeriu, gerando grande polémica, que o governo mexicano se sentasse à mesa com os cartéis para negociar a paz.<sup>276</sup> Esta postura, por sua vez, mostra uma aproximação da situação colombiana, uma vez que as próprias FARC estão a atravessar esse processo. Naturalmente que os nomes mencionados são apenas exemplos da forma como os conflitos podem ser lidos, apesar de terem um peso maior, pois convivem com eles. Se hoje a interpretação destes fenómenos é mais híbrida, o estudo das origens deve tornar-se num importante aliado para, não só compreender a essência de cada um, tal como se tentou fazer ao longo deste trabalho, mas também para procurar soluções a estes problemas.

Deliberadamente ficou, neste último parágrafo, a mais importante das semelhanças entre o fenómeno insurgente na Colômbia e o do narcotráfico no México: ambas as nações buscam a paz estável e duradoura para os seus cidadãos. Face a estes conflitos, a paz.

---

<sup>276</sup> Cf. Pérez (2016)

## **IX- Considerações Finais**

Uma investigação desta natureza estaria incompleta sem reflectirmos sobre o futuro: que caminhos políticos se podem trilhar no sentido de resolver estes conflitos? Estudar o futuro destes fenómenos não é o ponto central desta tese, mas é um exercício fundamental no sentido de clarificar possibilidades e de dar um carácter performativo a esta investigação. É sabido que, tal como a insurgência, embora em menor grau, o fenómeno do tráfico de drogas também se estende por todo o mundo, onde se dividem papéis entre consumidores, “transportadores” e produtores, de onde se conclui que o estudo destes conflitos não se confina aos países aqui analisados, existindo uma dimensão global. Naturalmente que não existe uma resposta objectiva e universal para estes conflitos, não há um caminho único a seguir, pelo que o objectivo deste último capítulo passa por tentar aprender objectivamente com o passado, para se poderem elencar algumas pistas de resolução. Assim, procuraremos, tanto quanto possível, aproximar-nos das soluções, quanto mais não seja através da eliminação de erros cometidos anteriormente.

Nos últimos anos, o Estado mexicano tem tido dificuldades em manter plenamente a sua soberania: uma estratégia militar forte, orientada no sentido de capturar os cabecilhas, não só não tem reduzido o tráfico de drogas, como tem aumentado acentuadamente a violência no país. A emigração massiva de mexicanos em direcção aos Estados Unidos, país que lidera o combate ao narcotráfico, é apenas uma das muitas consequências desta guerra sangrenta. Há, ainda assim, alguns elementos que se destacam no final de toda a investigação. Em primeiro lugar, há que reconhecer o fracasso da estratégia seguida por Felipe Calderón que, na realidade, foi e tem sido a estratégia dos EUA, da qual nasceu, por exemplo, a Iniciativa Mérida. Que uma estratégia militar forte tenha sido bem-sucedida na Colômbia nos anos 90, não implica os mesmos resultados noutro país, anos mais tarde, como aliás foi amplamente debatido neste trabalho. Em segundo lugar, temo-nos deparado com uma insistência incompreensível do poder político em atacar a oferta de drogas, em detrimento da procura, sem perceber que o principal efeito da redução da oferta de drogas é um aumento dos seus preços, aumentando o lucro do crime organizado. Em terceiro lugar, as desigualdades sociais e a pobreza nos países

produtores e transportadores de droga da América Latina continuam a facilitar o recrutamento de pessoas por parte dos cartéis. Em quarto lugar, a existência de uma política antagónica em matéria de armamento num espaço geográfico próximo: os cartéis mexicanos só conseguem obter facilmente armas nos EUA. Curiosamente, o país que apoia o Estado mexicano com armamento para combater o crime organizado, no âmbito de vários programas de cooperação, é também o que vende armas ao “inimigo”. Sendo a indústria estado-unidense das armas a maior do mundo, é legítimo o cepticismo no que diz respeito à real vontade política em erradicar o narcotráfico, pois afinal de contas, tem sido o México a pagar as consequências da militarização do país que, entre 2006 e 2012, deixou mais de 60 mil mortos, excluindo desaparecidos.

Em resumo, é importante perceber que, no caso mexicano, a violência trouxe mais violência e não diminuiu os lucros das organizações criminosas que rondam os 30-60 biliões de dólares anuais. O efeito “balão”, referido por Ioan Grillo, mostra que uma apreensão num dado lugar ou o desmantelamento de uma célula se traduz no apertar de uma pequena parte do balão, fazendo-o inchar noutra sítio.<sup>277</sup> Por isso, o caminho deve, seguindo a analogia de Grillo, centrar-se numa estratégia integral que comprima o balão por todos os lados até rebentar. Esta estratégia integral não só compreende um vasto leque de políticas, mas também o envolvimento e o compromisso sério dos países envolvidos neste conflito. Em primeiro lugar, é fundamental perceber a dinâmica do dinheiro e a importância que ele tem para estas organizações: ele é em si um factor aliciante, sobretudo em sociedades economicamente mais pobres, como as da América Latina. Em segundo lugar, o dinheiro corrompe as pessoas necessárias para proteger o negócio e compra as armas que o defendem em caso de ameaça. Em terceiro lugar, o dinheiro permite o acesso a tecnologia mais sofisticada, desenvolvendo o crime organizado. Note-se, no entanto, que as políticas de ataque à cadeia de distribuição destes lucros são periféricas, se as compararmos com a política de combate à produção de droga, quando deveria ser o contrário. De uma forma geral, os lucros dos cartéis mexicanos, o produto das vendas ilícitas, são obtidos em solo estado-unidense, desenvolvendo-se inúmeras maneiras de os fazer chegar ao México, num enorme processo de

---

<sup>277</sup> Cf. Grillo (2012:50)

branqueamento de capitais. Assim, o que se pretende dar a entender é que apreender um quilo de cocaína, ou outra droga, vale menos do que apreender o que se conseguiu com a sua venda. Apreender droga de pouco serve se a produção se mantiver constante, ou seja, é fácil recuperar de uma operação ilícita que correu mal, enviando mais droga. O que possa correr mal no México pode ser compensado com mais produção na América do Sul. E é exactamente neste ponto que chegamos a uma conclusão que vai em linha de conta com a “estratégia integral” anteriormente referida: se cada país contribui para o fenómeno de forma diferente, as acções políticas a tomar têm de ser, não só diferentes, mas também concertadas entre si. Num discurso público de Maio de 2012, Anthony Wayne, antigo embaixador dos EUA no México, sublinhava justamente a importância do combate conjunto e coordenado à delinquência organizada. Também Ioan Grillo denunciou que a História já tinha provado que atacar apenas as zonas de produção não destruiriam por si só a indústria das drogas, remetendo-nos novamente para a necessidade de uma política global e coordenada.<sup>278</sup> Assim, os países consumidores de drogas, nomeadamente os EUA, devem esforçar-se no sentido de reduzir a procura de narcóticos, quer por meio de campanhas de sensibilização, quer por via da reabilitação, enquanto os países da América do Sul devem, em conjunto, combater a produção de drogas. O termo “em conjunto” é particularmente relevante, pois esta investigação destacou precisamente que uma campanha antidroga levada a cabo na Colômbia, conduz ao aumento da produção na Bolívia ou no Peru e vice-versa.<sup>279</sup> Para efeitos de coordenação de políticas entre os vários países, plataformas como a Organização de Estados Americanos (OEA), a União das Nações Sul-Americanas (UNASUR) ou a Aliança do Pacífico devem ser vistas como instrumentos de diálogo e debate construtivo, no sentido de orientar a acção conjunta no combate ao narcotráfico. Além disso, o combate às desigualdades e à pobreza, bem como a escolarização das sociedades pode ser um contributo valioso no sentido de reduzir a oferta de “mão-de-obra” para ser empregue nos cartéis. Aqui é fundamental chamar a atenção para o aspecto social do fenómeno: não basta educar as pessoas ou melhorar a sua qualidade de vida, pois, nos países produtores de coca, como o Peru, a Colômbia ou a

---

<sup>278</sup> Cf. Grillo (2012:49)

<sup>279</sup> V. Vargas (2011)

Bolívia, muitas das pessoas que se dedicam aos cultivos ilícitos não têm outra forma de sustento, argumentando que produzir, por exemplo, batatas é menos rentável, ou porque valem menos ou porque simplesmente não conseguem vendê-las. Do ponto de vista do produtor, é mais lógico produzir-se algo de maior valor, cujo escoamento é garantido pela elevada procura. Assim, no sentido de combater esta situação, os Estados com responsabilidades ao nível do combate à produção de drogas, não só devem atrair estas pessoas para os mercados lícitos, mas devem contar com instrumentos para as manter nesses mercados, como aliás refere Daniel Mejía, da universidade colombiana de Los Andes: para que os programas estatais de desenvolvimento alternativo funcionem, os produtores devem contar com acesso facilitado aos mercados.<sup>280</sup>

Além disso, ainda sobre o combate ao narcotráfico, mas do prisma dos países transportadores como o México, uma estratégia que desse prioridade à captação dos lucros destas organizações criminosas poderia ter as suas vantagens, pois teriam mais dificuldade em pagar a tantos “colaboradores”, comprar armas e em corromper o poder político ou judicial. Já para o Estado mexicano, uma guerra centrada no dinheiro seria, idealmente, menos violenta do que a actual, mais barata, não só em termos de afectação de recursos mas, acima de tudo, pouparia seguramente mais vidas. Para promover este objectivo, seria importante contar com um sector bancário mais transparente e com um controlo mais apertado, por forma a detectar mais facilmente que capital era proveniente de actividades ilícitas, combatendo a lavagem de dinheiro.

Numa nota à parte, é possível excluirmos medidas como a de controlar/fechar as fronteiras entre o México e os Estados Unidos, uma vez que se tentou fazê-lo em 1969, no âmbito da Operación Intercepción, ao controlar todos os veículos que atravessavam as fronteiras, mas a ideia caiu por terra, devido aos elevados custos económicos. Se há quase cinquenta anos, não se fecharam as fronteiras por motivo económicos, hoje é impensável tentá-lo de novo, até porque os dois países pertencem a uma zona de comércio livre (NAFTA).

---

<sup>280</sup> Cf. Uribe & Londoño (2011:84)

Naturalmente que uma estratégia integrada, como tem sido chamada até agora, pode ser uma proposta irrealista ou de difícil execução, pois envolve um compromisso sério de diversos actores com interesses distintos. No entanto, e para sua defesa, é uma alternativa seguramente mais realista do que a que tem sido levada a cabo até hoje, pela simples razão de que sabemos que a actual não está a dar frutos: atacar a violência com violência não só não é eficaz, como não é justa, pois a factura desta guerra não tem sido obviamente paga de igual forma.

Já o caso colombiano é menos ameaçador, uma vez que se circunscreve à Colômbia e se encontra numa fase menos violenta, mas, ainda assim, não deixa de ser complexo. Na última década assistimos a uma enorme mutação a nível estratégico, tanto das FARC como do governo colombiano: entre 2002 e 2010, período correspondente ao mandato de Álvaro Uribe, a guerrilha foi fortemente atacada, tendo o número de guerrilheiros diminuído acentuadamente. O governo colombiano acusava os elementos das FARC de serem um grupo terrorista com ligações ao narcotráfico e que inclusive era apoiada pelos governos dos países vizinhos, o Equador e a Venezuela. Curiosamente, após este braço-de-ferro, o novo presidente, Juan Manuel Santos, iniciou em 2012, pela terceira vez na história do conflito, novos diálogos de paz em Cuba. Neste cenário, depreendemos imediatamente a complexidade do conflito: não é fácil entender as FARC, hoje em dia, como grupo de objectivos político-militares e, justamente por isso, os sucessivos governos vão, também eles, mudando de políticas. Actualmente senador colombiano, Uribe é o principal rosto da oposição aos diálogos de paz, por considerar que o governo não deve negociar com criminosos, enquanto Santos considera que os diálogos são o caminho para acabar com uma guerra de mais de cinquenta anos entre as duas partes. A dificuldade em perceber o presente nubla, não só as linhas de acção futuras mas também a sua eficácia. Ainda assim, tal como fizemos para o caso mexicano, a análise dos factos pode aproximar-nos de alguma conclusão: é a terceira vez que o governo colombiano se tenta aproximar da guerrilha por meio de diálogos de paz, onde a guerrilha tenta negociar o seu programa político com o governo. Em segundo lugar, temos de reconhecer que a guerrilha não hesitou em pôr o governo colombiano em xeque, no início de 2000, contrariando a ideia de que não têm objectivos políticos. Aliás, após a sua queda vertiginosa, as FARC

redigiram o Plano Renascer, reafirmando os seus propósitos políticos e militares. Em terceiro lugar, a História mostrou-nos que as FARC procuraram fazer a revolução, não só pelas armas, mas também pela via democrática, criando a Unión Patriótica nos anos 80. Outro facto é que a UP foi dizimada por narcotraficantes, paramilitares e o próprio Estado, recordando o termo da *guerra sucia*. Por outro lado, actualmente há suspeitas de que existem contas milionárias de chefes das FARC, fruto do narcotráfico. Além disso, a título de exemplo, durante a primeira metade de 2015, no auge dos diálogos de paz, as FARC obrigaram vários camiões-cisterna a derramar crude numa região de grandes riquezas naturais, desequilibrando os ecossistemas e derrubaram torres de energia eléctrica no sul do país, deixando quase meio milhão de habitantes às escuras. Os defensores de Uribe acusam Santos de estar a entregar o país às FARC, num ambiente de impunidade e injustiça: para os *uribistas*, a sua guerra trouxera paz à Colômbia, enquanto a paz de Santos, a guerra.

Num presente tão híbrido, no que diz respeito à caracterização da guerrilha, Mario Aguilera foi questionado pessoalmente se a solução de Uribe resolveria o conflito, mas apontou alguns problemas visíveis: é impossível eliminar o último guerrilheiro, com a agravante de que estes se escondem nos países vizinhos e a justiça colombiana não seria capaz de julgar todos os casos. Assim, aparentemente a via da confrontação armada não é a solução para o problema, mas, numa pequena nota pessoal, ela foi necessária no seu devido tempo: no início do segundo milénio, quando Bogotá já estava cercada pelos guerrilheiros, Pastrana tentou dialogar com a guerrilha sem sucesso, remetendo-nos para a via armada, com vista à recuperação da soberania do país. As FARC enfraquecidas à procura da sobrevivência política, aceitaram o diálogo oferecido por Santos, sendo esta a possibilidade actual. Repare-se que, embora esta seja a terceira negociação entre o governo e as FARC, nas duas primeiras, a guerrilha estava numa fase de enorme crescimento, o que pode apontar, desta vez, para uma maior vontade de resolução definitiva do conflito ou uma jogada da guerrilha para recuperar militarmente do duro golpe dos últimos anos. No entanto, a transparência e a justiça podem e devem ser factores a ter em conta, por parte do Estado e da guerrilha. Um Estado justo e transparente ao longo do processo criará seguramente uma maior base de apoio social à paz por esta via, afastando o *Uribismo*. Este Estado justo e transparente

deve mostrar aos colombianos que negociações estão a ser feitas em Cuba e as instituições políticas colombianas devem debatê-las publicamente e, obviamente, deve-se evitar a impunidade: se é impossível julgar todos os guerrilheiros, sejam pois, julgados os seus dirigentes políticos e militares. Pessoalmente, a paz é ideal, mas a justiça deve vir primeiro. Assim, também uma guerrilha transparente e justa, reduzirá desconfianças e não actuará com segundas intenções. Se as FARC realmente querem participar na construção da Colômbia, em vez de a destruir com ataques, aceite a proposta do governo, reconhecendo os seus crimes ao longo de cinquenta anos. Por outro lado, se é certo que as reivindicações desta guerrilha remontam a várias décadas, também é certo que muitas delas ainda são actuais.



## Bibliografía

- Aguilera, M. (2003). Memoria y Héroes Guerrilleros. *Análisis Político* 49, 3-27.
- Aguilera, M. (2013). Claves y Distorsiones del Régimen Disciplinario Guerrillero. *Análisis Político* 78, 45-62.
- Aguilera, M. (2013). *Guerrilla y Población Civil. Trayectoria de las FARC 1949-2013*. Bogotá: CNMH.
- Aguilera, M. (2013). Las FARC: Auge y Quiebra de su Estrategia de Guerra. *Analisis Político* 77, 85-111.
- Aguilera, M. (2014). *Contrapoder y justicia guerrillera*. Bogotá: Penguin Random House.
- Aguilera, M. (2014). *La pena capital en la insurgencia: un examen de los delitos y los procedimientos*. ACHSC.
- Balling, C. (2013). *Can Bogotá and the FARC Finally Overcome Their Differences?* Obtido em 19 de 07 de 2015, de Foreign Affairs: <http://www.foreignaffairs.com/articles/colombia/2013-08-04/peace-signs-colombia>
- Beittel, J. S. (2012). *Mexico's Drug Trafficking Organizations: Source and Scope of the Rising Violence*. EUA: CRS Report for Congress.
- Beittel, J. S. (2015). *Mexico: Organized Crime and Drug Trafficking Organizations*. EUA: CRS Report for Congress.
- Binford, L. (2000). El ejército revolucionario del pueblo de Morazán: la hegemonía dentro de la revolución salvadoreña. *Estudios Centroamericanos* 625-626, 1165-1192.
- Bolívar, Í. (2006). *Discursos Emocionales y Experiencias de la Política*. Bogotá: Uniandes-Ceso.
- Bonner, R. C. (2012). *The Cartel Crackdown*. Obtido de Foreign Affairs: <https://www.foreignaffairs.com/articles/north-america/2012-05-01/cartel-crackdown>
- Bunker, R., & Sullivan, J. (2014). *Crime Wars and Narco Terrorism in the Americas*. EUA: SWJ Editors.
- Camp, R. A. (2007). *Politics in Mexico*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Camp, R. A. (2010). *The Metamorphosis of Leadership in a Democratic Mexico*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Camp, R. A. (2011). *Mexico: What Everyone Needs To Know*. EUA: Oxford University Press.
- Cattaruzza, A. (2008). Una propuesta para el análisis de la cultura juvenil de los años setenta. *Lucha Armada*, pp. 12-24.
- CIDAC. (2015). *"El Chapo" y los desaciertos de la estrategia de seguridad*. Obtido em 14 de Julho de 2015, de CIDAC:

[http://cidac.org/esp/cont/Semana\\_Politica/El\\_Chapo\\_y\\_los\\_desaciertos\\_de\\_la\\_estrategia\\_de\\_seguridad.php](http://cidac.org/esp/cont/Semana_Politica/El_Chapo_y_los_desaciertos_de_la_estrategia_de_seguridad.php)

- Coser, L. (1978). *Las Instituciones Voraces*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Darraj, S. M. (2009). *Modern World Leaders: Felipe Calderón*. Nova Iorque: Chelsea House Publishers.
- Davis, D., Kilcullen, D., Mills, G., & Spencer, D. (2016). *A Great Perhaps? Colombia: Conflict and Convergence*. Reino Unido: C. Hurst & Co, Ltd.
- ERPI. (2016). *Algunas de las estrategias generales que se enfrentan: la guerra prolongada, la guerra insurreccional y la guerra de baja intensidad. Cuaderno 5*. Obtido em 15 de Abril de 2016, de ERPI. Ejército revolucionario del Pueblo Insurgente: <http://www.enlace-erpi.org/docs-003-trad.html>
- Garay, L. J., & Salcedo-Albarán, E. (2012). *Narcotráfico, corrupción y Estados*. Bogotá: Penguin Random House Grupo Editorial S.A.S.
- Garcia, F. P. (2010). *Da Guerra e Da Estratégia*. Lisboa: Prefácio.
- Garcia, F. P. (s.n.t.). *O Instrumento Militar e as Forças Armadas*.
- García, L. (2010). *No matar - Sobre la Responsabilidad*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba.
- Goffman, E. (2004). *Internados*. Buenos Aires: Amorrortu.
- González, M. (2014). *Narcotráfico y crimen organizado*. Barcelona: Icaria.
- Grillo, I. (2012). *El Narco: The Bloody Rise of Mexican Drug Cartels*. Reino Unido: Bloomsbury Publishing.
- Hernández, A. (2002). *México. Una Breve Historia del Mundo Indígena Al Siglo XX*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Ibarra, M. E. (2009). *Mujeres e Insurrección en Colombia*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana.
- INEGI. (2009). *Cronología de la Estadística en México (1521-2008)*. México: INEGI.
- Joseph, G., & Henderson, T. (2002). *The Mexico Reader: History, Culture, Politics*. EUA: Duke University Press.
- Kan, P. R. (2012). *Cartels at War*. EUA: Potomac Books.
- Kleiman, M. (2011). *Surgical Strikes in the Drug Wars*. Obtido em 20 de Julho de 2013, de Foreign Affairs: <https://www.foreignaffairs.com/articles/north-america/2011-09-01/surgical-strikes-drug-wars>

- Langton, J. (2012). *Gangland: the Rise of the Mexican Drug Cartels from El Paso to Vancouver*. Canadá: John Wiley & Sons Canada, Ltd.
- Leech, G. (2011). *The FARC: the Longest Insurgency*. Canadá: Zed Books.
- Lelièvre Aussel, C., Moreno Echavarría, G., & Ortiz Pérez, I. (s.d.). *Haciendo Memorias y Dejando Rastros*. Bucaramanga: Fundación Mujer y Futuro.
- Lenine, V. I. (2008). *Marx, Engels e o Desenvolvimento Histórico do Marxismo*. Lisboa: "Avante!".
- López, F. (1994). *Izquierda y Cultura Política*. Bogotá: Cinep.
- Luhnow, D. (2015). *Latin America Is World's Most Violent Region*. Obtido em 29 de Abril de 2015, de The Wall Street Journal: <http://www.wsj.com/articles/SB10001424052702303603904579495863883782316>
- Marx, K., & Engels, F. (2016). *Manifesto Comunista*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Menéndez, J. F. (2007). *Calderón Presidente: la lucha por el poder*. Cidade do México: Grijalbo.
- Miguel, N. G. (Abril de 2009). Globalização, Crime Organizado e Terrorismo: que relação? *Negócio Estrangeiros 14*, 112-122.
- Mizrahi, D. (2014). *Qué le faltó al "Chapo" Guzmán para alcanzar a Pablo Escobar*. Obtido em 21 de Março de 2016, de Infobae: <http://www.infobae.com/2014/03/01/1547141-que-le-falto-al-chapo-guzman-alcanzar-pablo-escobar>
- Nieto, P. R., & García, P. R. (2008). Las autodefensas y el paramilitarismo en Colombia (1964-2006). *CONfines de Relaciones Internacionales y Ciencia Política 4-7*, 42-52.
- Oakeshott, M. (1991). *Rationalism in Politics and Other Essays*. EUA: Liberty Press.
- Ospina, H. C. (2003). *El paramilitarismo como estrategia contrainsurgente en Colombia*. Obtido em 17 de Março de 2016, de Le Monde Diplomatique: <http://monde-diplomatique.es/2003/04/ospina.html>
- Ospina-Ovalle, C. (Março de 2008). La derrota de las FARC. *Regional Insights 5*, 2-8.
- Patrício, R. d. (2012). *Estudos de Área: América Latina - Uma visão da América Latina*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Pérez, E. (2016). *Negociar con los cárteles, una propuesta (¿loca?) del expresidente de México, Vicente Fox*. Obtido em 12 de Maio de 2016, de Yahoo! Noticias: <https://es-us.noticias.yahoo.com/negociar-con-los-c%C3%A1rteles-una-propuesta-loca-212448520.html>
- Platão. (2014). *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Poniatowska, E. (2001). *La Noche de Tlatelolco*. México: Era.

- Portocarrero, G. (2012). *Profetas del Odio*. Lima: Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú.
- Prieto, A. (2009). *Procesos Revolucionarios en América Latina*. México: Ocean Sur.
- Rosas, J. C., & Ferreira, A. R. (2013). *Ideologías Políticas Contemporâneas*. Coimbra: Almedina.
- School, N. P. (2014). *Narcocultura: A Threat to Mexican National Security*. Reino Unido: CreateSpace.
- Semana. (2009). *Las Farc por dentro*. Obtido em 6 de Maio de 2016, de Semana: <http://www.semana.com/nacion/articulo/las-farc-dentro/110410-3>
- Steger, M. B., & Roy, R. K. (2013). *Introdução ao Neoliberalismo*. Lisboa: Actual Editora.
- Tuckman, J. (2012). *Mexico: Democracy Interrupted*. Reino Unido: Yale University Press.
- Tutino, J. (2012). *Mexico & Mexicans in the Making of the United States*. EUA: University of Texas Press.
- Uribe, A. G., & Londoño, D. M. (2011). *Políticas antidroga en Colombia: éxitos, fracasos y extravíos*. Bogotá: Uniandes.
- Vargas, A. (2011). *Fuerzas Armadas en la Política Antidrogas: Bolivia, Colombia y México*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. División de Investigaciones: Instituto Unidad de Investigaciones Jurídico-Sociales Gerardo Molina (UNIJUS).
- Vezzetti, H. (2009). *Sobre la violencia revolucionaria*. Buenos Aires: siglo veintiuno.
- Watt, P., & Zepeda, R. (2012). *Drug War Mexico*. Londres: Zed Books.
- Williamson, E. (2009). *The Penguin History of Latin America*. Reino Unido: Penguin Books.

